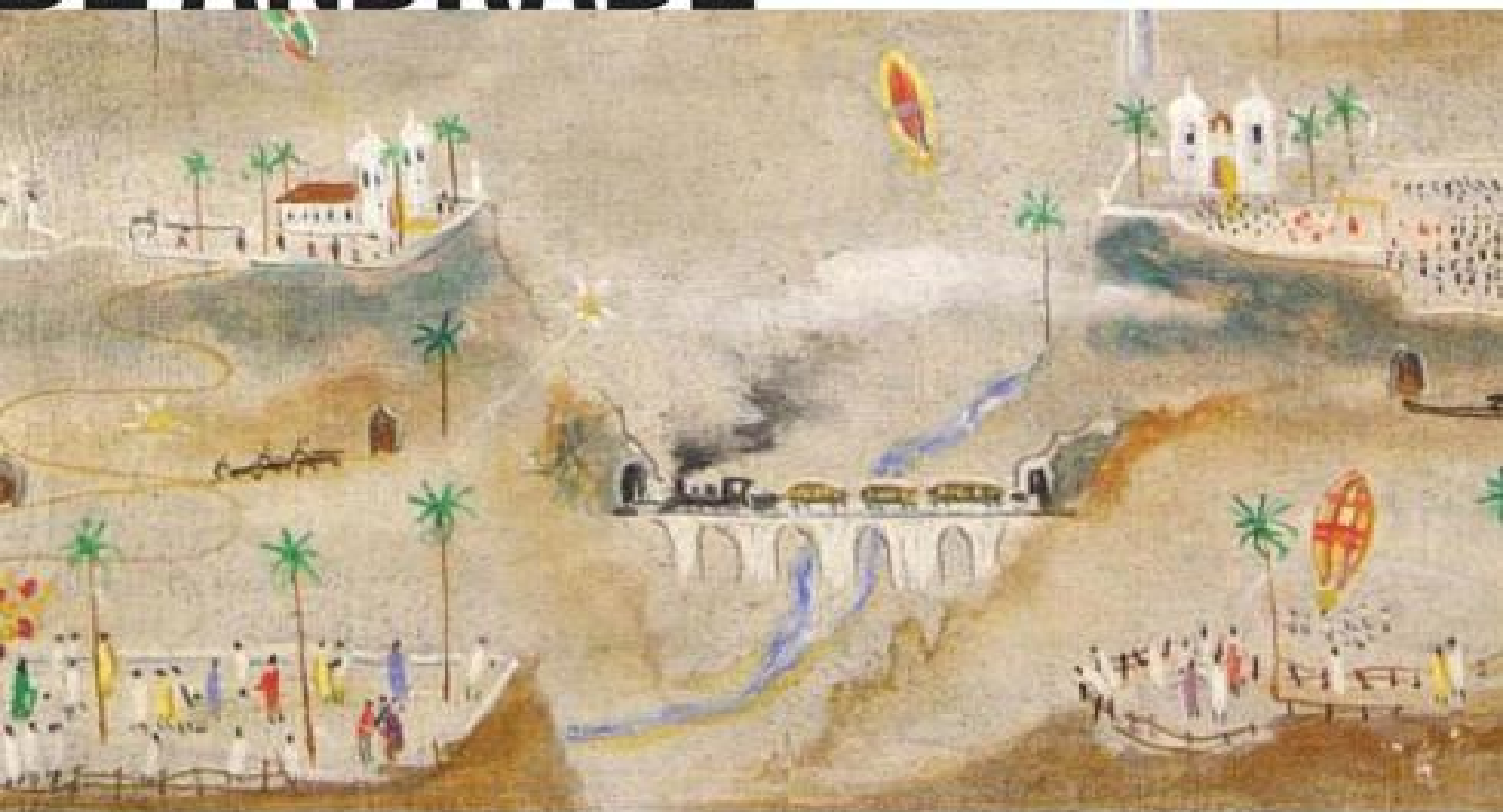


# ANTOLOGIA POÉTICA

## CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



# dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

# ANTOLOGIA POÉTICA

ORGANIZADA PELO AUTOR

COMPANHIA DAS LETRAS

coleção carlos drummond de andrade

conselho editorial

Antonio Carlos Secchin

Davi Arriguucci Jr.

Eucanaã Ferraz

Samuel Titan Jr.

# Sumário

## Informação

um eu todo retorcido

Poema de sete faces

Soneto da perda da esperança

Poema patético

Dentaduras duplas

A bruxa

José

A mão suja

A flor e a náusea

Consolo na praia

Idade madura

Versos à boca da noite

Indicações

Os últimos dias

Aspiração

A música barata

Estrambote melancólico

Nudez

O enterrado vivo

uma província: esta

Cidadezinha qualquer

Romaria

Confidência do itabirano

Evocação mariana

Canção da Moça-Fantasma de Belo Horizonte

Morte de Neco Andrade

Estampas de Vila Rica  
Prece de mineiro no Rio

a família que me dei  
Retrato de família  
Os bens e o sangue  
Infância  
Viagem na família  
Convívio  
Perguntas  
Carta  
A mesa  
Ser  
A Luis Mauricio, infante

cantar de amigos  
Ode no cinquentenário do poeta brasileiro  
Mário de Andrade desce aos infernos  
Viagem de Américo Facó  
Conhecimento de Jorge de Lima  
A mão  
A Federico García Lorca  
Canto ao homem do povo Charlie Chaplin

na praça de convites  
Coração numeroso  
Sentimento do mundo  
Lembrança do mundo antigo  
Elegia 1938  
Mãos dadas  
Congresso Internacional do Medo  
Nosso tempo  
O elefante  
Desaparecimento de Luísa Porto  
Morte do leiteiro  
Os ombros suportam o mundo

Anúncio da rosa  
Contemplação no banco  
Canção amiga

amar-amaro  
O amor bate na aorta  
Quadrilha  
Necrológio dos desiludidos do amor  
Não se mate  
O mito  
Caso do vestido  
Campo de flores  
Escada  
Estâncias  
Ciclo  
Véspera  
Instante  
Os poderes infernais  
Soneto do pássaro  
O quarto em desordem  
Amar  
Entre o ser e as coisas  
Tarde de maio  
Fraga e sombra  
Canção para álbum de moça  
Rapto  
Memória  
Amar-amaro

poesia contemplada  
O lutador  
Procura da poesia  
Brinde no banquete das musas  
Oficina irritada  
Poema-orelha

## Conclusão

uma, duas argolinhas

Sinal de apito

Política literária

Os materiais da vida

Áporo

Caso pluvioso

tentativa de exploração e de  
interpretação do estar-no-mundo

No meio do caminho

Os mortos de sobrecasaca

Os animais do presépio

Cantiga de enganar

Tristeza no céu

Rola mundo

A máquina do mundo

Jardim

Composição

Cerâmica

Relógio do Rosário

Domicílio

Canto esponjoso

O arco

Especulações em torno da palavra homem

Descoberta

Eterno

Maralto

A um hotel em demolição

A ingaia ciência

Segredo

Vida menor

Resíduo

Movimento da espada

Intimação



[Canto negro](#)  
[Os dois vigários](#)  
[Elegia](#)

[Posfácio](#)

[antonio cicero](#)  
[Leituras recomendadas](#)  
[Cronologia](#)  
[Crédito das imagens](#)  
[Índice de primeiros versos](#)

## Livros presentes nesta antologia

Alguma poesia (ap)  
Brejo das almas (ba)  
Boitempo (bo)  
Claro enigma (ce)  
Fazendeiro do ar (fa)  
José (jo)  
Lição de coisas (lc)  
Novos poemas (np)  
A rosa do povo (rp)  
Sentimento do mundo (sm)  
Viola de bolso (vb)  
A vida passada a limpo (vpl)

# **ANTOLOGIA POÉTICA**

# informação

nota da primeira edição

Ao organizar este volume, o autor não teve em mira, propriamente, selecionar poemas pela qualidade, nem pelas fases que acaso se observem em sua carreira poética. Cuidou antes de localizar, na obra publicada, certas características, preocupações e tendências que a condicionam ou definem, em conjunto. A *Antologia* lhe pareceu assim mais vertebrada e, por outro lado, espelho mais fiel.

Escolhidos e agrupados os poemas sob esse critério, resultou uma *Antologia* que não segue a divisão por livros nem obedece a cronologia rigorosa. O texto foi distribuído em nove seções, cada uma contendo material extraído de diferentes obras, e disposto segundo uma ordem interna. O leitor encontrará assim, como pontos de partida ou matéria de poesia: 1) O indivíduo; 2) A terra natal; 3) A família; 4) Amigos; 5) O choque social; 6) O conhecimento amoroso; 7) A própria poesia; 8) Exercícios lúdicos; 9) Uma visão, ou tentativa de, da existência.

Algumas poesias caberiam talvez em outra seção que não a escolhida, ou em mais de uma. A razão da escolha está na tônica da composição, ou no engano do autor. De qualquer modo, é uma arrumação, ou pretende ser.

c.d.a.

Rio de Janeiro, 1962

um eu todo retorcido

## poema de sete faces

Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra  
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida.

As casas espiam os homens  
que correm atrás de mulheres.  
A tarde talvez fosse azul,  
não houvesse tantos desejos.

O bonde passa cheio de pernas:  
pernas brancas pretas amarelas.  
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração.  
Porém meus olhos  
não perguntam nada.

O homem atrás do bigode  
é sério, simples e forte.  
Quase não conversa.  
Tem poucos, raros amigos  
o homem atrás dos óculos e do bigode.

Meu Deus, por que me abandonaste  
se sabias que eu não era Deus  
se sabias que eu era fraco.

Mundo mundo vasto mundo,  
se eu me chamasse Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução.  
Mundo mundo vasto mundo,

mais vasto é meu coração.

Eu não devia te dizer  
mas essa lua  
mas esse conhaque  
botam a gente comovido como o diabo.

(ap)

## soneto da perda da esperança

Perdi o bonde e a esperança.  
Volto pálido para casa.  
A rua é inútil e nenhum auto  
passaria sobre meu corpo.

Vou subir a ladeira lenta  
em que os caminhos se fundem.  
Todos eles conduzem ao  
princípio do drama e da flora.

Não sei se estou sofrendo  
ou se é alguém que se diverte  
por que não? na noite escassa

com um insolúvel flautim.  
Entretanto há muito tempo  
nós gritamos: sim! ao eterno.

(ba)



## poema patético

Que barulho é esse na escada?  
É o amor que está acabando,  
é o homem que fechou a porta  
e se enforcou na cortina.

Que barulho é esse na escada?  
É Guiomar que tapou os olhos  
e se assoou com estrondo.  
É a lua imóvel sobre os pratos  
e os metais que brilham na copa.

Que barulho é esse na escada?  
É a torneira pingando água,  
é o lamento imperceptível  
de alguém que perdeu no jogo  
enquanto a banda de música  
vai baixando, baixando de tom.

Que barulho é esse na escada?  
É a virgem com um trombone,  
a criança com um tambor,  
o bispo com uma campainha  
e alguém abafando o rumor  
que salta de meu coração.

(ba)

# dentaduras duplas

*A Onestaldo de Pennafort*

Dentaduras duplas!  
Inda não sou bem velho  
para merecer-vos...  
Há que contentar-me  
com uma ponte móvel  
e esparsas coroas.  
(Coroas sem reino,  
os reinos protéticos  
de onde proviestes  
quando produzirão  
a tripla dentadura,  
dentadura múltipla,  
a serra mecânica,  
sempre desejada,  
jamais possuída,  
que acabará  
com o tédio da boca,  
a boca que beija,  
a boca romântica?...)

Resovin! Hecolite!  
Nomes de países?  
Fantasmas femininos?  
Nunca: dentaduras,  
engenhos modernos,  
práticos, higiênicos,  
a vida habitável:  
a boca mordendo,

os delirantes lábios  
apenas entreabertos  
num sorriso técnico,  
e a língua especiosa  
através dos dentes  
buscando outra língua,  
afinal sossegada...  
A serra mecânica  
não tritura amor.  
E todos os dentes  
extraídos sem dor.  
E a boca liberta  
das funções poético-  
-sofístico-dramáticas  
de que rezam filmes  
e velhos autores.

Dentaduras duplas:  
dai-me enfim a calma  
que Bilac não teve  
para envelhecer.  
Desfibrarei convosco  
doces alimentos,  
serei casto, sóbrio,  
não vos aplicando  
na deleitação convulsa  
de uma carne triste  
em que tantas vezes  
eu me perdi.

Largas dentaduras,  
vosso riso largo  
me consolará  
não sei quantas fomes  
ferozes, secretas  
no fundo de mim.

Não sei quantas fomes  
jamais compensadas.  
Dentaduras alvas,  
antes amarelas  
e por que não cromadas  
e por que não de âmbar?  
de âmbar! de âmbar!  
feéricas dentaduras,  
admiráveis presas,  
mastigando lestas  
e indiferentes  
a carne da vida!

(sm)

# a bruxa

*A Emil Farhat*

Nesta cidade do Rio,  
de dois milhões de habitantes,  
estou sozinho no quarto,  
estou sozinho na América.

Estarei mesmo sozinho?  
Ainda há pouco um ruído  
anunciou vida a meu lado.  
Certo não é vida humana,  
mas é vida. E sinto a bruxa  
presa na zona de luz.

De dois milhões de habitantes!  
E nem precisava tanto...  
Precisava de um amigo,  
desses calados, distantes,  
que leem verso de Horácio  
mas secretamente influem  
na vida, no amor, na carne.  
Estou só, não tenho amigo,  
e a essa hora tardia  
como procurar amigo?

E nem precisava tanto.  
Precisava de mulher  
que entrasse neste minuto,  
recebesse este carinho,  
salvasse do aniquilamento

um minuto e um carinho loucos  
que tenho para oferecer.

Em dois milhões de habitantes,  
quantas mulheres prováveis  
interrogam-se no espelho  
medindo o tempo perdido  
até que venha a manhã  
trazer leite, jornal e calma.  
Porém a essa hora vazia  
como descobrir mulher?

Esta cidade do Rio!  
Tenho tanta palavra meiga,  
conheço vozes de bichos,  
sei os beijos mais violentos,  
viajei, briguei, aprendi.  
Estou cercado de olhos,  
de mãos, afetos, procuras.  
Mas se tento comunicar-me,  
o que há é apenas a noite  
e uma espantosa solidão.

Companheiros, escutai-me!  
Essa presença agitada  
querendo romper a noite  
não é simplesmente a bruxa.  
É antes a confiança  
exalando-se de um homem.

(jo)

josé

E agora, José?  
A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora, José?  
e agora, você?  
você que é sem nome,  
que zomba dos outros,  
você que faz versos,  
que ama, protesta?  
e agora, José?

Está sem mulher,  
está sem discurso,  
está sem carinho,  
já não pode beber,  
já não pode fumar,  
cuspir já não pode,  
a noite esfriou,  
o dia não veio,  
o bonde não veio,  
o riso não veio,  
não veio a utopia  
e tudo acabou  
e tudo fugiu  
e tudo mofou,  
e agora, José?

E agora, José?  
Sua doce palavra,  
seu instante de febre,  
sua gula e jejum,  
sua biblioteca,  
sua lavra de ouro,  
seu terno de vidro,  
sua incoerência,  
seu ódio — e agora?

Com a chave na mão  
quer abrir a porta,  
não existe porta;  
quer morrer no mar,  
mas o mar secou;  
quer ir para Minas,  
Minas não há mais.  
José, e agora?

Se você gritasse,  
se você gemesse,  
se você tocasse  
a valsa vienense,  
se você dormisse,  
se você cansasse,  
se você morresse...  
Mas você não morre,  
você é duro, José!

Sozinho no escuro  
qual bicho do mato,  
sem teogonia,  
sem parede nua  
para se encostar,  
sem cavalo preto  
que fuja a galope,



você marcha, José!  
José, para onde?

(jo)

## a mão suja

Minha mão está suja.  
Preciso cortá-la.  
Não adianta lavar.  
A água está podre.  
Nem ensaboar.  
O sabão é ruim.  
A mão está suja,  
suja há muitos anos.

A princípio oculta  
no bolso da calça,  
quem o saberia?  
Gente me chamava  
na ponta do gesto.  
Eu seguia, duro.  
A mão escondida  
no corpo espalhava  
seu escuro rastro.  
E vi que era igual  
usá-la ou guardá-la.  
O nojo era um só.

Ai, quantas noites  
no fundo da casa  
lavei essa mão,  
poli-a, escovei-a.  
Cristal ou diamante,  
por maior contraste,  
quisera torná-la,

ou mesmo, por fim,  
uma simples mão branca,  
mão limpa de homem,  
que se pode pegar  
e levar à boca  
ou prender à nossa  
num desses momentos  
em que dois se confessam  
sem dizer palavra...  
A mão incurável  
abre dedos sujos.

E era um sujo vil,  
não sujo de terra,  
sujo de carvão,  
casca de ferida,  
suor na camisa  
de quem trabalhou.  
Era um triste sujo  
feito de doença  
e de mortal desgosto  
na pele enfarada.  
Não era sujo preto  
— o preto tão puro  
numa coisa branca.  
Era sujo pardo,  
pardo, tardo, cardo.

Inútil reter  
a ignóbil mão suja  
posta sobre a mesa.  
Depressa, cortá-la,  
fazê-la em pedaços  
e jogá-la ao mar!  
Com o tempo, a esperança  
e seus maquinismos,

outra mão virá  
pura — transparente —  
colar-se a meu braço.

(jo)

## a flor e a náusea

Preso à minha classe e a algumas roupas,  
vou de branco pela rua cinzenta.  
Melancolias, mercadorias espreitam-me.  
Devo seguir até o enjoo?  
Posso, sem armas, revoltar-me?

Olhos sujos no relógio da torre:  
Não, o tempo não chegou de completa justiça.  
O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e  
espera.  
O tempo pobre, o poeta pobre  
fundem-se no mesmo impasse.

Em vão me tento explicar, os muros são surdos.  
Sob a pele das palavras há cifras e códigos.  
O sol consola os doentes e não os renova.  
As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem  
ênfase.

Vomitam esse tédio sobre a cidade.  
Quarenta anos e nenhum problema  
resolvido, sequer colocado.  
Nenhuma carta escrita nem recebida.  
Todos os homens voltam para casa.  
Estão menos livres mas levam jornais  
e soletram o mundo, sabendo que o perdem.

Crimes da terra, como perdoá-los?  
Tomei parte em muitos, outros escondi.

Alguns achei belos, foram publicados.  
Crimes suaves, que ajudam a viver.  
Ração diária de erro, distribuída em casa.  
Os ferozes padeiros do mal.  
Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.  
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.  
Porém meu ódio é o melhor de mim.  
Com ele me salvo  
e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!  
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.  
Uma flor ainda desbotada  
ilude a polícia, rompe o asfalto.  
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,  
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.  
Suas pétalas não se abrem.  
Seu nome não está nos livros.  
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da  
tarde  
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.  
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.  
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em  
pânico.

É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o  
ódio.

(rp)

## consolo na praia

Vamos, não chores...  
A infância está perdida.  
A mocidade está perdida.  
Mas a vida não se perdeu.

O primeiro amor passou.  
O segundo amor passou.  
O terceiro amor passou.  
Mas o coração continua.

Perdeste o melhor amigo.  
Não tentaste qualquer viagem.  
Não possuis casa, navio, terra.  
Mas tens um cão.

Algumas palavras duras,  
em voz mansa, te golpearam.  
Nunca, nunca cicatrizam.  
Mas, e o *humour*?

A injustiça não se resolve.  
À sombra do mundo errado  
murmuraste um protesto tímido.  
Mas virão outros.

Tudo somado, devias  
precipitar-te — de vez — nas águas.  
Estás nu na areia, no vento...  
Dorme, meu filho.

(rp)



# idade madura

As lições da infância  
desaprendidas na idade madura.  
Já não quero palavras  
nem delas careço.  
Tenho todos os elementos  
ao alcance do braço.  
Todas as frutas  
e consentimentos.  
Nenhum desejo débil.  
Nem mesmo sinto falta  
do que me completa e é quase sempre melancólico.

Estou solto no mundo largo.  
Lúcido cavalo  
com substância de anjo  
circula através de mim.  
Sou varado pela noite, atravesso os lagos frios,  
absorvo epopeia e carne,  
bebo tudo,  
desfaço tudo,  
torno a criar, a esquecer-me:  
durmo agora, recomeço ontem.

De longe vieram chamar-me.  
Havia fogo na mata.  
Nada pude fazer,  
nem tinha vontade.  
Toda a água que possuía  
irrigava jardins particulares

de atletas retirados, freiras surdas, funcionários  
demitidos.

Nisso vieram os pássaros,  
rubros, sufocados, sem canto,  
e pousaram a esmo.  
Todos se transformaram em pedra.  
Já não sinto piedade.

Antes de mim outros poetas,  
depois de mim outros e outros  
estão cantando a morte e a prisão.  
Moças fatigadas se entregam, soldados se matam  
no centro da cidade vencida.  
Resisto e penso  
numa terra enfim despojada de plantas inúteis,  
num país extraordinário, nu e terno,  
qualquer coisa de melodioso,  
não obstante mudo,  
além dos desertos onde passam tropas, dos morros  
onde alguém colocou bandeiras com enigmas,  
e resolvo embriagar-me.

Já não dirão que estou resignado  
e perdi os melhores dias.  
Dentro de mim, bem no fundo,  
há reservas colossais de tempo,  
futuro, pós-futuro, pretérito,  
há domingos, regatas, procissões,  
há mitos proletários, condutos subterrâneos,  
janelas em febre, massas de água salgada, meditação e  
sarcasmo.

Ninguém me fará calar, gritarei sempre  
que se abafe um prazer, apontarei os desanimados,  
negociarei em voz baixa com os conspiradores,  
transmitirei recados que não se ousa dar nem receber,

serei, no circo, o palhaço,  
serei médico, faca de pão, remédio, toalha,  
serei bonde, barco, loja de calçados, igreja, enxovia,  
serei as coisas mais ordinárias e humanas, e também  
[as excepcionais:  
tudo depende da hora  
e de certa inclinação feérica,  
viva em mim qual um inseto.

Idade madura em olhos, receitas e pés, ela me invade  
com sua maré de ciências afinal superadas.  
Posso desprezar ou querer os institutos, as lendas,  
descobri na pele certos sinais que aos vinte anos não via.  
Eles dizem o caminho,  
embora também se acovardem  
em face a tanta claridade roubada ao tempo.  
Mas eu sigo, cada vez menos solitário,  
em ruas extremamente dispersas,  
transito no canto do homem ou da máquina que roda,  
aborreço-me de tanta riqueza, jogo-a toda por um  
número de  
[casa,  
e ganho.

(rp)

## versos à boca da noite

Sinto que o tempo sobre mim abate  
sua mão pesada. Rugas, dentes, calva...  
Uma aceitação maior de tudo,  
e o medo de novas descobertas.

Escreverei sonetos de madureza?  
Darei aos outros a ilusão de calma?  
Serei sempre louco? Sempre mentiroso?  
Acreditarei em mitos? Zombarei do mundo?

Há muito suspeitei o velho em mim.  
Ainda criança, já me atormentava.  
Hoje estou só. Nenhum menino salta  
de minha vida, para restaurá-la.

Mas se eu pudesse recomeçar o dia!  
Usar de novo minha adoração,  
meu grito, minha fome... Vejo tudo  
impossível e nítido, no espaço.

Lá onde não chegou minha ironia,  
entre ídolos de rosto carregado,  
ficaste, explicação de minha vida,  
como os objetos perdidos na rua.

As experiências se multiplicaram:  
viagens, furtos, altas solidões,  
o desespero, agora cristal frio,  
a melancolia, amada e repelida,

e tanta indecisão entre dois mares,  
entre duas mulheres, duas roupas.  
Toda essa mão para fazer um gesto  
que de tão frágil nunca se modela,

e fica inerte, zona de desejo  
selada por arbustos agressivos.  
(Um homem se contempla sem amor,  
se despe sem qualquer curiosidade.)

Mas vêm o tempo e a ideia de passado  
visitar-te na curva de um jardim.  
Vem a recordação, e te penetra  
dentro de um cinema, subitamente.

E as memórias escorrem do pescoço,  
do paletó, da guerra, do arco-íris;  
enroscam-se no sono e te perseguem,  
à busca de pupila que as reflita.

E depois das memórias vem o tempo  
trazer novo sortimento de memórias,  
até que, fatigado, te recuses  
e não saibas se a vida é ou foi.

Esta casa, que miras de passagem,  
estará no Acre? na Argentina? em ti?  
Que palavra escutaste, aonde, quando?  
seria indiferente ou solidária?

Um pedaço de ti rompe a neblina,  
voa talvez para a Bahia e deixa  
outros pedaços, dissolvidos no atlas,  
em País-do-riso e em tua ama preta.

Que confusão de coisas ao crepúsculo!  
Que riqueza! sem préstimo, é verdade.  
Bom seria captá-las e compô-las  
num todo sábio, posto que sensível:

uma ordem, uma luz, uma alegria  
baixando sobre o peito despojado.  
E já não era o furor dos vinte anos  
nem a renúncia às coisas que elegeu,

mas a penetração no lenho dócil,  
um mergulho em piscina, sem esforço,  
um achado sem dor, uma fusão,  
tal uma inteligência do universo

comprada em sal, em rugas e cabelo.

(rp)

## indicações

Talvez uma sensibilidade maior ao frio,  
desejo de voltar mais cedo para casa.  
Certa demora em abrir o pacote de livros  
esperado, que trouxe o correio.  
Indecisão: irei ao cinema?  
Dos três empregos de tua noite escolherás: nenhum.  
Talvez certo olhar, mais sério, não ardente,  
que pousas nas coisas, e elas compreendem.

Ou pelo menos supões que sim. São fiéis, as coisas  
de teu escritório. A caneta velha. Recusas-te a trocá-la  
pela que encerra o último segredo químico, a tinta  
imortal.

Certas manchas na mesa, que não sabes se o tempo,  
se a madeira, se o pó trouxeram consigo.  
Bem a conheces, tua mesa. Cartas, artigos, poemas  
saíram dela, de ti. Da dura substância,  
do calmo, da floresta partida elas vieram,  
as palavras que achaste e juntaste, distribuindo-as.

A mão passa  
na aspereza. O verniz que se foi. Não. É a árvore  
que regressa. A estrada voltando. Minas que espreita,  
e espera, longamente espera tua volta sem som.  
A mesa se torna leve, e nela viajas  
em ares de paciência, acordo, resignação.  
Olhai a mesa que foge, não a toqueis. É a mesa volante,  
de suas gavetas saltam papéis escuros, enfim os  
libertados

[segredos  
sobre a terra metálica se espalham, se amortalham e  
calam-se.

De novo aqui, miúdo território  
civil, sem sonhos. Como pressentindo  
que um dia se esvaziam os quartos, se limpam as  
paredes,  
e para um caminhão e descem carregadores,  
e no livro municipal se cancela um registro,  
olhas fundamentalmente o risco de cada  
coisa, a cor  
de cada face dos objetos familiares.  
A família é pois uma arrumação de móveis, soma  
de linhas, volumes, superfícies. E são portas,  
chaves, pratos, camas, embrulhos esquecidos,  
também um corredor, e o espaço  
entre o armário e a parede  
onde se deposita certa porção de silêncio, traças e poeira  
que de longe em longe se remove... e insiste.

Certamente faltam muitas explicações, seria difícil  
compreender, mesmo ao cabo de longo tempo, por que  
um gesto  
se abriu, outro se frustrou, tantos esboçados,  
como seria impossível guardar todas as vozes  
ouvidas ao almoço, ao jantar, na pausa da noite,  
um ano, depois outro, e outros e outros,  
todas as vozes ouvidas na casa durante quinze anos.  
Entretanto, devem estar em alguma parte: acumularam-  
se,  
embeberam degraus, invadiram canos,  
informaram velhos papéis, perderam a força, o calor,  
existem hoje em subterrâneos, umas na memória, outras  
[na argila do sono.



Como saber? A princípio parece deserto,  
como se nada ficasse, e um rio corresse  
por tua casa, tudo absorvendo.  
Lençóis amarelecem, gravatas puem,  
a barba cresce, cai, os dentes caem,  
os braços caem,  
caem partículas de comida de um garfo hesitante,  
as coisas caem, caem, caem,  
e o chão está limpo, é liso.  
Pessoas deitam-se, são transportadas, desaparecem,  
e tudo é liso, salvo teu rosto  
sobre a mesa curvado; e tudo imóvel.

(rp)

# os últimos dias

Que a terra há de comer.  
Mas não coma já.

Ainda se mova,  
para o ofício e a posse.

E veja alguns sítios  
antigos, outros inéditos.

Sinta frio, calor, cansaço;  
pare um momento; continue.

Descubra em seu movimento  
forças não sabidas, contatos.

O prazer de estender-se; o de  
enrolar-se, ficar inerte.

Prazer de balanço, prazer de voo.

Prazer de ouvir música;  
sobre papel deixar que a mão deslize.

Irredutível prazer dos olhos;  
certas cores: como se desfazem, como aderem;  
certos objetos, diferentes a uma luz nova.

Que ainda sinta cheiro de fruta,  
de terra na chuva, que pegue,

que imagine e grave, que lembre.

O tempo de conhecer mais algumas pessoas,  
de aprender como vivem, de ajudá-las.

De ver passar este conto: o vento  
balançando a folha; a sombra  
da árvore, parada um instante,  
alongando-se com o sol, e desfazendo-se  
numa sombra maior, de estrada sem trânsito.

E de olhar esta folha, se cai.  
Na queda retê-la. Tão seca, tão morna.

Tem na certa um cheiro, particular entre mil.  
Um desenho, que se produzirá ao infinito,  
e cada folha é uma diferente.

E cada instante é diferente, e cada  
homem é diferente, e somos todos iguais.  
No mesmo ventre o escuro inicial, na mesma terra  
o silêncio global, mas não seja logo.

Antes dele outros silêncios penetrem,  
outras solidões derrubem ou acalentem  
meu peito; ficar parado em frente desta estátua: é um  
torso  
de mil anos, recebe minha visita, prolonga  
para trás meu sopro, igual a mim  
na calma, não importa o mármore, completa-me.

O tempo de saber que alguns erros caíram, e a raiz  
da vida ficou mais forte, e os naufrágios  
não cortaram essa ligação subterrânea entre homens e  
coisas:

que os objetos continuam, e a trepidação incessante  
não desfigurou o rosto dos homens;  
que somos todos irmãos, insisto.

Em minha falta de recursos para dominar o fim,  
entretanto me sinta grande, tamanho de criança,  
tamanho de torre,  
tamanho da hora, que se vai acumulando século após  
século

[e causa vertigem,  
tamanho de qualquer João, pois somos todos irmãos.

E a tristeza de deixar os irmãos me faça desejar  
partida menos imediata. Ah, podeis rir também,  
não da dissolução, mas do fato de alguém resistir-lhe,  
de outros virem depois, de todos sermos irmãos,  
no ódio, no amor, na incompreensão e no sublime  
cotidiano, tudo, mas tudo é nosso irmão.

O tempo de despedir-me e contar  
que não espero outra luz além da que nos envolveu  
dia após dia, noite em seguida a noite, fraco pavio,  
pequena ampola fulgurante, facho, lanterna, faísca,  
estrelas reunidas, fogo na mata, sol no mar,  
mas que essa luz basta, a vida é bastante, que o tempo  
é boa medida, irmãos, vivamos o tempo.

A doença não me intimide, que ela não possa  
chegar até aquele ponto do homem onde tudo se explica.  
Uma parte de mim sofre, outra pede amor,  
outra viaja, outra discute, uma última trabalha,  
sou todas as comunicações, como posso ser triste?

A tristeza não me liquide, mas venha também  
na noite de chuva, na estrada lamacenta, no bar  
fechando-se,

que lute lealmente com sua presa,  
e reconheça o dia entrando em explosões de confiança,  
[esquecimento, amor,  
ao fim da batalha perdida.

Este tempo, e não outro, sature a sala, banhe os livros,  
nos bolsos, nos pratos se insinue: com sórdido ou  
potente clarão.

E todo o mel dos domingos se tire;  
o diamante dos sábados, a rosa  
de terça, a luz de quinta, a mágica  
de horas matinais, que nós mesmos elegemos  
para nossa pessoal despesa, essa parte secreta  
de cada um de nós, no tempo.

E que a hora esperada não seja vil, manchada de medo,  
submissão ou cálculo. Bem sei, um elemento de dor  
rói sua base. Será rígida, sinistra, deserta,  
mas não a quero negando as outras horas nem as  
palavras  
ditas antes com voz firme, os pensamentos  
maduramente pensados, os atos  
que atrás de si deixaram situações.  
Que o riso sem boca não a aterrorize  
e a sombra da cama calcária não a encha de súplicas,  
dedos torcidos, lívido  
suor de remorso.

E a matéria se veja acabar: adeus, composição  
que um dia se chamou Carlos Drummond de Andrade.  
Adeus, minha presença, meu olhar e minhas veias  
grossas,  
meus sulcos no travesseiro, minha sombra no muro,  
sinal meu no rosto, olhos míopes, objetos de uso pessoal,  
ideia  
[de justiça, revolta e sono, adeus,

vida aos outros legada.

(rp)

# aspiração

Já não queria a maternal adoração  
que afinal nos exaure, e resplandece em pânico,  
tampouco o sentimento de um achado precioso  
como o de Catarina Kippenberg aos pés de Rilke.

E não queria o amor, sob disfarces tontos  
da mesma ninfa desolada no seu ermo  
e a constante procura de sede e não de linfa,  
e não queria também a simples rosa do sexo,

abscôndita, sem nexos, nas hospedarias do vento,  
como ainda não quero a amizade geométrica  
de almas que se elegeram numa seara orgulhosa,  
imbricamento, talvez? de carências melancólicas.

Aspiro antes à fiel indiferença  
mas pausada bastante para sustentar a vida  
e, na sua indiscriminação de crueldade e diamante,  
capaz de sugerir o fim sem a injustiça dos prêmios.

(ce)

## a música barata

Paloma, Violetera, Feuilles Mortes,  
Saudades do Matão e de mais quem?  
A música barata me visita  
e me conduz  
para um pobre nirvana à minha imagem.

Valsas e canções engavetadas  
num armário que vibra de guardá-las,  
no velho armário, cedro, pinho ou...?  
(O marceneiro ao fazê-lo bem sabia  
quanto essa madeira sofreria.)

Não quero Handel para meu amigo  
nem ouço a matinada dos arcanjos.  
Basta-me  
o que veio da rua, sem mensagem,  
e, como nos perdemos,  
se perdeu.

(lc)



## estrambote melancólico

Tenho saudade de mim mesmo, saudade sob aparência de remorso, de tanto que não fui, a só, a esmo, e de minha alta ausência em meu redor. Tenho horror, tenho pena de mim mesmo e tenho muitos outros sentimentos violentos. Mas se esquivam no inventário, e meu amor é triste como é vário, e sendo vário é um só. Tenho carinho por toda perda minha na corrente que de mortos a vivos me carrega e a mortos restitui o que era deles mas em mim se guardava. A estrela-d'alva penetra longamente seu espinho

(e cinco espinhos são) na minha mão.

(fa)

## nudez

Não cantarei amores que não tenho,  
e, quando tive, nunca celebrei.  
Não cantarei o riso que não rira  
e que, se risse, ofertaria a pobres.  
Minha matéria é o nada.  
Jamais ousei cantar algo de vida:  
se o canto sai da boca ensimesmada,  
é porque a brisa o trouxe, e o leva a brisa,  
nem sabe a planta o vento que a visita.

Ou sabe? Algo de nós acaso se transmite,  
mas tão disperso, e vago, tão estranho,  
que, se regressa a mim que o apascentava,  
o ouro suposto é nele cobre e estanho,  
estanho e cobre,  
e o que não é maleável deixa de ser nobre,  
nem era amor aquilo que se amava.

Nem era dor aquilo que doía;  
ou dói, agora, quando já se foi?  
Que dor se sabe dor, e não se extingue?  
(Não cantarei o mar: que ele se vingue  
de meu silêncio, nesta concha.)  
Que sentimento vive, e já prospera  
cavando em nós a terra necessária  
para se sepultar à moda austera  
de quem vive sua morte?  
Não cantarei o morto: é o próprio canto.  
E já não sei do espanto,

da úmida assombração que vem do norte  
e vai do sul, e, quatro, aos quatro ventos,  
ajusta em mim seu terno de lamentos.  
Não canto, pois não sei, e toda sílaba  
acaso reunida  
a sua irmã, em serpes irritadas vejo as duas.

Amador de serpentes, minha vida  
passarei, sobre a relva debruçado,  
a ver a linha curva que se estende,  
ou se contrai e atrai, além da pobre  
área de luz de nossa geometria.  
Estanho, estanho e cobre,  
tais meus pecados, quanto mais fugi  
do que enfim capturei, não mais visando  
aos alvos imortais.

Ó descobrimento retardado  
pela força de ver.  
Ó encontro de mim, no meu silêncio,  
configurado, repleto, numa casta  
expressão de temor que se despede.  
O golfo mais dourado me circunda  
com apenas cerrar-se uma janela.  
E já não brinco a luz. E dou notícia  
estrita do que dorme,  
sob placa de estanho, sonho informe,  
um lembrar de raízes, ainda menos  
um calar de serenos  
desidratados, sublimes ossuários  
sem ossos;  
a morte sem os mortos; a perfeita  
anulação do tempo em tempos vários,  
essa nudez, enfim, além dos corpos,  
a modelar campinas no vazio  
da alma, que é apenas alma, e se dissolve.

(vpl)

## o enterrado vivo

É sempre no passado aquele orgasmo,  
é sempre no presente aquele duplo,  
é sempre no futuro aquele pânico.

É sempre no meu peito aquela garra.  
É sempre no meu tédio aquele aceno.  
É sempre no meu sono aquela guerra.

É sempre no meu trato o amplo distrato.  
Sempre na minha firma a antiga fúria.  
Sempre no mesmo engano outro retrato.

É sempre nos meus pulos o limite.  
É sempre nos meus lábios a estampilha.  
É sempre no meu não aquele trauma.

Sempre no meu amor a noite rompe.  
Sempre dentro de mim meu inimigo.  
E sempre no meu sempre a mesma ausência.

(fa)

uma província: esta

# cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras  
mulheres entre laranjeiras  
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.  
Um cachorro vai devagar.  
Um burro vai devagar.  
Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

(ap)

# romaria

*A Milton Campos*

Os romeiros sobem a ladeira  
cheia de espinhos, cheia de pedras,  
sobem a ladeira que leva a Deus  
e vão deixando culpas no caminho.

Os sinos tocam, chamam os romeiros:  
Vinde lavar os vossos pecados.  
Já estamos puros, sino, obrigados,  
mas trazemos flores, prendas e rezas.

No alto do morro chega a procissão.  
Um leproso de opa empunha o estandarte.  
As coxas das romeiras brincam no vento.  
Os homens cantam, cantam sem parar.

Jesus no lenho expira magoado.  
Faz tanto calor, há tanta algazarra.  
Nos olhos do santo há sangue que escorre.  
Ninguém não percebe, o dia é de festa.

No adro da igreja há pinga, café,  
imagens, fenômenos, baralhos, cigarros  
e um sol imenso que lambuza de ouro  
o pó das feridas e o pó das muletas.

Meu Bom Jesus que tudo podeis,  
humildemente te peço uma graça.  
Sarai-me, Senhor, e não desta lepra,



do amor que eu tenho e que ninguém me tem.

Senhor, meu amo, dai-me dinheiro,  
muito dinheiro para eu comprar  
aquilo que é caro mas é gostoso  
e na minha terra ninguém não possui.

Jesus meu Deus pregado na cruz,  
me dá coragem pra eu matar  
um que me amola de dia e de noite  
e diz gracinhas a minha mulher.

Jesus Jesus piedade de mim.  
Ladrão eu sou mas não sou ruim não.  
Por que me perseguem não posso dizer.  
Não quero ser preso, Jesus ó meu santo.

Os romeiros pedem com os olhos,  
pedem com a boca, pedem com as mãos.  
Jesus já cansado de tanto pedido  
dorme sonhando com outra humanidade.

[ap]

# confidência do itabirano

Alguns anos vivi em Itabira.  
Principalmente nasci em Itabira.  
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.  
Noventa por cento de ferro nas calçadas.  
Oitenta por cento de ferro nas almas.  
E esse alheamento do que na vida é porosidade e  
comunicação.

A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,  
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e  
sem  
    [horizontes.  
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,  
é doce herança itabirana.

De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:  
esta pedra de ferro, futuro aço do Brasil;  
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;  
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;  
este orgulho, esta cabeça baixa...

Tive ouro, tive gado, tive fazendas.  
Hoje sou funcionário público.  
Itabira é apenas uma fotografia na parede.  
Mas como dói!

(sm)

## evocação mariana

A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.  
Havia poucas flores. Eram flores de horta.  
Sob a luz fraca, na sombra esculpida  
(quais as imagens e quais os fiéis?)  
ficávamos.

Do padre cansado o murmúrio de reza  
subia às tábuas do forro,  
batia no púlpito seco,  
entranhava-se na onda, minúscula e forte, de incenso,  
perdia-se.

Não, não se perdia...  
Desatava-se do coro a música deliciosa  
(que esperas ouvir à hora da morte, ou depois da morte,  
nas  
[campinas do ar])  
e dessa música surgiam meninas — a alvura mesma —  
cantando.

De seu peso terrestre a nave libertada,  
como do tempo atroz imunes nossas almas,  
flutuávamos  
no canto matinal, sobre a treva do vale.

(ce)

# canção da moça-fantasma de belo horizonte

Eu sou a Moça-Fantasma  
que espera na Rua do Chumbo  
o carro da madrugada.  
Eu sou branca e longa e fria,  
a minha carne é um suspiro  
na madrugada da serra.  
Eu sou a Moça-Fantasma.  
O meu nome era Maria,  
Maria-Que-Morreu-Antes.

Sou a vossa namorada  
que morreu de apendicite,  
no desastre de automóvel  
ou suicidou-se na praia  
e seus cabelos ficaram  
longos na vossa lembrança.  
Eu nunca fui deste mundo:  
Se beijava, minha boca  
dizia de outros planetas  
em que os amantes se queimam  
num fogo casto e se tornam  
estrelas, sem ironia.

Morri sem ter tido tempo  
de ser vossa, como as outras.  
Não me conformo com isso,  
e quando as polícias dormem  
em mim e fora de mim,  
meu espectro itinerante

desce a Serra do Curral,  
vai olhando as casas novas,  
ronda as hortas amorosas  
(Rua Cláudio Manuel da Costa),  
para no Abrigo Ceará,  
não há abrigo. Um perfume  
que não conheço me invade:  
é o cheiro do vosso sono  
quente, doce, enrodilhado  
nos braços das espanholas...  
Oh! deixai-me dormir convosco.

E vai, como não encontro  
nenhum dos meus namorados,  
que as francesas conquistaram,  
e que beberam todo o uísque  
existente no Brasil  
(agora dormem embriagados),  
espreito os carros que passam  
com choferes que não suspeitam  
de minha brancura e fogem.  
Os tímidos guardas-civis,  
coitados! um quis me prender.  
Abri-lhe os braços... Incrédulo,  
me apalpou. Não tinha carne  
e por cima do vestido  
e por baixo do vestido  
era a mesma ausência branca,  
um só desespero branco...  
Podeis ver: o que era corpo  
foi comido pelo gato.

As moças que ainda estão vivas  
(hão de morrer, ficai certos)  
têm medo que eu apareça  
e lhes puxe a perna... Engano.

Eu fui moça, serei moça  
deserta, *per omnia saecula*.  
Não quero saber de moças.  
Mas os moços me perturbam.  
Não sei como libertar-me.  
Se o fantasma não sofresse,  
se eles ainda me gostassem  
e o espiritismo consentisse,  
mas eu sei que é proibido,  
vós sois carne, eu sou vapor.  
Um vapor que se dissolve  
quando o sol rompe na Serra.

Agora estou consolada,  
disse tudo que queria,  
subirei àquela nuvem,  
serei lâmina gelada,  
cintilarei sobre os homens.  
Meu reflexo na piscina  
da Avenida Paraúna  
(estrelas não se compreendem),  
ninguém o compreenderá.

(sm)

# morte de neco andrade

quando mataram

Neco Andrade, não pude sentir bastante emoção porque tinha de representar no teatrinho de amadores, e essa responsabilidade comprimia tudo.

A faca relumiou no campo — assim a vislumbrei, ao circular a notícia — e Neco, retorcendo-se, tombou do cavalo, e o assassino se curva para verificar a morte, e a tarde se enovela em vapores escuros, e desce a umidade.

Caminhei para o palco temeroso de não lembrar a frase longa e difícil que me cabia proferir. O mau amador vive roído de dúvidas. Receava a desaprovação do auditório, e sua prévia reflexão em mim já frustrava o gesto, já tolhia a produção do mais autêntico.

o cavalo

erra alguns instantes na planície, dedicação sem alvo. O assassino pondera o entardecer. E vela os despojos, enquanto mede as possibilidades de fuga. Evêm aí os soldados, atraídos pelo vento, pelo grito final do Andrade, pela secreta abdicação do criminoso, que, na medula, se sabe perdido. Não podemos matar nosso patrão; de ventre vazado, ele se vingará.

O cadáver de Neco atravessa canhestramente o segundo ato, da esquerda para a direita, volta, hesita, sai, instala-se nos bastidores embaixo da escada. As deixas perdem-se, o diálogo atropela-se, Neco está se esvaindo em silêncio e eu, seu primo, não sei socorrê-lo.

o assassino

chega preso, a multidão acode à cadeia, todos o contemplam a um metro, nem isso, de distância. Joana roça-lhe a manga do paletó, sujo de terra. Está sentado, mudo. Na casa de Neco, em frente à ponte, luzes se armam em velório, e a escada é toda sonora de botas e botinas rinchando.

Agora o palco ficou vazio para caber a forma baia e ondulante que progride, esmagando palavras. Da montaria de Neco pendem as caçambas de Neco. Vai pisar em mim. Afastou-se, no trote deserto.

seria remorso

por me consagrar ao espetáculo quando já o sabia morto? Não, que o espetáculo é grande, e seduzia para além da ordem moral. E nossos ramos de família nem se davam. Pena de perdê-lo, nutrida de alguma velha lembrança particular, que floresce mesmo entre clãs adversários? Pena comum, que toda morte violenta faz germinar? Nem isso. Mas o ventre vazado, como se fosse eu que o vazasse, eu menino, desarmado. Intestinos de Neco, emaranhados, insolentes, à vista de estranhos. Vede o interior de um homem, a sede da cólera; aqui os prazeres criaram raiz, e o que é obscuro em nosso olhar encontra explicação.

e tudo

se desvenda: sou responsável pela morte de Neco e pelo crime de Augusto, pelo cavalo que foge e pelo coro de viúvas pranteando. Não posso representar mais; por todo o sempre e antes do nunca sou responsável, responsável, responsável, responsável. Como as pedras são responsáveis, e os anjos, principalmente os anjos, são responsáveis.



(fa)

# estampas de vila rica

## i. carmo

Não calques o jardim  
nem assustes o pássaro.  
Um e outro pertencem  
aos mortos do Carmo.

Não bebas a esta fonte  
nem toques nos altares.  
Todas estas são prendas  
dos mortos do Carmo.

Quer nos azulejos  
ou no ouro da talha,  
olha: o que está vivo  
são mortos do Carmo.

## ii. são francisco de assis

Senhor, não mereço isto.  
Não creio em vós para vos amar.  
Trouxestes-me a São Francisco  
e me fazeis vosso escravo.

Não entrarei, senhor, no templo,  
seu frontispício me basta.  
Vossas flores e querubins  
são matéria de muito amar.

Dai-me, senhor, a só beleza

destes ornatos. E não a alma.  
Pressente-se dor de homem,  
paralela à das cinco chagas.

Mas entro e, senhor, me perco  
na rósea nave triunfal.  
Por que tanto baixar o céu?  
por que esta nova cilada?

Senhor, os púlpitos mudos  
entretanto me sorriem.  
Mais que vossa igreja, esta  
sabe a voz de me embalar.

Perdão, senhor, por não amar-vos.

iii. mercês de cima

Pequena prostituta em frente a Mercês de Cima.  
Dádiva de corpo na tarde cristã.  
Anjos caídos da portada  
e nenhum Aleijadinho para recolhê-los.

iv. hotel toffolo

E vieram dizer-nos que não havia jantar.  
Como se não houvesse outras fomes  
e outros alimentos.

Como se a cidade não nos servisse o seu pão  
de nuvens.

Não, hoteleiro, nosso repasto é interior,  
e só pretendemos a mesa.

Comeríamos a mesa, se no-lo ordenassem as Escrituras.  
Tudo se come, tudo se comunica,  
tudo, no coração, é ceia.

v. museu da inconfidência

São palavras no chão  
e memória nos autos.  
As casas inda restam,  
os amores, mais não.

E restam poucas roupas,  
sobrepeliz de pároco,  
a vara de um juiz,  
anjos, púrpuras, ecos.

Macia flor de olvido,  
sem aroma governas  
o tempo ingovernável.  
Muros pranteiam. Só.

Toda história é remorso.

(ce)

## prece de mineiro no rio

Espírito de Minas, me visita,  
e sobre a confusão desta cidade,  
onde voz e buzina se confundem,  
lança teu claro raio ordenador.  
Conserva em mim ao menos a metade  
do que fui de nascença e a vida esgarça:  
não quero ser um móvel num imóvel,  
quero firme e discreto o meu amor,  
meu gesto seja sempre natural,  
mesmo brusco ou pesado, e só me punja  
a saudade da pátria imaginária.  
Essa mesma, não muito. Balançando  
entre o real e o irreal, quero viver  
como é de tua essência e nos segredas,  
capaz de dedicar-me em corpo e alma,  
sem apego servil ainda o mais brando.  
Por vezes, emudeces. Não te sinto  
a soprar da azulada serrania  
onde galopam sombras e memórias  
de gente que, de humilde, era orgulhosa  
e fazia da crosta mineral  
um solo humano em seu despojamento.  
Outras vezes te invocam, mas negando-te,  
como se colhe e se espezinha a rosa.  
Os que zombam de ti não te conhecem  
na força com que, esquivo, te retrais  
e mais límpido quedas, como ausente,  
quanto mais te penetra a realidade.  
Desprendido de imagens que se rompem

a um capricho dos deuses, tu regressas  
ao que, fora do tempo, é tempo infindo,  
no secreto semblante da verdade.  
Espírito mineiro, circunspecto  
talvez, mas encerrando uma partícula  
de fogo embriagador, que lavra súbito,  
e, se cabe, a ser doidos nos inclinas:  
não me fijas no Rio de Janeiro,  
como a nuvem se afasta e a ave se alonga,  
mas abre um portulano ante meus olhos  
que a teu profundo mar conduza, Minas,  
Minas além do som, Minas Gerais.

(vpl)

a família que me dei

# retrato de família

Este retrato de família  
está um tanto empoeirado.  
Já não se vê no rosto do pai  
quanto dinheiro ele ganhou.

Nas mãos dos tios não se percebem  
as viagens que ambos fizeram.  
A avó ficou lisa, amarela,  
sem memórias da monarquia.

Os meninos, como estão mudados.  
O rosto de Pedro é tranquilo,  
usou os melhores sonhos.  
E João não é mais mentiroso.

O jardim tornou-se fantástico.  
As flores são placas cinzentas.  
E a areia, sob pés extintos,  
é um oceano de névoa.

No semicírculo das cadeiras  
nota-se certo movimento.  
As crianças trocam de lugar,  
mas sem barulho: é um retrato.

Vinte anos é um grande tempo.  
Modela qualquer imagem.  
Se uma figura vai murchando,  
outra, sorrindo, se propõe.



Esses estranhos assentados,  
meus parentes? Não acredito.  
São visitas se divertindo  
numa sala que se abre pouco.

Ficaram traços da família  
perdidos no jeito dos corpos.  
Bastante para sugerir  
que um corpo é cheio de surpresas.

A moldura deste retrato  
em vão prende suas personagens.  
Estão ali voluntariamente,  
saberiam — se preciso — voar.

Poderiam sutilar-se  
no claro-escuro do salão,  
ir morar no fundo dos móveis  
ou no bolso de velhos coletes.

A casa tem muitas gavetas  
e papéis, escadas compridas.  
Quem sabe a malícia das coisas,  
quando a matéria se aborrece?

O retrato não me responde,  
ele me fita e se contempla  
nos meus olhos empoeirados.  
E no cristal se multiplicam

os parentes mortos e vivos.  
Já não distingo os que se foram  
dos que restaram. Percebo apenas  
a estranha ideia de família

viajando através da carne.

(rp)

# os bens e o sangue

i

Às duas horas da tarde deste nove de agosto de 1847  
nesta fazenda do Tanque e em dez outras casas de rei, q  
não

[de valete,  
em Itabira Ferros Guanhães Cocalis Joanésia Capão  
diante do estrume em ~q se movem nossos escravos, e  
da viração  
perfumada dos cafezais ~q trança na palma dos  
coqueiros  
fiéis servidores de nossa paisagem e de nossos fins  
primeiros,  
deliberamos vender, como de fato vendemos, cedendo  
posse jus

[e domínio  
e abrangendo desde os engenhos de secar areia até o  
ouro mais

[fino,  
nossas lavras mto. nossas por herança de nossos pais e  
sogros

[bem-amados  
~q dormem na paz de Deus entre santas e santos  
martirizados.

Por isso neste papel azul Bath escrevemos com a nossa  
melhor

[letra  
estes nomes ~q em qualquer tempo desafiarão tramoia  
trapaça

[e treta:

*Esmeril Pissarrão*  
*Candonga Conceição*

E tudo damos por vendido ao compadre e nosso amigo o  
snr.

[Raimundo Procópio  
e a d. Maria Narcisa sua mulher, e o ~q não for vendido,  
por

[alborque  
de nossa mão passará, e trocaremos lavras por matas,  
lavras por títulos, lavras por mulas, lavras por mulatas e  
arriatas,

~q trocar é nosso fraco e lucrar é nosso forte. Mas fique  
esclarecido:

somos levados menos por gosto do sempre negócio ~q  
no sentido

de nossa remota descendência ainda mal debuxada no  
longe

[dos serros.

De nossa mente lavamos o ouro como de nossa alma um  
dia

[os erros  
se lavarão na pia da penitência. E filhos netos bisnetos  
tataranetos despojados dos bens mais sólidos e  
rutilantes

[portanto os mais completos  
irão tomando a pouco e pouco desapego de toda fortuna  
e concentrando seu fervor numa riqueza só, abstrata e  
una.

*Lavra da Paciência*  
*Lavrinha de Cubas*  
*Itabiruçu*

Mais que todos deser damos  
deste nosso oblíquo modo  
um menino inda não nado  
(e melhor não fora nado)  
que de nada lhe daremos  
sua parte de nonada  
e que nada, porém nada  
o há de ter desenganado.

E nossa rica fazenda  
já presto se desfazendo  
vai-se em sal cristalizando  
na porta de sua casa  
ou até na ponta da asa  
de seu nariz fino e frágil,  
de sua alma fina e frágil,  
de sua certeza frágil  
frágil frágil frágil frágil

mas que por frágil é ágil,  
e na sua mala-sorte  
se rirá ele da morte.  
iii

Este figura em nosso  
pensamento secreto.  
Num magoado alvoroço  
o queremos marcado  
a nos negar; depois  
de sua negação  
nos buscará. Em tudo  
será pelo contrário  
seu fado extra-ordinário.  
Vergonha da família  
que de nobre se humilha

na sua malincônica  
tristura meio cômica,  
dulciamara nux-vômica.

iv

Este hemos por bem  
reduzir à simples  
condição ninguém.  
Não lavrará campo.  
Tirará sustento  
de algum mel nojento.  
Há de ser violento  
sem ter movimento.  
Sofrerá tormenta  
no melhor momento.  
Não se sujeitando  
a um poder celeste  
ei-lo senão quando  
de nudez se veste,  
roga à escuridão  
abrir-se em clarão.  
Este será tonto  
e amará no vinho  
um novo equilíbrio  
e seu passo túbio  
sairá na cola  
de nenhum caminho.

v

— Não judie com o menino,  
    compadre.  
— Não torça tanto o pepino,

major.  
— Assim vai crescer mofino,  
sinhô!

— Pedimos pelo menino porque pedir é nosso destino.  
Pedimos pelo menino porque vamos acalentá-lo.  
Pedimos pelo menino porque já se ouve planger o sino  
do tombo que ele levar quando monte a cavalo.

— Vai cair do cavalo  
de cabeça no valo.  
Vai ter catapora  
amarelão e gálico  
vai errar o caminho  
vai quebrar o pescoço  
vai deitar-se no espinho  
fazer tanta besteira  
e dar tanto desgosto  
que nem a vida inteira  
dava para contar.  
E vai muito chorar.  
(A praga que te rogo  
para teu bem será.)

vi

*Os urubus no telhado:*

E virá a companhia inglesa e por sua vez comprará tudo  
e por sua vez perderá tudo e tudo volverá a nada  
e secado o ouro escorrerá ferro, e secos morros de ferro  
taparão o vale sinistro onde não mais haverá privilégios,  
e se irão os últimos escravos, e virão os primeiros  
camaradas;

e a besta Belisa renderá os arrogantes corcéis da  
monarquia,  
e a vaca Belisa dará leite no curral vazio para o menino  
doentio,  
e o menino crescerá sombrio, e os antepassados no  
cemitério  
se rirão se rirão porque os mortos não choram.

vii

Ó monstros lajos e andridos que me perseguis com  
vossas  
[barganhas  
sobre meu berço imaturo e de minhas minas me  
expulsais.  
Os parentes que eu amo expiraram solteiros.  
Os parentes que eu tenho não circulam em mim.  
Meu sangue é dos que não negociaram, minha alma é  
dos pretos,  
minha carne, dos palhaços, minha fome das nuvens,  
e não tenho outro amor a não ser o dos doidos.

Onde estás, capitão, onde estás, João Francisco,  
do alto de tua serra eu te sinto sozinho  
e sem filhos e netos interrompes a linha  
que veio dar a mim neste chão esgotado.  
Salva-me, capitão, de um passado voraz.  
Livra-me, capitão, da conjura dos mortos.  
Inclui-me entre os que não são, sendo filhos de ti.  
E no fundo da mina, ó capitão, me esconde.

viii



— Ó meu, ó nosso filho de cem anos depois,  
que não sabes viver nem conheces os bois  
pelos seus nomes tradicionais... nem suas cores  
marcadas em padrões eternos desde o Egito.  
Ó filho pobre, e descorçoado, e finito,  
ó inapto para as cavalhadas e os trabalhos brutais  
com a faca, o formão, o couro... Ó tal como quiséramos  
para tristeza nossa e consumação das eras,  
para o fim de tudo que foi grande!  
Ó desejado,  
ó poeta de uma poesia que se furta e se expande  
à maneira de um lago de pez e resíduos letais...  
És nosso fim natural e somos teu adubo,  
tua explicação e tua mais singela virtude...  
Pois carecia que um de nós nos recusasse  
para melhor servir-nos. Face a face  
te contemplamos, e é teu esse primeiro  
e úmido beijo em nossa boca de barro e de sarro.

(ce)

# infância

*A Abgar Renault*

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.  
Minha mãe ficava sentada cosendo.  
Meu irmão pequeno dormia.  
Eu sozinho menino entre mangueiras  
lia a história de Robinson Crusoé,  
comprida história que não acaba mais.

No meio-dia branco de luz uma voz que aprendeu  
a ninar nos longes da senzala — e nunca se esqueceu  
chamava para o café.  
Café preto que nem a preta velha  
café gostoso  
café bom.

Minha mãe ficava sentada cosendo  
olhando para mim:  
— Psiu... Não acorde o menino.  
Para o berço onde pousou um mosquito.  
E dava um suspiro... que fundo!

Lá longe meu pai campeava  
no mato sem fim da fazenda.

E eu não sabia que minha história  
era mais bonita que a de Robinson Crusoé.

(ap)

# viagem na família

*A Rodrigo M. F. de Andrade*

No deserto de Itabira  
a sombra de meu pai  
tomou-me pela mão.  
Tanto tempo perdido.  
Porém nada dizia.  
Não era dia nem noite.  
Suspiro? Voo de pássaro?  
Porém nada dizia.

Longamente caminhamos.  
Aqui havia uma casa.  
A montanha era maior.  
Tantos mortos amontoados,  
o tempo roendo os mortos.  
E nas casas em ruína  
desprezo frio, umidade.  
Porém nada dizia.

A rua que atravessava  
a cavalo, de galope.  
Seu relógio. Sua roupa.  
Seus papéis de circunstância.  
Suas histórias de amor.  
Há um abrir de baús  
e de lembranças violentas.  
Porém nada dizia.

No deserto de Itabira

as coisas voltam a existir,  
irrespiráveis e súbitas.  
O mercado de desejos  
expõe seus tristes tesouros;  
meu anseio de fugir;  
mulheres nuas; remorso.  
Porém nada dizia.

Pisando livros e cartas,  
viajamos na família.  
Casamentos; hipotecas;  
os primos tuberculosos;  
a tia louca; minha avó  
traída com as escravas,  
rangendo sedas na alcova.  
Porém nada dizia.

Que cruel, obscuro instinto  
movia sua mão pálida  
sutilmente nos empurrando  
pelo tempo e pelos lugares  
defendidos?  
Olhei-o nos olhos brancos.  
Gritei-lhe: Fala! Minha voz  
vibrou no ar um momento,  
bateu nas pedras. A sombra  
prosseguia devagar  
aquela viagem patética  
através do reino perdido.  
Porém nada dizia.

Vi mágoa, incompreensão  
e mais de uma velha revolta  
a dividir-nos no escuro.  
A mão que eu não quis beijar,  
o prato que me negaram,

recusa em pedir perdão.  
Orgulho. Terror noturno.  
Porém nada dizia.

Fala fala fala fala.  
Puxava pelo casaco  
que se desfazia em barro.  
Pelas mãos, pelas botinas  
prendia a sombra severa  
e a sombra se desprendia  
sem fuga nem reação.  
Porém ficava calada.

E eram distintos silêncios  
que se entranhavam no seu.  
Era meu avô já surdo  
querendo escutar as aves  
pintadas no céu da igreja;  
a minha falta de amigos;  
a sua falta de beijos;  
eram nossas difíceis vidas  
e uma grande separação  
na pequena área do quarto.

A pequena área da vida  
me aperta contra o seu vulto,  
e nesse abraço diáfano  
é como se eu me queimasse  
todo, de pungente amor.  
Só hoje nos conhecermos!  
Óculos, memórias, retratos  
fluem no rio do sangue.  
As águas já não permitem  
distinguir seu rosto longe,  
para lá de setenta anos...

Senti que me perdoava  
porém nada dizia.

As águas cobrem o bigode,  
a família, Itabira, tudo.

(jo)

## convívio

Cada dia que passa incorporo mais esta verdade, de que eles não

[vivem senão em nós  
e por isso vivem tão pouco; tão intervalado; tão débil.  
Fora de nós é que talvez deixaram de viver, para o que se chama

[tempo.  
E essa eternidade negativa não nos desola.  
Pouco e mal que eles vivam, dentro de nós, é vida não obstante.  
E já não enfrentamos a morte, de sempre trazê-la conosco.

Mas, como estão longe, ao mesmo tempo que nossos atuais

[habitantes  
e nossos hóspedes e nossos tecidos e a circulação nossa!  
A mais tênue forma exterior nos atinge.  
O próximo existe. O pássaro existe.  
E eles também existem, mas que oblíquos! e mesmo sorrindo,  
[que disfarçados...

Há que renunciar a toda procura.  
Não os encontraríamos, ao encontrá-los.  
Ter e não ter em nós um vaso sagrado,  
um depósito, uma presença contínua,  
esta é nossa condição, enquanto,  
sem condição, transitamos

e julgamos amar  
e calamo-nos.

Ou talvez existamos somente neles, que são omissos, e  
nossa  
[existência,  
apenas uma forma impura de silêncio, que preferiram.

(ce)



# perguntas

Numa incerta hora fria  
perguntei ao fantasma  
que força nos prendia,  
ele a mim, que presumo  
estar livre de tudo,  
eu a ele, gasoso,  
todavia palpável  
na sombra que projeta  
sobre meu ser inteiro:  
um ao outro, cativos  
desse mesmo princípio  
ou desse mesmo enigma  
que distrai ou concentra  
e renova e matiza,  
prolongando-a no espaço,  
uma angústia do tempo.

Perguntei-lhe em seguida  
o segredo de nosso  
convívio sem contato,  
de estarmos ali quedos,  
eu em face do espelho,  
e o espelho devolvendo  
uma diversa imagem,  
mas sempre evocativa  
do primeiro retrato  
que compõe de si mesma  
a alma predestinada  
a um tipo de aventura

terrestre, cotidiana.

Perguntei-lhe depois  
por que tanto insistia  
nos mares mais exíguos  
em distribuir navios  
desse calado irreal,  
sem rota ou pensamento  
de atingir qualquer porto,  
propícios a naufrágio  
mais que a navegação;  
nos frios alcantis  
de meu serro natal,  
desde muito derruído,  
em acordar memórias  
de vaqueiros e vozes,  
magras reses, caminhos  
onde a bosta de vaca  
é o único ornamento,  
e o coqueiro-de-espinho  
desolado se alteia.

Perguntei-lhe por fim  
a razão sem razão  
de me inclinar aflito  
sobre restos de restos,  
de onde nenhum alento  
vem refrescar a febre  
deste repensamento;  
sobre esse chão de ruínas  
imóveis, militares  
na sua rigidez  
que o orvalho matutino  
já não banha ou conforta.

No voo que desfere,  
silente e melancólico,  
rumo da eternidade,  
ele apenas responde  
(se acaso é responder  
a mistérios, somar-lhes  
um mistério mais alto):

*Amar, depois de perder.*

(ce)

## carta

Bem quisera escrevê-la  
com palavras sabidas,  
as mesmas, triviais,  
embora estremecessem  
a um toque de paixão.  
Perfurando os obscuros  
canais de argila e sombra,  
ela iria contando  
que vou bem, e amo sempre  
e amo cada vez mais  
a essa minha maneira  
torcida e reticente,  
e espero uma resposta,  
mas que não tarde; e peço  
um objeto minúsculo  
só para dar prazer  
a quem pode ofertá-lo;  
diria ela do tempo  
que faz do nosso lado;  
as chuvas já secaram,  
as crianças estudam,  
uma última invenção  
(inda não é perfeita)  
faz ler nos corações,  
mas todos esperamos  
rever-nos bem depressa.  
Muito depressa, não.  
Vai-se tornando o tempo  
estranhamente longo

à medida que encurta.  
O que ontem disparava,  
desbordado alazão,  
hoje se paralisa  
em esfinge de mármore,  
e até o sono, o sono  
que era grato e era absurdo  
é um dormir acordado  
numa planície grave.  
Rápido é o sonho, apenas,  
que se vai, de mandar  
notícias amorosas  
quando não há amor  
a dar ou receber;  
quando só há lembrança,  
ainda menos, pó,  
menos ainda, nada,  
nada de nada em tudo,  
em mim mais do que em tudo,  
e não vale acordar  
quem acaso repouse  
na colina sem árvores.  
Contudo, esta é uma carta.

(ce)

## a mesa

E não gostavas de festa...  
Ó velho, que festa grande  
hoje te faria a gente.  
E teus filhos que não bebem  
e o que gosta de beber,  
em torno da mesa larga,  
largavam as tristes dietas,  
esqueciam seus fricotes,  
e tudo era farra honesta  
acabando em confiança.  
Ai, velho, ouvirias coisas  
de arrepiar teus noventa.  
E daí, não te assustávamos,  
porque, com riso na boca,  
e a nédia galinha, o vinho  
português de boa pinta,  
e mais o que alguém faria  
de mil coisas naturais  
e fartamente poria  
em mil terrinas da China,  
já logo te insinuávamos  
que era tudo brincadeira.  
Pois sim. Teu olho cansado,  
mas afeito a ler no campo  
uma lonjura de léguas,  
e na lonjura uma rês  
perdida no azul azul,  
entrava-nos alma adentro  
e via essa lama podre

e com pesar nos fitava  
e com ira amaldiçoava  
e com doçura perdoava  
(perdoar é rito de pais,  
quando não seja de amantes).  
E, pois, todo nos perdoando,  
por dentro te regalavas  
de ter filhos assim... Puxa,  
grandessíssimos safados,  
me saíram bem melhor  
que as encomendas. De resto,  
filho de peixe... Calavas,  
com agudo sobrecenho  
interrogavas em ti  
uma lembrança saudosa  
e não de todo remota  
e rindo por dentro e vendo  
que lanças uma ponte  
dos passos loucos do avô  
à incontinência dos netos,  
sabendo que toda carne  
aspira à degradação,  
mas numa via de fogo  
e sob um arco sexual,  
tossias. Hem, hem, meninos,  
não sejam bobos. Meninos?  
Uns marmanjos cinquentões,  
calvos, vividos, usados,  
mas resguardando no peito  
essa alvura de garoto,  
essa fuga para o mato,  
essa gula defendida  
e o desejo muito simples  
de pedir à mãe que cosa,  
mais do que nossa camisa,  
nossa alma frouxa, rasgada...

Ai, grande jantar mineiro  
que seria esse... Comíamos,  
e comer abria fome,  
e comida era pretexto.  
E nem mesmo precisávamos  
ter apetite, que as coisas  
deixavam-se espostear,  
e amanhã é que eram elas.  
Nunca desdenhe o tutu.  
Vá lá mais um torresminho.  
E quanto ao peru? Farofa  
há de ser acompanhada  
de uma boa cachacinha,  
não desfazendo em cerveja,  
essa grande camarada.  
Ind'outro dia... Comer  
guarda tamanha importância  
que só o prato revele  
o melhor, o mais humano  
dos seres em sua treva?  
Beber é pois tão sagrado  
que só bebido meu mano  
me desata seu queixume,  
abrindo-me sua palma?  
Sorver, papar: que comida  
mais cheirosa, mais profunda  
no seu tronco luso-árabe,  
e que bebida mais santa  
que a todos nos une em um  
tal centímano glutão,  
parlapatão e bonzão!  
E nem falta a irmã que foi  
mais cedo que os outros e era  
rosa de nome e nascera  
em dia tal como o de hoje  
para enfeitar tua data.



Seu nome sabe a camélia,  
e sendo uma rosa-amélia,  
flor muito mais delicada  
que qualquer das rosas-rosa,  
viveu bem mais do que o nome,  
porém no íntimo claustrava  
a rosa esparsa. A teu lado,  
vê: recobrou-se-lhe o viço.  
Aqui sentou-se o mais velho.  
Tipo do manso, do sonso,  
não servia para padre,  
amava casos bandalhos;  
depois o tempo fez dele  
o que faz de qualquer um;  
e à medida que envelhece,  
vai estranhamente sendo  
retrato teu sem ser tu,  
de sorte que se o diviso  
de repente, sem anúncio,  
és tu que me reapareces  
noutro velho de sessenta.  
Este outro aqui é doutor,  
o bacharel da família,  
mas suas letras mais doudas  
são as escritas no sangue,  
ou sobre a casca das árvores.  
Sabe o nome da florzinha  
e não esquece o da fruta  
mais rara que se prepara  
num casamento genético.  
Mora nele a nostalgia,  
cidadino, do ar agreste,  
e, camponês, do letrado.  
Então vira patriarca.  
Mais adiante vês aquele  
que de ti herdou a dura

vontade, o duro estoicismo.  
Mas, não quis te repetir.  
Achou não valer a pena  
reproduzir sobre a terra  
o que a terra engolirá.  
Amou. E ama. E amará.  
Só não quer que seu amor  
seja uma prisão de dois,  
um contrato, entre bocejos  
e quatro pés de chinelo.  
Feroz a um breve contato,  
à segunda vista, seco,  
à terceira vista, lhano,  
dir-se-ia que ele tem medo  
de ser, fatalmente, humano.  
Dir-se-ia que ele tem raiva,  
mas que mel transcende a raiva,  
e que sábios, ardilosos  
recursos de se enganar  
quanto a si mesmo: exercita  
uma força que não sabe  
chamar-se, apenas, bondade.  
Esta calou-se. Não quis  
manter com palavras novas  
o colóquio subterrâneo  
que num sussurro percorre  
a gente mais desatada.  
Calou-se, não te aborreças.  
Se tanto assim a querias,  
algo nela ainda te quer,  
à maneira atravessada  
que é própria de nosso jeito.  
(Não ser feliz tudo explica.)  
Bem sei como são penosos  
esses lances de família,  
e discutir neste instante

seria matar a festa,  
matando-te — não se morre  
uma só vez, nem de vez.  
Restam sempre muitas vidas  
para serem consumidas  
na razão dos desencontros  
de nosso sangue nos corpos  
por onde vai dividido.  
Ficam sempre muitas mortes  
para serem longamente  
reencarnadas noutro morto.  
Mas estamos todos vivos.  
E mais que vivos, alegres.  
Estamos todos como éramos  
antes de ser, e ninguém  
dirá que ficou faltando  
algum dos teus. Por exemplo:  
ali ao canto da mesa,  
não por humilde, talvez  
por ser o rei dos vaidosos  
e se pelar por incômodas  
posições de tipo *gauche*,  
ali me vês tu. Que tal?  
Fica tranquilo: trabalho.  
Afinal, a boa vida  
ficou apenas: a vida  
(e nem era assim tão boa  
e nem se fez muito má).  
Pois ele sou eu. Repara:  
tenho todos os defeitos  
que não farejei em ti,  
e nem os tenho que tinhas,  
quanto mais as qualidades.  
Não importa: sou teu filho  
com ser uma negativa  
maneira de te afirmar.

Lá que brigamos, brigamos,  
opa! que não foi brinquedo,  
mas os caminhos do amor,  
só amor sabe trilhá-los.  
Tão ralo prazer te dei,  
nenhum, talvez... ou senão,  
esperança de prazer,  
é, pode ser que te desse  
a neutra satisfação  
de alguém sentir que seu filho,  
de tão inútil, seria  
sequer um sujeito ruim.  
Não sou um sujeito ruim.  
Descansa, se o suspeitavas,  
mas não sou lá essas coisas.  
Alguns afetos recortam  
o meu coração chateado.  
Se me chateio? demais.  
Esse é meu mal. Não herdei  
de ti essa balda. Bem,  
não me olhes tão longo tempo,  
que há muitos a ver ainda.  
Há oito. E todos minúsculos,  
todos frustrados. Que flora  
mais triste fomos achar  
para ornamento de mesa!  
Qual nada. De tão remotos,  
de tão puros e esquecidos  
no chão que suga e transforma,  
são anjos. Que luminosos!  
que raios de amor radiam,  
e em meio a vagos cristais  
o cristal deles retine,  
reverbera a própria sombra.  
São anjos que se dignaram  
participar do banquete,

alisar o tamborete,  
viver vida de menino.  
São anjos; e mal sabias  
que um mortal devolve a Deus  
algo de sua divina  
substância aérea e sensível,  
se tem um filho e se o perde.  
Conta: catorze na mesa.  
Ou trinta? serão cinquenta,  
que sei? se chegam mais outros,  
uma carne cada dia  
multiplicada, cruzada  
a outras carnes de amor.  
São cinquenta pecadores,  
se pecado é ter nascido  
e provar, entre pecados,  
os que nos foram legados.  
A procissão de teus netos,  
alongando-se em bisnetos,  
veio pedir tua bênção  
e comer de teu jantar.  
Repara um pouquinho nesta,  
no queixo, no olhar, no gesto,  
e na consciência profunda  
e na graça menineira,  
e dize, depois de tudo,  
se não é, entre meus erros,  
uma imprevista verdade.  
Esta é minha explicação,  
meu verso melhor ou único,  
meu tudo enchendo meu nada.  
Agora a mesa repleta  
está maior do que a casa.  
Falamos de boca cheia,  
xingamo-nos mutuamente,  
rimos, ai, de arrebentar,

esquecemos o respeito  
terrível, inibidor,  
e toda a alegria nossa,  
ressecada em tantos negros  
bródios comemorativos  
(não convém lembrar agora),  
os gestos acumulados  
de efusão fraterna, atados  
(não convém lembrar agora),  
as fina-e-meigas palavras  
que ditas naquele tempo  
teriam mudado a vida  
(não convém mudar agora),  
vem tudo à mesa e se espalha  
qual inédita vitualha.  
Oh que ceia mais celeste  
e que gozo mais do chão!  
Quem preparou? que incontestes  
vocações de sacrifício  
pôs a mesa, teve os filhos?  
quem se apagou? quem pagou  
a pena deste trabalho?  
quem foi a mão invisível  
que traçou este arabesco  
de flor em torno ao pudim,  
como se traça uma auréola?  
quem tem auréola? quem não  
a tem, pois que, sendo de ouro,  
cuida logo em reparti-la,  
e se pensa melhor faz?  
quem senta do lado esquerdo,  
assim curvada? que branca,  
mas que branca mais que branca  
tarja de cabelos brancos  
retira a cor das laranjas,  
anula o pó do café,

cassa o brilho aos serafins?  
quem é toda luz e é branca?  
Decerto não pressentias  
como o branco pode ser  
uma tinta mais diversa  
da mesma brancura... Alvura  
elaborada na ausência  
de ti, mas ficou perfeita,  
concreta, fria, lunar.  
Como pode nossa festa  
ser de um só que não de dois?  
Os dois ora estais reunidos  
numa aliança bem maior  
que o simples elo da terra.  
Estais juntos nesta mesa  
de madeira mais de lei  
que qualquer lei da república.  
Estais acima de nós,  
acima deste jantar  
para o qual vos convocamos  
por muito — enfim — vos querermos  
e, amando, nos iludirmos  
junto da mesa  
vazia.

(ce)

ser

O filho que não fiz  
hoje seria homem.  
Ele corre na brisa,  
sem carne, sem nome.

Às vezes o encontro  
num encontro de nuvem.  
Apoia em meu ombro  
seu ombro nenhum.

Interrogo meu filho,  
objeto de ar:  
em que gruta ou concha  
quedas abstrato?

Lá onde eu jazia,  
responde-me o hálito,  
não me percebeste,  
contudo chamava-te

como ainda te chamo  
(além, além do amor)  
onde nada, tudo  
aspira a criar-se.

O filho que não fiz  
faz-se por si mesmo.

(ce)



## a luis mauricio, infante

Acorda, Luis Mauricio. Vou te mostrar o mundo,  
se é que não preferes vê-lo de teu reino profundo.

Despertando, Luis Mauricio, não chores mais que um  
tiquinho.  
Se as crianças da América choram em coro, que seria,  
[digamos, de teu vizinho?

Que seria de ti, Luis Mauricio, pranteando mais que o  
necessário?  
Os olhos se inflamam depressa, e do mundo o espetáculo  
é vários

e pede ser visto e amado. É tão pouco, cinco sentidos.  
Pois que sejam lépidos, Luis Mauricio, que sejam novos  
[e comovidos.

E como há tempo para viver, Luis Mauricio, podes gastá-  
lo  
[à janela  
que dá para a *Justicia del Trabajo*, onde a imaginosa linha  
da hera

tenazmente compõe seu desenho, recobrindo o que é  
feio,  
[formal e triste.  
Sucedede que chegou a primavera, menino, e o muro já  
não existe.

Admito que amo nos vegetais a carga de silêncio, Luis  
Mauricio.

Mas há que tentar o diálogo, quando a solidão é vício.

E agora, começa a crescer. Em poucas semanas um  
homem  
se manifesta na boca, nos rins, na medalhinha do nome.

Já te vejo na proporção da cidade, nessa caminha em que  
dormes.

Dir-se-ia que só o anão de Harrods, hoje velho, entre  
garotos

[enormes,

conserva o disfarce da infância, como, na sua  
imobilidade,  
à esquina de Córdoba e Florida, só aquele velho pendido  
[e sentado,

de luvas e sobretudo, vê passar (é cego) o tempo que  
não

[enxergamos,  
o tempo irreversível, o tempo estático, espaço vazio  
entre ramos.

O tempo — que fazer dele? Como adivinhar, Luis  
Mauricio,  
o que cada hora traz em si de plenitude e sacrifício?

Hás de aprender o tempo, Luis Mauricio. E há de ser tua  
ciência  
uma tão íntima conexão de ti mesmo e tua existência,

que ninguém suspeitará nada. E teu primeiro segredo  
seja antes de alegria subterrânea que de soturno medo.

Aprenderás muitas leis, Luis Mauricio. Mas, se as esqueceres  
[depressa,  
outras mais altas descobrirás, e é então que a vida começa,

e recomeça, e a todo instante é outra: tudo é distinto de tudo,  
e anda o silêncio, e fala o nevoento horizonte; e sabe guiar-nos  
[o mundo.

Pois a linguagem planta suas árvores no homem e quer vê-las  
[cobertas  
de folhas, de signos, de obscuros sentimentos, e avenidas desertas

são apenas as que vemos sem ver, há pelo menos formigas  
atarefadas, e pedras felizes ao sol, e projetos de cantigas

que alguém um dia cantará, Luis Mauricio. Procura deslindar  
[o canto.  
Ou antes, não procures. Ele se oferecerá sob forma de pranto

ou de riso. E te acompanhará, Luis Mauricio. E as palavras  
[serão servas  
de estranha majestade. É tudo estranho. Medita, por exemplo,  
[as ervas,

enquanto és pequeno e teu instinto, solerte,  
festivamente se  
    [aventura  
até o âmagô das coisas. A que veio, que pode, quanto  
dura

essa discreta forma verde, entre formas? E imagina ser  
pensado  
pela erva que pensas. Imagina um elo, uma afeição  
surda, um  
    [passado

articulando os bichos e suas visões, o mundo e seus  
problemas;  
imagina o rei com suas angústias, o pobre com seus  
diademas,

imagina uma ordem nova; ainda que uma nova  
desordem, não  
    [será bela?  
Imagina tudo: o povo, com sua música; o passarinho,  
com sua  
    [donzela;

o namorado, com seu espelho mágico; a namorada, com  
seu  
    [mistério;  
a casa, com seu calor próprio; a despedida, com seu  
rosto sério;

o físico, o viajante, o afiador de facas, o italiano das  
sortes  
    [e seu realejo;  
o poeta, sempre meio complicado; o perfume nativo das  
coisas  
    [e seu arpejo;

o menino que é teu irmão, e sua estouvada ciência  
de olhos líquidos e azuis, feita de maliciosa inocência,  
  
que ora viaja enigmas extraordinários; por tua vez, a  
pesquisa  
há de solicitar-te um dia, mensagem perturbadora na  
brisa.

É preciso criar de novo, Luis Mauricio. Reinventar nagôs  
[e latinos,  
e as mais severas inscrições, e quantos ensinamentos  
[e os modelos mais finos,

de tal maneira a vida nos excede e temos de enfrentá-la  
[com poderosos recursos.  
Mas seja humilde tua valentia. Repara que há veludo nos  
ursos.

Inconformados e prisioneiros, em Palermo, eles procuram  
[o outro lado,  
e na sua faminta inquietação algo se liberta da jaula e  
seu  
[quadrado.

Detém-te. A grande flor do hipopótamo brota da água —  
nenúfar!  
E dos dejetos do rinoceronte se alimentam os pássaros. E  
o açúcar

que dás na palma da mão à língua terna do cão adoça  
todos  
[os animais.  
Repara que autênticos, que fiéis a um estatuto sereno, e  
como

[são naturais.

É meio-dia, Luis Mauricio, hora belíssima entre todas,  
pois, unindo e separando os crepúsculos, à sua luz se  
[consumam as bodas

do vivo com o que já viveu ou vai viver, e a seu  
puríssimo raio  
entre repuxos, os *chicos* e as *palomas* confraternizam na  
*Plaza*  
[de Mayo.

Aqui me despeço e tenho por plenamente ensinado o teu  
ofício,  
que de ti mesmo e em púrpura o aprendeste ao nascer,  
meu  
[netinho Luis Mauricio.

(fa)

cantar de amigos

# ode no cinquentenário do poeta brasileiro

Esse incessante morrer  
que nos teus versos encontro  
é tua vida, poeta,  
e por ele te comunicas  
com o mundo em que te esvais.

Debruço-me em teus poemas  
e neles percebo as ilhas  
em que nem tu nem nós habitamos  
(ou jamais habitaremos!)  
e nessas ilhas me banho  
num sol que não é dos trópicos,  
numa água que não é das fontes  
mas que ambos refletem a imagem  
de um mundo amoroso e patético.

Tua violenta ternura,  
tua infinita polícia,  
tua trágica existência  
no entanto sem nenhum sulco  
exterior — salvo tuas rugas,  
tua gravidade simples,  
a acidez e o carinho simples  
que desbordam em teus retratos,  
que capturo em teus poemas,  
são razões por que te amamos  
e por que nos fazes sofrer...



Certamente não sabias  
que nos fazes sofrer.

É difícil de explicar  
esse sofrimento seco,  
sem qualquer lágrima de amor,  
sentimento de homens juntos,  
que se comunicam sem gesto  
e sem palavras se invadem,  
se aproximam, se compreendem  
e se calam sem orgulho.

Não é o canto da andorinha, debruçada nos telhados da  
Lapa,  
anunciando que tua vida passou à toa, à toa.  
Não é o médico mandando exclusivamente tocar um  
tango

[argentino,  
diante da escavação no pulmão esquerdo e do pulmão  
direito

[infiltrado.  
Não são os carvoeirinhos raquíticos voltando  
encarapitados

[nos burros velhos.  
Não são os mortos do Recife dormindo profundamente na  
noite.

Nem é tua vida, nem a vida do major veterano da guerra

[do Paraguai,  
a de Bentinho Jararaca  
ou a de Christina Georgina Rossetti:  
és tu mesmo, é tua poesia,  
tua pungente, inefável poesia,  
ferindo as almas, sob a aparência balsâmica,  
queimando as almas, fogo celeste, ao visitá-las;  
é o fenômeno poético, de que te constituíste o misterioso

[portador  
e que vem trazer-nos na aurora o sopro quente dos  
mundos,  
[das amadas exuberantes e das situações  
exemplares  
[que não suspeitávamos.

Por isto sofremos: pela mensagem que nos confias  
entre ônibus, abafada pelo pregão dos jornais e mil  
queixas  
[operárias;  
essa insistente mas discreta mensagem  
que, aos cinquenta anos, poeta, nos trazes;  
e essa fidelidade a ti mesmo com que nos apareces  
sem uma queixa no rosto entretanto experiente,  
mão firme estendida para o aperto fraterno  
— o poeta acima da guerra e do ódio entre os homens —,  
o poeta ainda capaz de amar Esmeralda embora a alma  
[anoiteça,  
o poeta melhor que nós todos, o poeta mais forte  
— mas haverá lugar para a poesia?

Efetivamente o poeta Rimbaud fartou-se de escrever,  
o poeta Maiakóvski suicidou-se,  
o poeta Schmidt abastece de água o Distrito Federal...  
Em meio a palavras melancólicas,  
ouve-se o surdo rumor de combates longínquos  
(cada vez mais perto, mais, daqui a pouco dentro de  
nós).  
E enquanto homens suspiram, combatem ou  
simplesmente  
[ganham dinheiro,  
ninguém percebe que o poeta faz cinquenta anos,  
que o poeta permaneceu o mesmo, embora alguma coisa  
[de extraordinário se houvesse passado,

alguma coisa encoberta de nós, que nem os olhos  
traíam

[nem as mãos apalpam,  
susto, emoção, enternecimento,  
desejo de dizer: Emanuel, disfarçado na meiguice  
elástica

[dos abraços,  
e uma confiança maior no poeta e um pedido lancinante  
para

[que não nos deixe sozinhos nesta cidade  
em que nos sentimos pequenos à espera dos maiores  
[acontecimentos.

Que o poeta nos encaminhe e nos proteja  
e que o seu canto confidencial ressoe para consolo de  
muitos

[e esperança de todos,  
os delicados e os oprimidos, acima das profissões e dos  
vãos

[disfarces do homem.  
Que o poeta Manuel Bandeira escute este apelo de um  
homem

[humilde.

(sm)

# mário de andrade desce aos infernos

i

Daqui a vinte anos farei teu poema  
e te cantarei com tal suspiro  
que as flores pasmarão, e as abelhas,  
confundidas, esvairão seu mel.

Daqui a vinte anos: poderei  
tanto esperar o preço da poesia?  
É preciso tirar da boca urgente  
o canto rápido, ziguezagueante, rouco,  
feito da impureza do minuto  
e de vozes em febre, que golpeiam  
esta viola desatinada  
no chão, no chão.

ii

No chão me deito à maneira dos desesperados.

Estou escuro, estou rigorosamente noturno, estou vazio,  
esqueço que sou um poeta, que não estou sozinho,  
preciso aceitar e compor, minhas medidas partiram-se,  
mas preciso, preciso, preciso.

Rastejando, entre cacos, me aproximo.  
Não quero, mas preciso tocar pele de homem,  
avaliar o frio, ver a cor, ver o silêncio,  
conhecer um novo amigo e nele me derramar.

Porque é outro amigo. A explosiva descoberta

ainda me atordoa. Estou cego e vejo. Arranco os olhos e vejo.

Furo as paredes e vejo. Através do mar sanguíneo vejo. Minucioso, implacável, sereno, pulverizado, é outro amigo. São outros dentes. Outro sorriso. Outra palavra, que goteja.

iii

O meu amigo era tão  
de tal modo extraordinário,  
cabia numa só carta,  
esperava-me na esquina,  
e já um poste depois  
ia descendo o Amazonas,  
tinha coletes de música,  
entre cantares de amigo  
pairava na renda fina  
dos Sete Saltos,  
na serrania mineira,  
no mangue, no seringal,  
nos mais diversos brasis,  
e para além dos brasis,  
nas regiões inventadas,  
países a que aspiramos,  
fantásticos,  
mas certos, inelutáveis,  
terra de João invencível,  
a rosa do povo aberta...

iv

A rosa do povo despetala-se,  
ou ainda conserva o pudor da alva?  
É um anúncio, um chamado, uma esperança embora  
frágil,

[pranto infantil no berço?  
Talvez apenas um ai de seresta, quem sabe.

Mas há um ouvido mais fino que escuta, um peito de  
artista  
[que incha,  
e uma rosa se abre, um segredo comunica-se, o poeta  
anunciou,  
o poeta, nas trevas, anunciou.

Mais perto, e uma lâmpada. Mais perto, e quadros,  
quadros. Portinari aqui esteve, deixou  
sua garra. Aqui Cézanne e Picasso,  
os primitivos, os cantadores, a gente de pé no chão,  
a voz que vem do nordeste, os fetiches, as religiões,  
os bichos... Aqui tudo se acumulou,  
esta é a Rua Lopes Chaves, 546,  
outrora 108. Para aqui muitas vezes voou  
meu pensamento. Daqui vinha a palavra  
esperada na dúvida e no cacto.  
Aqui nunca pisei. Mas como o chão  
sabe a forma dos pés e é liso e beija!  
Todas as brisas da saudade balançam a casa,  
empurram a casa,  
navio de São Paulo no céu nacional,  
vai colhendo amigos de Minas e Rio Grande do Sul,  
gente de Pernambuco e Pará, todos os apertos de mão,  
todas as confidências a casa recolhe,  
embala, pastoreia.  
Os que entram e os que saem se cruzam na imensidão  
[dos corredores,  
paz nas escadas,  
calma nos vidros,  
e ela viaja como um lento pássaro, uma notícia postal,  
uma  
[nuvem pejada.

Casas ancoradas saúdam-na fraternas:  
Vai, amiga!  
Não te vás, amiga...  
(Um homem se dá no Brasil mas conserva-se intato,  
preso a uma casa e dócil a seus companheiros  
esparsos.)

Súbito a barba deixou de crescer. Telegramas  
irrompem. Telefones  
retinem. Silêncio  
em Lopes Chaves.

Agora percebo que estamos amputados e frios.  
Não tenho voz de queixa pessoal, não sou  
um homem destroçado vagueando na praia.  
Muitos procuram São Paulo no ar e se concentram,  
aura secreta na respiração da cidade.  
É um retrato, somente um retrato,  
algo nos jornais, na lembrança,  
o dia estragado como uma fruta,  
um véu baixando, um ríctus,  
o desejo de não conversar. É sobretudo uma pausa oca  
e além de todo vinagre.

Mas tua sombra robusta desprende-se e avança.  
Desce o rio, penetra os túneis seculares  
onde o antigo marcou seus traços funerários,  
desliza na água salobra, e ficam tuas palavras  
(superamos a morte, e a palma triunfa)  
tuas palavras carbúnculo e carinhosos diamantes.

(rp)

## viagem de américo facó

Sombra mantuana, o poeta se encaminha  
ao inframundo deserto, onde a corola  
noturna desenrola seu mistério  
fatal mas transcendente: àqueles paços

tecidos de pavor e argila cândida,  
onde o amor se completa, despojado  
da cinza dos contatos. Desta margem,  
diviso, que se esfuma, a esquiva barca,

e aceno-lhe: Gentil, gentil espírito,  
sereno quanto forte, que me ensinas  
a arte de bem morrer, fonte de vida,

uniste o raro ao raro, e compuseste  
de humano desacorde, isento, puro,  
teu cântico sensual, flauta e celeste.

(fa)



# conhecimento de jorge de lima

Era a negra Fulô que nos chamava  
de seu negro vergel. E eram trombetas,  
salmos, carros de fogo, esses murmúrios  
de Deus a seus eleitos, eram puras

canções de lavadeira ao pé da fonte,  
era a fonte em si mesma, eram nostálgicas  
emanações de infância e de futuro,  
era um ai português desfeito em cana.

Era um fluir de essências e eram formas  
além da cor terrestre e em volta ao homem,  
era a invenção do amor no tempo atômico,

o consultório mítico e lunar  
(poesia antes da luz e depois dela),  
era Jorge de Lima e eram seus anjos.

(fa)

## a mão

Entre o cafezal e o sonho  
o garoto pinta uma estrela dourada  
na parede da capela,  
e nada mais resiste à mão pintora.  
A mão cresce e pinta  
o que não é para ser pintado mas sofrido.  
A mão está sempre compondo  
módul-murmurando  
o que escapou à fadiga da Criação  
e revê ensaios de formas  
e corrige o oblíquo pelo aéreo  
e semeia margaridinhas de bem-querer no baú dos  
vencidos.  
A mão cresce mais e faz  
do mundo-como-se-repete o mundo que telequeremos.  
A mão sabe a cor da cor  
e com ela veste o nu e o invisível.  
Tudo tem explicação porque tudo tem (nova) cor.  
Tudo existe porque foi pintado à feição de laranja mágica  
não para aplacar a sede dos companheiros,  
principalmente para aguçá-la  
até o limite do sentimento da terra domicílio do homem.

Entre o sonho e o cafezal  
entre guerra e paz  
entre mártires, ofendidos,  
músicos, jangadas, pandorgas,  
entre os roceiros mecanizados de Israel  
a memória de Giotto e o aroma primeiro do Brasil

entre o amor e o ofício  
eis que a mão decide:  
Todos os meninos, ainda os mais desgraçados,  
sejam vertiginosamente felizes  
como feliz é o retrato  
múltiplo verde-róseo em duas gerações  
da criança que balança como flor no cosmo  
e torna humilde, serviçal e doméstica a mão excedente  
em seu poder de encantação.

Agora há uma verdade sem angústia  
mesmo no estar-angustiado.  
O que era dor é flor, conhecimento  
plástico do mundo.  
E por assim haver disposto o essencial,  
deixando o resto aos doutores de Bizâncio,  
bruscamente se cala  
e voa para nunca-mais  
a mão infinita  
a mão-de-olhos-azuis de Candido Portinari.

(lc)

## a federico garcía lorca

Sobre teu corpo, que há dez anos  
se vem transfundindo em cravos  
de rubra cor espanhola,  
aqui estou para depositar  
vergonha e lágrimas.

Vergonha de há tanto tempo  
viveres — se morte é vida —  
sob chão onde esporas tinem  
e calcam a mais fina grama  
e o pensamento mais fino  
de amor, de justiça e paz.

Lágrimas de noturno orvalho,  
não de mágoa desiludida,  
lágrimas que tão só destilam  
desejo e ânsia e certeza  
de que o dia amanhecerá.

(Amanhecerá.)

Esse claro dia espanhol,  
composto na treva de hoje,  
sobre teu túmulo há de abrir-se,  
mostrando gloriosamente  
— ao canto multiplicado  
de guitarra, gitano e galo —  
que para sempre viverão

os poetas martirizados.

(np)

# canto ao homem do povo charlie chaplin

i

Era preciso que um poeta brasileiro,  
não dos maiores, porém dos mais expostos à galhofa,  
girando um pouco em tua atmosfera ou nela aspirando a  
viver  
como na poética e essencial atmosfera dos sonhos  
lúcidos,

era preciso que esse pequeno cantor teimoso,  
de ritmos elementares, vindo da cidadezinha do interior  
onde nem sempre se usa gravata mas todos são  
extremamente

[polidos  
e a opressão é detestada, se bem que o heroísmo se  
banhe

[em ironia,

era preciso que um antigo rapaz de vinte anos,  
preso à tua pantomima por filamentos de ternura e riso,

[dispersos no tempo,  
viesse recompô-los e, homem maduro, te visitasse  
para dizer-te algumas coisas, sobcolor de poema.

Para dizer-te como os brasileiros te amam  
e que nisso, como em tudo mais, nossa gente se parece  
com qualquer gente do mundo — inclusive os pequenos  
judeus

de bengalinha e chapéu-coco, sapatos compridos, olhos  
[melancólicos,

vagabundos que o mundo repeliu, mas zombam e vivem  
nos filmes, nas ruas tortas com tabuletas: Fábrica,  
Barbeiro,  
[Polícia,  
e vencem a fome, iludem a brutalidade, prolongam o  
amor  
como um segredo dito no ouvido de um homem do povo  
caído  
[na rua.

Bem sei que o discurso, acalanto burguês, não te  
envaidece,  
e costumavas dormir enquanto os veementes inauguram  
estátua,  
e entre tantas palavras que como carros percorrem as  
ruas,  
só as mais humildes, de xingamento ou beijo, te  
penetram.

Não é a saudação dos devotos nem dos partidários que  
te ofereço,  
eles não existem, mas a de homens comuns, numa  
cidade  
[comum,  
nem faço muita questão da matéria de meu canto ora  
em torno  
[de ti  
como um ramo de flores absurdas mandado por via  
postal  
[ao inventor dos jardins.

Falam por mim os que estavam sujos de tristeza e feroz  
[desgosto de tudo,  
que entraram no cinema com a aflição de ratos fugindo  
da vida,

são duas horas de anestesia, ouçamos um pouco de  
música,  
visitemos no escuro as imagens — e te descobriram  
[e salvaram-se.

Falam por mim os abandonados de justiça, os simples  
[de coração,  
os párias, os falidos, os mutilados, os deficientes, os  
recalcados,  
os oprimidos, os solitários, os indecisos, os líricos, os  
[cismarentos,  
os irresponsáveis, os pueris, os cariciosos, os loucos e os  
[patéticos.

E falam as flores que tanto amas quando pisadas,  
falam os tocos de vela, que comes na extrema penúria,  
falam  
[a mesa, os botões,  
os instrumentos do ofício e as mil coisas aparentemente  
[fechadas,  
cada troço, cada objeto do sótão, quanto mais obscuros  
mais  
[falam.

ii

A noite banha tua roupa.  
Mal a disfarças no colete mosqueado,  
no gelado peitilho de baile,  
de um impossível baile sem orquídeas.  
És condenado ao negro. Tuas calças  
confundem-se com a treva. Teus sapatos  
inchados, no escuro do beco,  
são cogumelos noturnos. A quase cartola,  
sol negro, cobre tudo isto, sem raios.



Assim, noturno cidadão de uma república  
enlutada, surge a nossos olhos  
pessimistas, que te inspecionam e meditam:  
Eis o tenebroso, o viúvo, o inconsolado,  
o corvo, o nunca mais, o chegado muito tarde  
a um mundo muito velho.

E a lua pausa  
em teu rosto. Branco, de morte caiado,  
que sepulcros evoca, mas que hastes  
submarinas e álgidas e espelhos  
e lírios que o tirano decepou, e faces  
amortalhadas em farinha. O bigode  
negro cresce em ti como um aviso  
e logo se interrompe. É negro, curto,  
espesso. Ó rosto branco, de lunar matéria,  
face cortada em lençol, risco na parede,  
caderno de infância, apenas imagem,  
entretanto os olhos são profundos e a boca vem de  
longe,  
sozinha, experiente, calada vem a boca  
sorrir, aurora, para todos.

E já não sentimos a noite,  
e a morte nos evita, e diminuímos  
como se ao contato de tua bengala mágica voltássemos  
ao país secreto onde dormem meninos.  
Já não é o escritório de mil fichas,  
nem a garagem, a universidade, o alarme,  
é realmente a rua abolida, lojas repletas,  
e vamos contigo arrebentar vidraças,  
e vamos jogar o guarda no chão,  
e na pessoa humana vamos redescobrir  
aquele lugar — cuidado! — que atrai os pontapés:  
sentenças  
de uma justiça não oficial.

Cheio de sugestões alimentícias, matas a fome  
dos que não foram chamados à ceia celeste  
ou industrial. Há ossos, há pudins  
de gelatina e cereja e chocolate e nuvens  
nas dobras de teu casaco. Estão guardados  
para uma criança ou um cão. Pois bem conheces  
a importância da comida, o gosto da carne,  
o cheiro da sopa, a maciez amarela da batata,  
e sabes a arte sutil de transformar em macarrão  
o humilde cordão de teus sapatos.  
Mais uma vez jantaste: a vida é boa.  
Cabe um cigarro: e o tiras  
da lata de sardinhas.

Não há muitos jantares no mundo, já sabias,  
e os mais belos frangos  
são protegidos em pratos chineses por vidros espessos.  
Há sempre o vidro, e não se quebra,  
há o aço, o amianto, a lei,  
há milícias inteiras protegendo o frango,  
e há uma fome que vem do Canadá, um vento,  
uma voz glacial, um sopro de inverno, uma folha  
baila indecisa e pousa em teu ombro: mensagem pálida  
que mal decifras. Entre o frango e a fome,  
o cristal infrangível. Entre a mão e a fome,  
os valos da lei, as léguas. Então te transformas  
tu mesmo no grande frango assado que flutua  
sobre todas as fomes, no ar; frango de ouro  
e chama, comida geral  
para o dia geral, que tarda.

O próprio ano novo tarda. E com ele as amadas.  
No festim solitário teus dons se aguçam.  
És espiritual e dançarino e fluido,  
mas ninguém virá aqui saber como amas  
com fervor de diamante e delicadeza de alva,  
como, por tua mão, a cabana se faz lua.  
Mundo de neve e sal, de gramofones roucos  
urrrando longe o gozo de que não participas.  
Mundo fechado, que aprisiona as amadas  
e todo desejo, na noite, de comunicação.  
Teu palácio se esvai, lambe-te o sono,  
ninguém te quis, todos possuem,  
tudo buscaste dar, não te tomaram.

Então caminhas no gelo e rondas o grito.  
Mas não tens gula de festa, nem orgulho  
nem ferida nem raiva nem malícia.  
És o próprio ano-bom, que te deténs. A casa passa  
correndo, os copos voam,  
os corpos saltam rápido, as amadas  
te procuram na noite... e não te veem,  
tu pequeno,  
tu simples, tu qualquer.

Ser tão sozinho em meio a tantos ombros,  
andar aos mil num corpo só, franzino,  
e ter braços enormes sobre as casas,  
ter um pé em Guerrero e outro no Texas,  
falar assim a chinês, a maranhense,  
a russo, a negro: ser um só, de todos,  
sem palavra, sem filtro,  
sem opala:  
há uma cidade em ti, que não sabemos.

Uma cega te ama. Os olhos abrem-se.  
Não, não te ama. Um rico, em álcool,  
é teu amigo e lúcido repele  
tua riqueza. A confusão é nossa, que esquecemos  
o que há de água, de sopro e de inocência  
no fundo de cada um de nós, terrestres. Mas, ó mitos  
que cultuamos, falsos: flores pardas,  
anjos desleais, cofres redondos, arquejos  
poéticos acadêmicos; convenções  
do branco, azul e roxo; maquinismos,  
telegramas em série, e fábricas e fábricas  
e fábricas de lâmpadas, proibições, auroras.  
Ficaste apenas um operário  
comandado pela voz colérica do megafone.  
És parafuso, gesto, esgar.  
Recolho teus pedaços: ainda vibram,  
lagarto mutilado.

Colo teus pedaços. Unidade  
estranha é a tua, em mundo assim pulverizado.  
E nós, que a cada passo nos cobrimos  
e nos despimos e nos mascaramos,  
mal retemos em ti o mesmo homem,  
aprendiz  
bombeiro  
caixeiro  
doceiro  
emigrante  
forçado  
maquinista  
noivo  
patinador  
soldado  
músico  
peregrino  
artista de circo

marquês  
marinheiro  
carregador de piano  
apenas sempre entretanto tu mesmo,  
o que não está de acordo e é meigo,  
o incapaz de propriedade, o pé  
errante, a estrada  
fugindo, o amigo  
que desejaríamos reter  
na chuva, no espelho, na memória  
e todavia perdemos.

vi

Já não penso em ti. Penso no ofício  
a que te entregas. Estranho relojoeiro,  
cheiras a peça desmontada: as molas unem-se,  
o tempo anda. És vidraceiro.  
Varres a rua. Não importa  
que o desejo de partir te roa; e a esquina  
faça de ti outro homem; e a lógica  
te afaste de seus frios privilégios.

Há o trabalho em ti, mas caprichoso,  
mas benigno,  
e dele surgem artes não burguesas,  
produtos de ar e lágrima, indumentos  
que nos dão asa ou pétalas, e trens  
e navios sem aço, onde os amigos  
fazendo roda viajam pelo tempo,  
livros se animam, quadros se conversam,  
e tudo libertado se resolve  
numa efusão de amor sem paga, e riso, e sol.

O ofício, é o ofício  
que assim te põe no meio de nós todos,

vagabundo entre dois horários; mão sabida  
no bater, no cortar, no fiar, no rebocar,  
o pé insiste em levar-te pelo mundo,  
a mão pega a ferramenta: é uma navalha,  
e ao compasso de Brahms fazes a barba  
neste salão desmemoriado no centro do mundo oprimido  
onde ao fim de tanto silêncio e oco te recobramos.

Foi bom que te calasses.  
Meditavas na sombra das chaves,  
das correntes, das roupas riscadas, das cercas de arame,  
juntavas palavras duras, pedras, cimento, bombas,  
invectivas,  
anotavas com lápis secreto a morte de mil, a boca  
sangrenta  
de mil, os braços cruzados de mil.  
E nada dizias. E um bolo, um engulho  
formando-se. E as palavras subindo.  
Ó palavras desmoralizadas, entretanto salvas, ditas de  
novo.  
Poder da voz humana inventando novos vocábulos e  
dando

[sopro aos exaustos.

Dignidade da boca, aberta em ira justa e amor profundo,  
crispação do ser humano, árvore irritada, contra a  
miséria

[e a fúria dos ditadores,

ó Carlito, meu e nosso amigo, teus sapatos e teu bigode  
[caminham numa estrada de pó e esperança.

(rp)

na praça de convites

## coração numeroso

Foi no Rio.

Eu passeava na Avenida quase meia-noite.

Bicos de seio batiam nos bicos de luz estrelas  
inumeráveis.

Havia a promessa do mar

e bondes tilintavam,

abafando o calor

que soprava no vento

e o vento vinha de Minas.

Meus paralíticos sonhos desgosto de viver

(a vida para mim é vontade de morrer)

faziam de mim homem-realejo imperturbavelmente

na Galeria Cruzeiro quente quente

e como não conhecia ninguém a não ser o doce vento  
mineiro,

nenhuma vontade de beber, eu disse: Acabemos com  
isso.

Mas tremia na cidade uma fascinação casas compridas

autos abertos correndo caminho do mar

voluptuosidade errante do calor

mil presentes da vida aos homens indiferentes,

que meu coração bateu forte, meus olhos inúteis  
choraram.

O mar batia em meu peito, já não batia no cais.

A rua acabou, quede as árvores? a cidade sou eu

a cidade sou eu



sou eu a cidade  
meu amor.

(ap)

## sentimento do mundo

Tenho apenas duas mãos  
e o sentimento do mundo,  
mas estou cheio de escravos,  
minhas lembranças escorrem  
e o corpo transige  
na confluência do amor.

Quando me levantar, o céu  
estará morto e saqueado,  
eu mesmo estarei morto,  
morto meu desejo, morto  
o pântano sem acordes.

Os camaradas não disseram  
que havia uma guerra  
e era necessário  
trazer fogo e alimento.  
Sinto-me disperso,  
anterior a fronteiras,  
humildemente vos peço  
que me perdoeis.

Quando os corpos passarem,  
eu ficarei sozinho  
desfiando a recordação  
do sineiro, da viúva e do microscopista  
que habitavam a barraca  
e não foram encontrados  
ao amanhecer

esse amanhecer  
mais noite que a noite.

(sm)

# lembrança do mundo antigo

Clara passeava no jardim com as crianças.  
O céu era verde sobre o gramado,  
a água era dourada sob as pontes,  
outros elementos eram azuis, róseos, alaranjados,  
o guarda-civil sorria, passavam bicicletas,  
a menina pisou a relva para pegar um pássaro,  
o mundo inteiro, a Alemanha, a China, tudo era tranquilo  
[em redor de Clara.

As crianças olhavam para o céu: não era proibido.  
A boca, o nariz, os olhos estavam abertos. Não havia  
perigo.  
Os perigos que Clara temia eram a gripe, o calor, os  
insetos.  
Clara tinha medo de perder o bonde das 11 horas,  
esperava cartas que custavam a chegar,  
nem sempre podia usar vestido novo. Mas passeava no  
jardim,  
[pela manhã!!!  
Havia jardins, havia manhãs naquele tempo!!!

(sm)

## elegia 1938

Trabalhas sem alegria para um mundo caduco,  
onde as formas e as ações não encerram nenhum  
exemplo.

Praticas laboriosamente os gestos universais,  
sentes calor e frio, falta de dinheiro, fome e desejo  
sexual.

Heróis enchem os parques da cidade em que te arrastas,  
e preconizam a virtude, a renúncia, o sangue-frio, a  
concepção.

À noite, se neblina, abrem guarda-chuvas de bronze  
ou se recolhem aos volumes de sinistras bibliotecas.

Amas a noite pelo poder de aniquilamento que encerra  
e sabes que, dormindo, os problemas te dispensam de  
morrer.

Mas o terrível despertar prova a existência da Grande  
Máquina  
e te repõe, pequenino, em face de indecifráveis  
palmeiras.

Caminhas entre mortos e com eles conversas  
sobre coisas do tempo futuro e negócios do espírito.  
A literatura estragou tuas melhores horas de amor.  
Ao telefone perdeste muito, muitíssimo tempo de  
semear.

Coração orgulhoso, tens pressa de confessar tua derrota  
e adiar para outro século a felicidade coletiva.

Aceitas a chuva, a guerra, o desemprego e a injusta  
distribuição  
porque não podes, sozinho, dinamitar a ilha de  
Manhattan.

(sm)

## mãos dadas

Não serei o poeta de um mundo caduco.  
Também não cantarei o mundo futuro.  
Estou preso à vida e olho meus companheiros.  
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.  
Entre eles, considero a enorme realidade.  
O presente é tão grande, não nos afastemos.  
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,  
não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da  
janela,  
não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,  
não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.  
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os  
homens  
[presentes,  
a vida presente.

(sm)

# congresso internacional do medo

Provisoriamente não cantaremos o amor,  
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.  
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,  
não cantaremos o ódio porque esse não existe,  
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,  
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,  
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das  
igrejas,  
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos  
democratas,  
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da  
morte,  
depois morreremos de medo  
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e  
medrosas.

(sm)



# nosso tempo

*A Osvaldo Alves*

i

Este é tempo de partido,  
tempo de homens partidos.

Em vão percorremos volumes,  
viajamos e nos colorimos.  
A hora pressentida esmigalha-se em pó na rua.  
Os homens pedem carne. Fogo. Sapatos.  
As leis não bastam. Os lírios não nascem  
da lei. Meu nome é tumulto, e escreve-se  
na pedra.

Visito os fatos, não te encontro.  
Onde te ocultas, precária síntese,  
penhor de meu sono, luz  
dormindo acesa na varanda?  
Miúdas certezas de empréstimo, nenhum beijo  
sobe ao ombro para contar-me  
a cidade dos homens completos.

Calo-me, espero, decifro.  
As coisas talvez melhorem.  
São tão fortes as coisas!

Mas eu não sou as coisas e me revolto.  
Tenho palavras em mim buscando canal,  
são roucas e duras,  
irritadas, enérgicas,  
comprimidas há tanto tempo,

perderam o sentido, apenas querem explodir.

ii

Este é tempo de divisas,  
tempo de gente cortada.  
De mãos viajando sem braços,  
obscenos gestos avulsos.

Mudou-se a rua da infância.  
E o vestido vermelho  
vermelho  
cobre a nudez do amor,  
ao relento, no vale.

Símbolos obscuros se multiplicam.  
Guerra, verdade, flores?  
Dos laboratórios platônicos mobilizados  
vem um sopro que cresta as faces  
e dissipa, na praia, as palavras.

A escuridão estende-se mas não elimina  
o sucedâneo da estrela nas mãos.  
Certas partes de nós como brilham! São unhas,  
anéis, pérolas, cigarros, lanternas,  
são partes mais íntimas,  
a pulsação, o ofego,  
e o ar da noite é o estritamente necessário  
para continuar, e continuamos.

iii

E continuamos. É tempo de muletas.  
Tempo de mortos faladores  
e velhas paráliticas, nostálgicas de bailado,  
mas ainda é tempo de viver e contar.

Certas histórias não se perderam.  
Conheço bem esta casa,  
pela direita entra-se, pela esquerda sobe-se,  
a sala grande conduz a quartos terríveis,  
como o do enterro que não foi feito, do corpo esquecido  
na mesa,  
conduz à copa de frutas ácidas,  
ao claro jardim central, à água  
que goteja e segreda  
o incesto, a bênção, a partida,  
conduz às celas fechadas, que contêm:  
    papéis?  
    crimes?  
    moedas?

Ó conta, velha preta, ó jornalista, poeta, pequeno  
historiador  
    [urbano,  
ó surdo-mudo, depositário de meus desfalecimentos,  
abre-te  
    [e conta,  
moça presa na memória, velho aleijado, baratas dos  
arquivos,  
    [portas rangentes, solidão e asco,  
pessoas e coisas enigmáticas, contai;  
capa de poeira dos pianos desmantelados, contai;  
velhos selos do imperador, aparelhos de porcelana  
partidos, contai;  
ossos na rua, fragmentos de jornal, colchetes no chão  
    [da costureira, luto no braço, pombas, cães errantes,  
[animais caçados, contai.  
Tudo tão difícil depois que vos calastes...  
E muitos de vós nunca se abriram.

É tempo de meio silêncio,  
de boca gelada e murmúrio,  
palavra indireta, aviso  
na esquina. Tempo de cinco sentidos  
num só. O espião janta conosco.

É tempo de cortinas pardas,  
de céu neutro, política  
na maçã, no santo, no gozo,  
amor e desamor, cólera  
branda, gim com água tônica,  
olhos pintados,  
dentes de vidro,  
grotesca língua torcida.  
A isso chamamos: balanço.

No beco,  
apenas um muro,  
sobre ele a polícia.  
No céu da propaganda  
aves anunciam  
a glória.  
No quarto,  
irrisão e três colarinhos sujos.

v

Escuta a hora formidável do almoço  
na cidade. Os escritórios, num passe, esvaziam-se.  
As bocas sugam um rio de carne, legumes e tortas  
vitaminosas.  
Salta depressa do mar a bandeja de peixes argênteos!  
Os subterrâneos da fome choram caldo de sopa,  
olhos líquidos de cão através do vidro devoram teu osso.

Come, braço mecânico, alimenta-te, mão de papel, é tempo

[de comida,  
mais tarde será o de amor.

Lentamente os escritórios se recuperam, e os negócios, forma

[indecisa, evoluem.

O esplêndido negócio insinua-se no tráfego.

Multidões que o cruzam não veem. É sem cor e sem cheiro.

Está dissimulado no bonde, por trás da brisa do sul,  
vem na areia, no telefone, na batalha de aviões,  
toma conta de tua alma e dela extrai uma porcentagem.

Escuta a hora expandongada da volta.

Homem depois de homem, mulher, criança, homem,  
roupa, cigarro, chapéu, roupa, roupa, roupa,  
homem, homem, mulher, homem, mulher, roupa, homem  
imaginam esperar qualquer coisa,  
e se quedam mudos, escoam-se passo a passo, sentam-se,

últimos servos do negócio, imaginam voltar para casa,  
já noite, entre muros apagados, numa suposta cidade,  
imaginam.

Escuta a pequena hora noturna de compensação,  
leituras,

[apelo ao cassino, passeio na praia,  
o corpo ao lado do corpo, afinal distendido,  
com as calças despido o incômodo pensamento de escravo,  
escuta o corpo ranger, enlaçar, refluir,  
errar em objetos remotos e, sob eles soterrado sem dor,  
confiar-se ao que bem me importa  
do sono.

Escuta o horrível emprego do dia  
em todos os países de fala humana,  
a falsificação das palavras pingando nos jornais,  
o mundo irreal dos cartórios onde a propriedade é um  
bolo

[com flores,  
os bancos triturando suavemente o pescoço do açúcar,  
a constelação das formigas e usurários,  
a má poesia, o mau romance,  
os frágeis que se entregam à proteção do basilisco,  
o homem feio, de mortal feiura,  
passeando de bote  
num sinistro crepúsculo de sábado.

vi

Nos porões da família,  
orquídeas e opções  
de compra e desquite.  
A gravidez elétrica  
já não traz delíquios.  
Crianças alérgicas  
trocam-se; reformam-se.  
Há uma implacável  
guerra às baratas.  
Contam-se histórias  
por correspondência.  
A mesa reúne  
um copo, uma faca,  
e a cama devora  
tua solidão.  
Salva-se a honra  
e a herança do gado.

vii

Ou não se salva, e é o mesmo. Há soluções, há bálsamos  
para cada hora e dor. Há fortes bálsamos,  
dores de classe, de sangrenta fúria  
e plácido rosto. E há mínimos  
bálsamos, recalcadas dores ignóbeis,  
lesões que nenhum governo autoriza,  
não obstante doem,  
melancolias insubornáveis,  
ira, reprovação, desgosto  
desse chapéu velho, da rua lodosa, do Estado.  
Há o pranto no teatro,  
no palco? no público? nas poltronas?  
há sobretudo o pranto no teatro,  
já tarde, já confuso,  
ele embacia as luzes, se engolfa no linóleo,  
vai minar nos armazéns, nos becos coloniais onde  
passeiam  
[ratos noturnos,  
vai molhar, na roça madura, o milho ondulante,  
e secar ao sol, em poça amarga.  
E dentro do pranto minha face trocista,  
meu olho que ri e despreza,  
minha repugnância total por vosso lirismo deteriorado,  
que polui a essência mesma dos diamantes.

viii

O poeta  
declina de toda responsabilidade  
na marcha do mundo capitalista  
e com suas palavras, intuições, símbolos e outras  
armas  
promete ajudar  
a destruí-lo

como uma pedreira, uma floresta,  
um verme.

(rp)



## o elefante

Fabrico um elefante  
de meus poucos recursos.  
Um tanto de madeira  
tirado a velhos móveis  
talvez lhe dê apoio.  
E o encho de algodão,  
de paina, de doçura.  
A cola vai fixar  
suas orelhas pensas.  
A tromba se enovela,  
é a parte mais feliz  
de sua arquitetura.  
Mas há também as presas,  
dessa matéria pura  
que não sei figurar.  
Tão alva essa riqueza  
a espojar-se nos circos  
sem perda ou corrupção.  
E há por fim os olhos,  
onde se deposita  
a parte do elefante  
mais fluida e permanente,  
alheia a toda fraude.

Eis meu pobre elefante  
pronto para sair  
à procura de amigos  
num mundo enfastiado  
que já não crê nos bichos

e duvida das coisas.  
Ei-lo, massa imponente  
e frágil, que se abana  
e move lentamente  
a pele costurada  
onde há flores de pano  
e nuvens, alusões  
a um mundo mais poético  
onde o amor reagrupa  
as formas naturais.

Vai o meu elefante  
pela rua povoada,  
mas não o querem ver  
nem mesmo para rir  
da cauda que ameaça  
deixá-lo ir sozinho.  
É todo graça, embora  
as pernas não ajudem  
e seu ventre balofo  
se arrisque a desabar  
ao mais leve empurrão.  
Mostra com elegância  
sua mínima vida,  
e não há na cidade  
alma que se disponha  
a recolher em si  
desse corpo sensível  
a fugitiva imagem,  
o passo desastrado  
mas faminto e tocante.

Mas faminto de seres  
e situações patéticas,  
de encontros ao luar  
no mais profundo oceano,

sob a raiz das árvores  
ou no seio das conchas,  
de luzes que não cegam  
e brilham através  
dos troncos mais espessos.  
Esse passo que vai  
sem esmagar as plantas  
no campo de batalha,  
à procura de sítios,  
segredos, episódios  
não contados em livro,  
de que apenas o vento,  
as folhas, a formiga  
reconhecem o talhe,  
mas que os homens ignoram,  
pois só ousam mostrar-se  
sob a paz das cortinas  
à pálpebra cerrada.

E já tarde da noite  
volta meu elefante,  
mas volta fatigado,  
as patas vacilantes  
se desmancham no pó.  
Ele não encontrou  
o de que carecia,  
o de que carecemos,  
eu e meu elefante,  
em que amo disfarçar-me.  
Exausto de pesquisa,  
caiu-lhe o vasto engenho  
como simples papel.  
A cola se dissolve  
e todo seu conteúdo  
de perdão, de carícia,  
de pluma, de algodão,

jorra sobre o tapete,  
qual mito desmontado.  
Amanhã recomeço.

(rp)

# desaparecimento de Luísa porto

Pede-se a quem souber  
do paradeiro de Luísa Porto  
avise sua residência  
à Rua Santos Óleos, 48.  
Previna urgente  
solitária mãe enferma  
entrevada há longos anos  
erma de seus cuidados.

Pede-se a quem avistar  
Luísa Porto, de 37 anos,  
que apareça, que escreva, que mande dizer  
onde está.  
Suplica-se ao repórter amador,  
ao caixeiro, ao mata-mosquitos, ao transeunte,  
a qualquer do povo e da classe média,  
até mesmo aos senhores ricos,  
que tenham pena de mãe aflita  
e lhe restitua a filha volatilizada  
ou pelo menos deem informações.  
É alta, magra,  
morena, rosto penugento, dentes alvos,  
sinal de nascença junto ao olho esquerdo,  
levemente estrábica.  
Vestidinho simples. Óculos.  
Sumida há três meses.  
Mãe entrevada chamando.

Roga-se ao povo caritativo desta cidade

que tome em consideração um caso de família  
digno de simpatia especial.  
Luísa é de bom gênio, correta,  
meiga, trabalhadora, religiosa.  
Foi fazer compras na feira da praça.  
Não voltou.

Levava pouco dinheiro na bolsa.  
(Procurem Luísa.)  
De ordinário não se demorava.  
(Procurem Luísa.)  
Namorado isso não tinha.  
(Procurem. Procurem.)  
Faz tanta falta.

Se todavia não a encontrarem  
nem por isso deixem de procurar  
com obstinação e confiança que Deus sempre  
recompensa  
e talvez encontrem.  
Mãe, viúva pobre, não perde a esperança.  
Luísa ia pouco à cidade  
e aqui no bairro é onde melhor pode ser pesquisada.  
Sua melhor amiga, depois da mãe enferma,  
é Rita Santana, costureira, moça desimpedida,  
a qual não dá notícia nenhuma,  
limitando-se a responder: Não sei.  
O que não deixa de ser esquisito.

Somem tantas pessoas anualmente  
numa cidade como o Rio de Janeiro  
que talvez Luísa Porto jamais seja encontrada.  
Uma vez, em 1898  
ou 9,  
sumiu o próprio chefe de polícia  
que saía à tarde para uma volta no Largo do Rocio

e até hoje.

A mãe de Luísa, então jovem,  
leu no *Diário Mercantil*,  
ficou pasma.

O jornal embrulhado na memória.  
Mal sabia ela que o casamento curto, a viuvez,  
a pobreza, a paralisia, o queixume  
seriam, na vida, seu lote  
e que sua única filha, afável posto que estrábica,  
se diluiria sem explicação.

Pela última vez e em nome de Deus  
todo-poderoso e cheio de misericórdia  
procurem a moça, procurem  
essa que se chama Luísa Porto  
e é sem namorado.  
Esqueçam a luta política,  
ponham de lado preocupações comerciais,  
percam um pouco de tempo indagando,  
inquirindo, remexendo.  
Não se arrependerão. Não  
há gratificação maior do que o sorriso  
de mãe em festa  
e a paz íntima  
consequente às boas e desinteressadas ações,  
puro orvalho da alma.

Não me venham dizer que Luísa suicidou-se.  
O santo lume da fé  
ardeu sempre em sua alma  
que pertence a Deus e a Teresinha do Menino Jesus.  
Ela não se matou.  
Procurem-na.  
Tampouco foi vítima de desastre  
que a polícia ignora  
e os jornais não deram.

Está viva para consolo de uma entrevada  
e triunfo geral do amor materno,  
filial  
e do próximo.

Nada de insinuações quanto à moça casta  
e que não tinha, não tinha namorado.  
Algo de extraordinário terá acontecido,  
terremoto, chegada de rei.  
As ruas mudaram de rumo,  
para que demore tanto, é noite.  
Mas há de voltar, espontânea  
ou trazida por mão benigna,  
o olhar desviado e terno,  
canção.

A qualquer hora do dia ou da noite  
quem a encontrar avise a Rua Santos Óleos.  
Não tem telefone.  
Tem uma empregada velha que apanha o recado  
e tomará providências.

Mas  
se acharem que a sorte dos povos é mais importante  
e que não devemos atentar nas dores individuais,  
se fecharem ouvidos a este apelo de campanha,  
não faz mal, insultem a mãe de Luísa,  
virem a página:  
Deus terá compaixão da abandonada e da ausente,  
erguerá a enferma, e os membros perclusos  
já se desatam em forma de busca.  
Deus lhe dirá:  
Vai,  
procura tua filha, beija-a e fecha-a para sempre em teu  
coração.



Ou talvez não seja preciso esse favor divino.  
A mãe de Luísa (somos pecadores)  
sabe-se indigna de tamanha graça.  
E resta a espera, que sempre é um dom.  
Sim, os extraviados um dia regressam  
ou nunca, ou pode ser, ou ontem.  
E de pensar realizamos.  
Quer apenas sua filhinha  
que numa tarde remota de Cachoeiro  
acabou de nascer e cheira a leite,  
a cólica, a lágrima.  
Já não interessa a descrição do corpo  
nem esta, perdoem, fotografia,  
disfarces de realidade mais intensa  
e que anúncio algum proverá.  
Cessem pesquisas, rádios, calai-vos.  
Calma de flores abrindo  
no canteiro azul  
onde desabrocham seios e uma forma de virgem  
intata nos tempos.  
E de sentir compreendemos.  
Já não adianta procurar  
minha querida filha Luísa  
que enquanto vagueio pelas cinzas do mundo  
com inúteis pés fixados, enquanto sofro  
e sofrendo me solto e me recomponho  
e torno a viver e ando,  
está inerte  
cravada no centro da estrela invisível  
Amor.

(np)

# morte do leiteiro

*A Cyro Novaes*

Há pouco leite no país,  
é preciso entregá-lo cedo.  
Há muita sede no país,  
é preciso entregá-lo cedo.  
Há no país uma legenda,  
que ladrão se mata com tiro.

Então o moço que é leiteiro  
de madrugada com sua lata  
sai correndo e distribuindo  
leite bom para gente ruim.  
Sua lata, suas garrafas  
e seus sapatos de borracha  
vão dizendo aos homens no sono  
que alguém acordou cedinho  
e veio do último subúrbio  
trazer o leite mais frio  
e mais alvo da melhor vaca  
para todos criarem força  
na luta brava da cidade.

Na mão a garrafa branca  
não tem tempo de dizer  
as coisas que lhe atribuo  
nem o moço leiteiro ignaro,  
morador na Rua Namur,  
empregado no entreposto,  
com 21 anos de idade,

sabe lá o que seja impulso  
de humana compreensão.  
E já que tem pressa, o corpo

vai deixando à beira das casas  
uma apenas mercadoria.

E como a porta dos fundos  
também escondesse gente  
que aspira ao pouco de leite  
disponível em nosso tempo,  
avancemos por esse beco,  
peguemos o corredor,  
depositemos o litro...  
Sem fazer barulho, é claro,  
que barulho nada resolve.

Meu leiteiro tão sutil  
de passo maneiro e leve,  
antes desliza que marcha.  
É certo que algum rumor  
sempre se faz: passo errado,  
vaso de flor no caminho,  
cão latindo por princípio,  
ou um gato quizilento.  
E há sempre um senhor que acorda,  
resmunga e torna a dormir.

Mas este acordou em pânico  
(ladrões infestam o bairro),  
não quis saber de mais nada.  
O revólver da gaveta  
saltou para sua mão.

Ladrão? se pega com tiro.  
Os tiros na madrugada

liquidaram meu leiteiro.  
Se era noivo, se era virgem,  
se era alegre, se era bom,  
não sei,  
é tarde para saber.

Mas o homem perdeu o sono  
de todo, e foge pra rua.  
Meu Deus, matei um inocente.  
Bala que mata gatuno  
também serve pra furtar  
a vida de nosso irmão.  
Quem quiser que chame médico,  
polícia não bota a mão  
neste filho de meu pai.  
Está salva a propriedade.  
A noite geral prossegue,  
a manhã custa a chegar,  
mas o leiteiro  
estatelado, ao relento,  
perdeu a pressa que tinha.

Da garrafa estilhada,  
no ladrilho já sereno  
escorre uma coisa espessa  
que é leite, sangue... não sei.  
Por entre objetos confusos,  
mal redimidos da noite,  
duas cores se procuram,  
suavemente se tocam,  
amorosamente se enlaçam,  
formando um terceiro tom  
a que chamamos aurora.

(rp)

# os ombros suportam o mundo

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus.  
Tempo de absoluta depuração.  
Tempo em que não se diz mais: meu amor.  
Porque o amor resultou inútil.  
E os olhos não choram.  
E as mãos tecem apenas o rude trabalho.  
E o coração está seco.

Em vão mulheres batem à porta, não abrirás.  
Ficaste sozinho, a luz apagou-se,  
mas na sombra teus olhos resplandecem enormes.  
És todo certeza, já não sabes sofrer.  
E nada esperas de teus amigos.

Pouco importa venha a velhice, que é a velhice?  
Teus ombros suportam o mundo  
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.  
As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios  
provam apenas que a vida prossegue  
e nem todos se libertaram ainda.  
Alguns, achando bárbaro o espetáculo,  
prefeririam (os delicados) morrer.  
Chegou um tempo em que não adianta morrer.  
Chegou um tempo em que a vida é uma ordem.  
A vida apenas, sem mistificação.

(sm)

## anúncio da rosa

Imenso trabalho nos custa a flor.  
Por menos de oito contos vendê-la? Nunca.  
Primavera não há mais doce, rosa tão meiga  
onde abrirá? Não, cavalheiros, sede permeáveis.

Uma só pétala resume auroras e pontilhismos,  
sugere estâncias, diz que te amam, beijai a rosa,  
ela é sete flores, qual mais fragrante, todas exóticas,  
todas históricas, todas catárticas, todas patéticas.

Vede o caule,  
traço indeciso.

Autor da rosa, não me revelo, sou eu, quem sou?  
Deus me ajudara, mas ele é neutro, e mesmo duvido  
que em outro mundo alguém se curve, filtre a paisagem,  
pense uma rosa na pura ausência, no amplo vazio.

Vinde, vinde,  
olhai o cálice.

Por preço tão vil mas peça, como direi, aurilavrada,  
não, é cruel existir em tempo assim filaucioso.  
Injusto padecer exílio, pequenas cólicas cotidianas,  
oferecer-vos alta mercancia estelar e sofrer vossa irrisão.

Rosa na roda,  
rosa na máquina,  
apenas rósea.

Selarei, venda murcha, meu comércio incompreendido,

pois jamais virão pedir-me, eu sei, o que de melhor se compôs

[na noite,

e não há oito contos. Já não vejo amadores de rosa.

Ó fim do parnasiano, começo da era difícil, a burguesia apodrece.

Aproveitem. A última  
rosa desfolha-se.

(rp)

# contemplação no banco

i

O coração pulverizado range  
sob o peso nervoso ou retardado ou tímido  
que não deixa marca na alameda, mas deixa  
essa estampa vaga no ar, e uma angústia em mim,  
espiralante.

Tantos pisam este chão que ele talvez  
um dia se humanize. E malaxado,  
embebido da fluida substância de nossos segredos,  
quem sabe a flor que aí se elabora, calcária, sanguínea?

Ah, não viver para contemplá-la! Contudo,  
não é longo mentar uma flor, e permitido  
correr por cima do estreito rio presente,  
construir de bruma nosso arco-íris.

Nossos donos temporais ainda não devassaram  
o claro estoque de manhãs  
que cada um traz no sangue, no vento.

Passarei a vida entoando uma flor, pois não sei cantar  
nem a guerra, nem o amor cruel, nem os ódios  
organizados,  
e olho para os pés dos homens, e cismo.

Escultura de ar, minhas mãos  
te modelam nua e abstrata  
para o homem que não serei.



Ele talvez compreenda com todo o corpo,  
para além da região minúscula do espírito,  
a razão de ser, o ímpeto, a confusa  
distribuição, em mim, de seda e péssimo.

ii

Nalgum lugar faz-se esse homem...  
Contra a vontade dos pais ele nasce,  
contra a astúcia da medicina ele cresce,  
e ama, contra a amargura da política.

Não lhe convém o débil nome de filho,  
pois só a nós mesmos podemos gerar,  
e esse nega, sorrindo, a escura fonte.

Irmão lhe chamaria, mas irmão  
por quê, se a vida nova  
se nutre de outros saís, que não sabemos?

Ele é seu próprio irmão, no dia vasto,  
na vasta integração das formas puras,  
sublime arrolamento de contrários  
enlaçados por fim.

Meu retrato futuro, como te amo,  
e mineralmente te pressinto, e sinto  
quanto estás longe de nosso vão desenho  
e de nossas roucas onomatopeias...

iii

Vejo-te nas ervas pisadas.  
O jornal, que aí pousa, mente.

Descubro-te ausente nas esquinas

mais povoadas, e vejo-te incorpóreo,  
contudo nítido, sobre o mar oceano.

Chamar-te visão seria  
malconhecer as visões  
de que é cheio o mundo  
e vazio.

Quase posso tocar-te, como às coisas diluculares  
que se moldam em nós, e a guarda não captura,  
e vingam.

Dissolvendo a cortina de palavras,  
tua forma abrange a terra e se desata  
à maneira do frio, da chuva, do calor e das lágrimas.

Triste é não ter um verso maior que os literários,  
é não compor um verso novo, desorbitado,  
para envolver tua efígie lunar, ó quimera  
que sobes do chão batido e da relva pobre.

(ce)

## canção amiga

Eu preparo uma canção  
em que minha mãe se reconheça,  
todas as mães se reconheçam,  
e que fale como dois olhos.

Caminho por uma rua  
que passa em muitos países.  
Se não me veem, eu vejo  
e saúdo velhos amigos.

Eu distribuo um segredo  
como quem ama ou sorri.  
No jeito mais natural  
dois carinhos se procuram.

Minha vida, nossas vidas  
formam um só diamante.  
Aprendi novas palavras  
e tornei outras mais belas.

Eu preparo uma canção  
que faça acordar os homens  
e adormecer as crianças.

(np)

amar-amaro

## o amor bate na aorta

Cantiga do amor sem eira  
nem beira,  
vira o mundo de cabeça  
para baixo,  
suspende a saia das mulheres,  
tira os óculos dos homens,  
o amor, seja como for,  
é o amor.

Meu bem, não chores,  
hoje tem filme de Carlito!

O amor bate na porta,  
o amor bate na aorta,  
fui abrir e me constipei.  
Cardíaco e melancólico,  
o amor ronca na horta  
entre pés de laranjeira  
entre uvas meio verdes  
e desejos já maduros.

Entre uvas meio verdes,  
meu amor, não te atormentes.  
Certos ácidos adoçam  
a boca murcha dos velhos  
e quando os dentes não mordem  
e quando os braços não prendem  
o amor faz uma cócega  
o amor desenha uma curva

propõe uma geometria.

Amor é bicho instruído.

Olha: o amor pulou o muro  
o amor subiu na árvore  
em tempo de se estrepar.  
Pronto, o amor se estrepou.  
Daqui estou vendo o sangue  
que escorre do corpo andrógino.  
Essa ferida, meu bem,  
às vezes não sara nunca  
às vezes sara amanhã.

Daqui estou vendo o amor  
irritado, desapontado,  
mas também vejo outras coisas:  
vejo corpos, vejo almas  
vejo beijos que se beijam  
ouço mãos que se conversam  
e que viajam sem mapa.  
Vejo muitas outras coisas  
que não ousa compreender...

(ba)

# quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo  
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili  
que não amava ninguém.  
João foi pra os Estados Unidos, Teresa para o convento,  
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,  
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes  
que não tinha entrado na história.

(ap)

# necrológio dos desiludidos do amor

Os desiludidos do amor  
estão desfechando tiros no peito.  
Do meu quarto ouço a fuzilaria.  
As amadas torcem-se de gozo.  
Oh quanta matéria para os jornais.

Desiludidos mas fotografados,  
escreveram cartas explicativas,  
tomaram todas as providências  
para o remorso das amadas.

Pum pum pum adeus, enjoada.  
Eu vou, tu ficas, mas nos veremos  
seja no claro céu ou turvo inferno.

Os médicos estão fazendo a autópsia  
dos desiludidos que se mataram.  
Que grandes corações eles possuíam.  
Vísceras imensas, tripas sentimentais  
e um estômago cheio de poesia...

Agora vamos para o cemitério  
levar os corpos dos desiludidos  
encaixotados competentemente  
(paixões de primeira e de segunda classe).

Os desiludidos seguem iludidos,  
sem coração, sem tripas, sem amor.  
Única fortuna, os seus dentes de ouro



não servirão de lastro financeiro  
e cobertos de terra perderão o brilho

enquanto as amadas dançarão um samba  
bravo, violento, sobre a tumba deles.

(ba)

# não se mate

Carlos, sossegue, o amor  
é isso que você está vendo:  
hoje beija, amanhã não beija,  
depois de amanhã é domingo  
e segunda-feira ninguém sabe  
o que será.

Inútil você resistir  
ou mesmo suicidar-se.  
Não se mate, oh não se mate,  
reserve-se todo para  
as bodas que ninguém sabe  
quando virão,  
se é que virão.

O amor, Carlos, você telúrico,  
a noite passou em você,  
e os recalques se sublimando,  
lá dentro um barulho inefável,  
rezas,  
vitrolas,  
santos que se persignam,  
anúncios do melhor sabão,  
barulho que ninguém sabe  
de quê, pra quê.

Entretanto você caminha  
melancólico e vertical.  
Você é a palmeira, você é o grito

que ninguém ouviu no teatro  
e as luzes todas se apagam.  
O amor no escuro, não, no claro,  
é sempre triste, meu filho, Carlos,  
mas não diga nada a ninguém,  
ninguém sabe nem saberá.

(ba)

## o mito

Sequer conheço Fulana,  
vejo Fulana tão curto,  
Fulana jamais me vê,  
mas como eu amo Fulana.

Amarei mesmo Fulana?  
ou é ilusão de sexo?  
Talvez a linha do busto,  
da perna, talvez do ombro.

Amo Fulana tão forte,  
amo Fulana tão dor,  
que todo me despedaço  
e choro, menino, choro.

Mas Fulana vai se rindo...  
Vejam Fulana dançando.  
No esporte ela está sozinha.  
No bar, quão acompanhada.

E Fulana diz mistérios,  
diz marxismo, *rimmel*, gás.  
Fulana me bombardeia,  
no entanto sequer me vê.

E sequer nos compreendemos.  
É dama de alta fidúcia,  
tem latifúndios, iates,  
sustenta cinco mil pobres.

Menos eu... que de orgulhoso  
me basto pensando nela.  
Pensando com unha, plasma,  
fúria, gilete, desânimo.

Amor tão disparatado.  
Desbaratado é que é...  
Nunca a sentei no meu colo  
nem vi pela fechadura.

Mas eu sei quanto me custa  
manter esse gelo digno,  
essa indiferença gaia  
e não gritar: Vem, Fulana!

Como deixar de invadir  
sua casa de mil fechos  
e sua veste arrancando  
mostrá-la depois ao povo

tal como é ou deve ser:  
branca, intata, neutra, rara,  
feita de pedra translúcida,  
de ausência e ruivos ornatos.

Mas como será Fulana,  
digamos, no seu banheiro?  
Só de pensar em seu corpo  
o meu se punge... Pois sim.

Porque preciso do corpo  
para mendigar Fulana,  
rogar-lhe que pise em mim,  
que me maltrate... Assim não.

Mas Fulana será gente?  
Estará somente em ópera?  
Será figura de livro?  
Será bicho? Saberei?

Não saberei? Só pegando,  
pedindo: Dona, desculpe...  
O seu vestido esconde algo?  
tem coxas reais? cintura?

Fulana às vezes existe  
demais; até me apavora.  
Vou sozinho pela rua,  
eis que Fulana me roça.

Olho: não tem mais Fulana.  
Povo se rindo de mim.  
(Na curva do seu sapato  
o calcanhar rosa e puro.)

E eu insonte, pervagando  
em ruas de peixe e lágrima.  
Aos operários: A vistes?  
Não, dizem os operários.

Aos boiadeiros: A vistes?  
Dizem não os boiadeiros.  
Acaso a vistes, doutores?  
Mas eles respondem: Não.

Pois é possível? pergunto  
aos jornais: todos calados.  
Não sabemos se Fulana  
passou. De nada sabemos.

E são onze horas da noite,

são onze rodas de chope,  
onze vezes dei a volta  
de minha sede; e Fulana

talvez dance no cassino  
ou, e será mais provável,  
talvez beije no Leblon,  
talvez se banhe na Cólquida;

talvez se pinte no espelho  
do táxi; talvez aplauda  
certa peça miserável  
num teatro barroco e louco;

talvez cruze a perna e beba,  
talvez corte figurinhas,  
talvez fume de piteira,  
talvez ria, talvez minta.

Esse insuportável riso  
de Fulana de mil dentes  
(anúncio de dentifrício)  
é faca me escavacando.

Me ponho a correr na praia.  
Venha o mar! Venham cações!  
Que o farol me denuncie!  
Que a fortaleza me ataque!

Quero morrer sufocado,  
quero das mortes a hedionda,  
quero voltar repelido  
pela salsugem do largo,

já sem cabeça e sem perna,  
à porta do apartamento,

para feder: de propósito,  
somente para Fulana.

E Fulana apelará  
para os frascos de perfume.  
Abre-os todos: mas de todos  
eu salto, e ofendo, e sujo.

E Fulana correrá  
(nem se cobriu: vai chispando),  
talvez se atire lá do alto.  
Seu grito é: socorro! e deus.

Mas não quero nada disso.  
Para que chatear Fulana?  
Pancada na sua nuca  
na minha é que vai doer.

E daí não sou criança.  
Fulana estuda meu rosto.  
Coitado: de raça branca.  
Tadinho: tinha gravata.

Já morto, me quererá?  
Esconjuro, se é necrófila...  
Fulana é vida, ama as flores,  
as artérias e as debêntures.

Sei que jamais me perdoará  
matar-me para servi-la.  
Fulana quer homens fortes,  
couraçados, invasores.

Fulana é toda dinâmica,  
tem um motor na barriga.  
Suas unhas são elétricas,



seus beijos refrigerados,

desinfetados, gravados  
em máquina multilite.

Fulana, como é sadia!  
Os enfermos somos nós.

Sou eu, o poeta precário  
que fez de Fulana um mito,  
nutrindo-me de Petrarca,  
Ronsard, Camões e Capim;

que a sei embebida em leite,  
carne, tomate, ginástica,  
e lhe colo metafísicas,  
enigmas, causas primeiras.

Mas, se tentasse construir  
outra Fulana que não  
essa de burguês sorriso  
e de tão burro esplendor?

Mudo-lhe o nome; recorto-lhe  
um traje de transparência;  
já perde a carência humana;  
e bato-a; de tirar sangue.

E lhe dou todas as faces  
de meu sonho que especula;  
e abolimos a cidade  
já sem peso e nitidez.

E vadeamos a ciência,  
mar de hipóteses. A lua  
fica sendo nosso esquema  
de um território mais justo.

E colocamos os dados  
de um mundo sem classe e imposto;  
e nesse mundo instalamos  
os nossos irmãos vingados.

E nessa fase gloriosa,  
de contradições extintas,  
eu e Fulana, abraçados,  
queremos... que mais queremos?

E digo a Fulana: Amiga,  
afinal nos compreendemos.  
Já não sofro, já não brilhas,  
mas somos a mesma coisa.

(Uma coisa tão diversa  
da que pensava que fôssemos.)

(rp)

## caso do vestido

Nossa mãe, o que é aquele vestido, naquele prego?

Minhas filhas, é o vestido de uma dona que passou.

Passou quando, nossa mãe? Era nossa conhecida?

Minhas filhas, boca presa. Vosso pai evém chegando.

Nossa mãe, disse depressa que vestido é esse vestido.

Minhas filhas, mas o corpo ficou frio e não o veste.

O vestido, nesse prego, está morto, sossegado.

Nossa mãe, esse vestido tanta renda, esse segredo!

Minhas filhas, escutai palavras de minha boca.

Era uma dona de longe, vosso pai enamorou-se.

E ficou tão transtornado,  
se perdeu tanto de nós,

se afastou de toda vida,  
se fechou, se devorou,

chorou no prato de carne,  
bebeu, brigou, me bateu,

me deixou com vosso berço,  
foi para a dona de longe,

mas a dona não ligou.  
Em vão o pai implorou.

Dava apólice, fazenda,  
dava carro, dava ouro,

beberia seu sobejo,  
lamberia seu sapato.

Mas a dona nem ligou.  
Então vosso pai, irado,

me pediu que lhe pedisse,  
a essa dona tão perversa,

que tivesse paciência  
e fosse dormir com ele...

Nossa mãe, por que chorais?  
Nosso lenço vos cedemos.

Minhas filhas, vosso pai  
chega ao pátio. Disfarcemos.

Nossa mãe, não escutamos  
pisar de pé no degrau.

Minhas filhas, procurei  
aquela mulher do demo.

E lhe roguei que aplacasse  
de meu marido a vontade.

Eu não amo teu marido,  
me falou ela se rindo.

Mas posso ficar com ele  
se a senhora fizer gosto,

só pra lhe satisfazer,  
não por mim, não quero homem.

Olhei para vosso pai,  
os olhos dele pediam.

Olhei para a dona ruim,  
os olhos dela gozavam.

O seu vestido de renda,  
de colo mui devassado,

mais mostrava que escondia  
as partes da pecadora.

Eu fiz meu pelo-sinal,  
me curvei... disse que sim.

Saí pensando na morte,

mas a morte não chegava.

Andei pelas cinco ruas,  
passei ponte, passei rio,

visitei vossos parentes,  
não comia, não falava,

tive uma febre terçã,  
mas a morte não chegava.

Fiquei fora de perigo,  
fiquei de cabeça branca,

perdi meus dentes, meus olhos,  
costurei, lavei, fiz doce,

minhas mãos se escalavraram,  
meus anéis se dispersaram,

minha corrente de ouro  
pagou conta de farmácia.

Vosso pai sumiu no mundo.  
O mundo é grande e pequeno.

Um dia a dona soberba  
me aparece já sem nada,

pobre, desfeita, mofina,  
com sua trouxa na mão.

Dona, me disse baixinho,  
não te dou vosso marido,

que não sei onde ele anda.  
Mas te dou este vestido,

última peça de luxo  
que guardei como lembrança

daquele dia de cobra,  
da maior humilhação.

Eu não tinha amor por ele,  
ao depois amor pegou.

Mas então ele enjoado  
confessou que só gostava

de mim como eu era dantes.  
Me joguei a suas plantas,

fiz toda sorte de dengo,  
no chão rocei minha cara,

me puxei pelos cabelos,  
me lancei na correnteza,

me cortei de canivete,  
me atirei no sumidouro,

bebi fel e gasolina,  
rezei duzentas novenas,

dona, de nada valeu:  
vosso marido sumiu.

Aqui trago minha roupa  
que recorda meu malfeito

de ofender dona casada  
pisando no seu orgulho.

Recebei esse vestido  
e me dai vosso perdão.

Olhei para a cara dela,  
quede os olhos cintilantes?

quede graça de sorriso,  
quede colo de camélia?

quede aquela cinturinha  
delgada como jeitosa?

quede pezinhos calçados  
com sandálias de cetim?

Olhei muito para ela,  
boca não disse palavra.

Peguei o vestido, pus  
nesse prego da parede.

Ela se foi de mansinho  
e já na ponta da estrada

vosso pai aparecia.  
Olhou pra mim em silêncio,

mal reparou no vestido  
e disse apenas: Mulher,

põe mais um prato na mesa.



Eu fiz, ele se assentou,  
comeu, limpou o suor,  
era sempre o mesmo homem,  
comia meio de lado  
e nem estava mais velho.

O barulho da comida,  
na boca, me acalentava,  
me dava uma grande paz,  
um sentimento esquisito  
de que tudo foi um sonho,  
vestido não há... nem nada.

Minhas filhas, eis que ouço  
vosso pai subindo a escada.

(rp)

## campo de flores

Deus me deu um amor no tempo de madureza,  
quando os frutos ou não são colhidos ou sabem a verme.  
Deus — ou foi talvez o Diabo — deu-me este amor  
maduro,  
e a um e outro agradeço, pois que tenho um amor.

Pois que tenho um amor, volto aos mitos pretéritos  
e outros acrescento aos que amor já criou.  
Eis que eu mesmo me torno o mito mais radioso  
e talhado em penumbra sou e não sou, mas sou.

Mas sou cada vez mais, eu que não me sabia  
e cansado de mim julgava que era o mundo  
um vácuo atormentado, um sistema de erros.  
Amanhecem de novo as antigas manhãs  
que não vivi jamais, pois jamais me sorriram.

Mas me sorriam sempre atrás de tua sombra  
imensa e contraída como letra no muro  
e só hoje presente.  
Deus me deu um amor porque o mereci.  
De tantos que já tive ou tiveram em mim,  
o sumo se espremeu para fazer um vinho  
ou foi sangue, talvez, que se armou em coágulo.

E o tempo que levou uma rosa indecisa  
a tirar sua cor dessas chamas extintas  
era o tempo mais justo. Era tempo de terra.  
Onde não há jardim, as flores nascem de um

secreto investimento em formas improváveis.

Hoje tenho um amor e me faço espaçoso  
para arrecadar as alfaías de muitos  
amantes desgovernados, no mundo, ou triunfantes,  
e ao vê-los amorosos e transidos em torno  
o sagrado terror converto em jubilação.

Seu grão de angústia amor já me oferece  
na mão esquerda. Enquanto a outra acaricia  
os cabelos e a voz e o passo e a arquitetura  
e o mistério que além faz os seres preciosos  
à visão extasiada.

Mas, porque me tocou um amor crepuscular,  
há que amar diferente. De uma grave paciência  
ladrilhar minhas mãos. E talvez a ironia  
tenha dilacerado a melhor doação.  
Há que amar e calar.  
Para fora do tempo arrasto meus despojos  
e estou vivo na luz que baixa e me confunde.

(ce)

# escada

Na curva desta escada nos amamos,  
nesta curva barroca nos perdemos.

O caprichoso esquema  
unia formas vivas, entre ramas.

Lembras-te, carne? Um arrepio telepático  
vibrou nos bens municipais, e dando volta  
ao melhor de nós mesmos  
deixou-nos sós, a esmo,  
espetacularmente sós e desarmados,  
que a nos amarmos tanto eis-nos morridos.

E mortos, e proscritos  
de toda comunhão no século (esta espira  
é testemunha, e conta), que restava  
das línguas infinitas  
que falávamos ou surdas se lambiam  
no céu da boca sempre azul e oco?

Que restava de nós,  
neste jardim ou nos arquivos, que restava  
de nós, mas que restava, que restava?  
Ai, nada mais restara,  
que tudo mais, na alva,  
se perdia, e contagiando o canto aos passarinhos  
vinha até nós, podrido e trêmulo, anunciando  
que amor fizera um novo testamento,  
e suas prendas jaziam sem herdeiros  
num pátio branco e áureo de laranjas.

Aqui se esgota o orvalho,  
e de lembrar não há lembrança. Entrelaçados,  
insistíamos em ser; mas nosso espectro,  
submarino, à flor do tempo ia apontando,  
e já noturnos, rotos, desossados,  
nosso abraço doía  
para além da matéria esparsa em números.

Asa que ofereceste o pouso raro  
e dançarino e rotativo, cálculo,  
rosa grimpante e fina  
que à terra nos prendias e furtavas,  
enquanto a reta insigne  
da torre ia lavrando  
no campo desfolhado outras quimeras:  
sem ti não somos mais o que antes éramos.

E se este lugar de exílio hoje passeia  
faminta imaginação atada aos corvos  
de sua própria ceva,  
escada, ó assunção,  
ao céu alças em vão o alvo pescoço,  
que outros peitos em ti se beijariam  
sem sombra, e fugitivos,  
mas nosso beijo e baba se incorporam  
de há muito ao teu cimento, num lamento.

(fa)

## estâncias

Amor? Amar? Vozes que ouvi, já não me lembra  
onde: talvez entre grades solenes, num  
calcinado e pungitivo lugar que regamos de fúria,  
êxtase, adoração, temor. Talvez no mínimo  
território acuado entre a espuma e o gnaisse, onde  
respira  
— mas que assustada! — uma criança apenas. E que  
presságios  
de seus cabelos se desenrolam! Sim, ouvi de amor, em  
hora  
infinda, se bem que sepultada na mais rangente areia  
que os pés pisam, pisam, e por sua vez — é lei —  
desaparecem.  
E ouvi de amar, como de um dom a poucos ofertado; ou  
de um  
[crime.

De novo essas vozes, peço-te. Escande-as em tom  
sóbrio,  
ou senão grita-as à face dos homens; desata os  
petrificados;  
[aturde  
os caules no ato de crescer; repete: amor, amar.  
O ar se crispa, de ouvi-las; e para além do tempo  
ressoam, remos  
de ouro batendo a água transfigurada; correntes  
tombam. Em nós ressurgem o antigo; o novo; o que de  
nada

extraí forma de vida; e não de confiança, de  
desassossego se nutre.  
Eis que a posse abolida na de hoje se reflete, e  
confundem-se,  
e quantos desse mal um dia (estão mortos) soluçaram,  
habitam nosso corpo reunido e soluçam conosco.

(np)

## ciclo

Sorrimos para as mulheres bojudas que passam como  
[cargueiros adernando,  
sorrimos sem interesse, porque a prenhez as circunda.  
E levamos balões às crianças que afinal se revelam,  
vemo-las criar folhas e temos cuidados especiais com  
sua  
[segurança,  
porque a rua é mortal e a seara não amadureceu.  
Assistimos ao crescimento colegial das meninas e como  
é rude  
infundir ritmo ao puro desengonço, forma ao espaço!  
Nosso desejo, de ainda não desejar, não se sabe desejo,  
e espera.  
Como o bicho espera outro bicho.  
E o furto espera o ladrão.  
E a morte espera o morto.  
E a mesma espera, sua esperança.

De repente, sentimos um arco ligando ao céu nossa  
medula,  
e no fundamento do ser a hora fulgura.  
É agora, o altar está brunido  
e as alfaias cada uma tem seu brilho  
e cada brilho seu destino.  
Um antigo sacrifício já se alteia  
e no linho amarfanhado um búfalo estampou  
a sentença dos búfalos.

As crianças crescem tanto, e continuam



tão jardim, mas tão jardim na tarde rubra.  
São eternas as crianças decepadas,  
e lá embaixo da cama seus destroços  
nem nos ferem a vista nem repugnam  
a esse outro ser blindado que desponta  
de sua própria e ingênua imolação.

E porque subsistem, as crianças,  
e boiam na íris madura a censurar-nos,  
e constroem, derrotam  
a solércia dos grandes,  
há em certos amores essa distância de um a outro  
que separa, não duas cidades, mas dois corpos.

Perturbação de entrar  
no quarto de nus,  
tristeza de nudez que se sabe julgada,  
comparação de veia antiga a pele nova,  
presença de relógio insinuada entre roupas íntimas,  
um ontem ressoando sempre,  
e ciência, entretanto, de que nada continua e nem  
mesmo  
[talvez exista.

Então nos punimos em nossa delícia.  
O amor atinge raso, e fere tanto.  
Nu a nu,  
fome a fome,  
não confiscamos nada e nos vertemos.  
E é terrivelmente adulto esse animal  
a espreitar-nos, sorrindo,  
como quem a si mesmo se revela.

As crianças estão vingadas no arrepio  
com que vamos à caça; no abandono  
de nós, em que se esfuma nossa posse.

(Que possuímos de ninguém, e em que nenhuma região  
[nos sabemos pensados,  
sequer admitidos como coisas vivendo  
salvo no rasto de coisas outras, agressivas?)

Voltamos a nós mesmos, destroçados.  
Ai, batalha do tempo contra a luz,  
vitória do pequeno sobre o muito,  
quem te previu na graça do desejo  
a pular de cabrito sobre a relva  
súbito incendiada em línguas de ira?  
Quem te compôs de sábia timidez  
e de suplicazinhas infantis  
tão logo ouvidas como desdenhadas?  
De impossíveis, de risos e de nada  
tu te formaste, só, em meio aos fortes;  
crescente em véu e risco; disfarçaste  
de ti mesma esse núcleo monstruoso  
que faz sofrer os máximos guerreiros  
e compaixão infunde às mesmas pedras  
e a crótalos de bronze nos jardins.  
Ei-los prostrados, sim, e nos seus rostos  
poluídos de chuva e de excremento  
uma formiga escreve, contra o vento,  
a notícia dos erros cometidos;  
e um cavalo relincha, galopando;  
e um desespero sem amar, e amando,  
tinge o espaço de um vinho episcopal,  
tão roxo é o sangue borrifado a esmo,  
de feridas expostas em vitrinas,  
joias comuns em suas formas raras  
de tarântula cobra  
touro verme  
feridas latejando sem os corpos  
deslembrados de tudo na corrente.

Noturno e ambíguo esse sorriso em nosso rumo.  
Sorrisimos também — mas sem interesse — para as  
mulheres

[bojudas que passam,  
cargueiros adernando em mar de promessa  
contínua.

(vpl)

# véspera

Amor: em teu regaço as formas sonham  
o instante de existir: ainda é bem cedo  
para acordar, sofrer. Nem se conhecem  
os que se destruirão em teu bruxedo.

Nem tu sabes, amor, que te aproximas  
a passo de veludo. És tão secreto,  
reticente e ardiloso, que semelhas  
uma casa fugindo ao arquiteto.

Que presságios circulam pelo éter,  
que signos de paixão, que suspirália  
hesita em consumir-se, como flúor,  
se não a roça enfim tua sandália?

Não queres morder célere nem forte.  
Evitas o clarão aberto em susto.  
Examinas cada alma. E fogo inerte?  
O sacrifício há de ser lento e augusto.

Então, amor, escolhes o disfarce.  
Como brincas (e és sério) em cabriolas,  
em risadas sem modo, pés descalços,  
no círculo de luz que desenrolas!

Contempla este jardim: os namorados,  
dois a dois, lábio a lábio, vão seguindo  
de teu capricho o hermético astrolábio,  
e perseguem o sol no dia findo.

E se deitam na relva; e se enlaçando  
num desejo menor, ou na indecisa  
procura de si mesmos, que se expande,  
corpóreos, são mais leves do que brisa.

E na montanha-russa o grito unânime  
é medo e gozo ingênuo, repartido  
em casais que se fundem, mas sem flama,  
que só mais tarde o peito é consumido.

Olha, amor, o que fazes desses jovens  
(ou velhos) debruçados na água mansa,  
relendo a sem palavra das estórias  
que nosso entendimento não alcança.

Na pressa dos comboios, entre silvos,  
carregadores e campainhas, rouca  
explosão de viagem, como é lírico  
o batom a fugir de uma a outra boca.

Assim teus namorados se prospectam:  
um é mina do outro; e não se esgota  
esse ouro surpreendido nas cavernas  
de que o instinto possui a esquiva rota.

Serão cegos, autômatos, escravos  
de um deus sem caridade e sem presença?  
Mas sorriem os olhos, e que claros  
gestos de integração, na noite densa!

Não ensaies demais as tuas vítimas,  
ó amor, deixa em paz os namorados.  
Eles guardam em si, coral sem ritmo,  
os infernos futuros e passados.

(vpl)

# instante

Uma semente engravidava a tarde.  
Era o dia nascendo, em vez da noite.  
Perdia amor seu hálito covarde,  
e a vida, corcel rubro, dava um coice,

mas tão delicioso, que a ferida  
no peito transtornado, aceso em festa,  
acordava, gravura enlouquecida,  
sobre o tempo sem caule, uma promessa.

A manhã sempre-sempre, e docia stutos  
eus caçadores a correr, e as presas  
num feliz entregar-se, entre soluços.

E que mais, vida eterna, me planejas?  
O que se desatou num só momento  
não cabe no infinito, e é fuga e vento.

(vpl)

## os poderes infernais

O meu amor faísca na medula,  
pois que na superfície ele anoitece.  
Abre na escuridão sua quermesse.  
É todo fome, e eis que repele a gula.

Sua escama de fel nunca se anula  
e seu rangido nada tem de prece.  
Uma aranha invisível é que o tece.  
O meu amor, paralisado, pula.

Pulula, ulula. Salve, lobo triste!  
Quando eu secar, ele estará vivendo,  
já não vive de mim, nele é que existe

o que sou, o que sobro, esmigalhado.  
O meu amor é tudo que, morrendo,  
não morre todo, e fica no ar, parado.

(vpl)



## soneto do pássaro

Batem as asas? Rosa aberta, a saia  
esculpe, no seu giro, o corpo leve.  
Entre músculos suaves, uma alfaia,  
selada, tremeluz à vista breve.

O que, mal percebido, se descreve  
em termos de pelúcia ou de cambraia,  
o que é fogo sutil, soprado em neve,  
curva de coxa atlântica na praia,

vira mulher ou pássaro? No rosto,  
essa mesma expressão aérea ou grave,  
esse indeciso traço de sol-posto,

de fuga, que há no bico de uma ave.  
O mais é jeito humano ou desumano,  
conforme a inclinação de meu engano.

(vpl)

## o quarto em desordem

Na curva perigosa dos cinquenta  
derrapei neste amor. Que dor! que pétala  
sensível e secreta me atormenta  
e me provoca à síntese da flor

que não se sabe como é feita: amor,  
na quinta-essência da palavra, e mudo  
de natural silêncio já não cabe  
em tanto gesto de colher e amar

a nuvem que de ambígua se dilui  
nesse objeto mais vago do que nuvem  
e mais defeso, corpo! corpo, corpo,

verdade tão final, sede tão vária,  
e esse cavalo solto pela cama,  
a passear o peito de quem ama.

(fa)

# amar

Que pode uma criatura senão,  
entre criaturas, amar?  
amar e esquecer,  
amar e malamar,  
amar, desamar, amar?  
sempre, e até de olhos vidrados, amar?

Que pode, pergunto, o ser amoroso,  
sozinho, em rotação universal, senão  
rodar também, e amar?  
amar o que o mar traz à praia,  
o que ele sepulta, e o que, na brisa marinha,  
é sal, ou precisão de amor, ou simples ânsia?

Amar solenemente as palmas do deserto,  
o que é entrega ou adoração expectante,  
e amar o inóspito, o áspero,  
um vaso sem flor, um chão de ferro,  
e o peito inerte, e a rua vista em sonho, e uma ave de  
rapina.

Este o nosso destino: amor sem conta,  
distribuído pelas coisas pérfidas ou nulas,  
doação ilimitada a uma completa ingratidão,  
e na concha vazia do amor a procura medrosa,  
paciente, de mais e mais amor.

Amar a nossa falta mesma de amor, e na secura nossa  
amar a água implícita, e o beijo tácito, e a sede infinita.

(ce)

## entre o ser e as coisas

Onda e amor, onde amor, ando indagando  
ao largo vento e à rocha imperativa,  
e a tudo me arremesso, nesse quando  
amanhece frescor de coisa viva.

Às almas, não, as almas vão pairando,  
e, esquecendo a lição que já se esquia,  
tornam amor humor, e vago e brando  
o que é de natureza corrosiva.

N'água e na pedra amor deixa gravados  
seus hieróglifos e mensagens, suas  
verdades mais secretas e mais nuas.

E nem os elementos encantados  
sabem do amor que os punge e que é, pungindo,  
uma fogueira a arder no dia findo.

(ce)

## tarde de maio

Como esses primitivos que carregam por toda parte o maxilar

[inferior de seus mortos,  
assim te levo comigo, tarde de maio,  
quando, ao rubor dos incêndios que consumiam a terra,  
outra chama, não perceptível, e tão mais devastadora,  
surdamente lavrava sob meus traços cômicos,  
e uma a uma, *disjecta membra*, deixava ainda  
palpitantes  
e condenadas, no solo ardente, porções de minh'alma  
nunca antes nem nunca mais aferidas em sua nobreza  
sem fruto.

Mas os primitivos imploram à relíquia saúde e chuva,  
colheita, fim do inimigo, não sei que portentos.  
Eu nada te peço a ti, tarde de maio,  
senão que continues, no tempo e fora dele, irreversível,  
sinal de derrota que se vai consumindo a ponto de  
converter-se em sinal de beleza no rosto de alguém  
que, precisamente, volve o rosto, e passa...  
Outono é a estação em que ocorrem tais crises,  
e em maio, tantas vezes, morremos.

Para renascer, eu sei, numa fictícia primavera,  
já então espectrais sob o aveludado da casca,  
trazendo na sombra a aderência das resinas fúnebres  
com que nos ungiram, e nas vestes a poeira do carro  
fúnebre, tarde de maio, em que desaparecemos,  
sem que ninguém, o amor inclusive, pusesse reparo.

E os que o vissem não saberiam dizer: se era um préstito lutuoso, arrastado, poeirento, ou um desfile carnavalesco.

Nem houve testemunha.

Não há nunca testemunhas. Há desatentos. Curiosos, muitos.

Quem reconhece o drama, quando se precipita, sem máscara?

Se morro de amor, todos o ignoram

e negam. O próprio amor se desconhece e maltrata.

O próprio amor se esconde, ao jeito dos bichos caçados; não está certo de ser amor, há tanto lavou a memória das impurezas de barro e folha em que repousava. E resta,

perdida no ar, por que melhor se conserve,  
uma particular tristeza, a imprimir seu selo nas nuvens.

(ce)

## fraga e sombra

A sombra azul da tarde nos confrange.  
Baixa, severa, a luz crepuscular.  
Um sino toca, e não saber quem tange  
é como se este som nascesse do ar.

Música breve, noite longa. O alfanje  
que sono e sonho ceifa devagar  
mal se desenha, fino, ante a falange  
das nuvens esquecidas de passar.

Os dois apenas, entre céu e terra,  
sentimos o espetáculo do mundo,  
feito de mar ausente e abstrata serra.

E calcamos em nós, sob o profundo  
instinto de existir, outra mais pura  
vontade de anular a criatura.

(ce)



## canção para álbum de moça

Bom dia: eu dizia à moça  
que de longe me sorria.  
Bom dia: mas da distância  
ela nem me respondia.  
Em vão a fala dos olhos  
e dos braços repetia  
bom-dia à moça que estava,  
de noite como de dia,  
bem longe de meu poder  
e de meu pobre bom-dia.  
Bom dia sempre: se acaso  
a resposta vier fria  
ou tarde vier, contudo  
esperarei o bom-dia.  
E sobre casas compactas,  
sobre o vale e a serrania,  
irei repetindo manso  
a qualquer hora: bom dia.  
O tempo é talvez ingrato  
e funda a melancolia  
para que se justifique  
o meu absurdo bom-dia.  
Nem a moça põe reparo,  
não sente, não desconfia  
o que há de carinho preso  
no cerne deste bom-dia.  
Bom dia: repito à tarde,  
à meia-noite: bom dia.  
E de madrugada vou

pintando a cor de meu dia,  
que a moça possa encontrá-lo  
azul e rosa: bom dia.

Bom dia: apenas um eco  
na mata (mas quem diria)  
decifra minha mensagem,  
deseja bom o meu dia.

A moça, sorrindo ao longe,  
não sente, nessa alegria,  
o que há de rude também  
no clarão deste bom-dia.

De triste, túrbido, inquieto,  
noite que se denuncia  
e vai errante, sem fogos,  
na mais louca nostalgia.

Ah, se um dia respondesses  
ao meu bom-dia: bom dia!

Como a noite se mudara  
no mais cristalino dia!

(ce)

## rapto

Se uma águia fende os ares e arrebatada  
esse que é forma pura e que é suspiro  
de terrenas delícias combinadas;  
e se essa forma pura, degradando-se,  
mais perfeita se eleva, pois atinge  
a tortura do embate, no arremate  
de uma exaustão suavíssima, tributo  
com que se paga o voo mais cortante;  
se, por amor de uma ave, ei-la recusa  
o pasto natural aberto aos homens,  
e pela via hermética e defesa  
vai demandando o cândido alimento  
que a alma faminta implora até o extremo;  
se esses raptos terríveis se repetem  
já nos campos e já pelas noturnas  
portas de pérola dúbia das boates;  
e se há no beijo estéril um soluço  
esquivo e refochado, cinza em núpcias,  
e tudo é triste sob o céu flamante  
(que o pecado cristão, ora jungido  
ao mistério pagão, mais o alanceia),  
baixemos nossos olhos ao desígnio  
da natureza ambígua e reticente:  
ela tece, dobrando-lhe o amargor,  
outra forma de amar no acerbo amor.

(ce)

# memória

Amar o perdido  
deixa confundido  
este coração.

Nada pode o olvido  
contra o sem sentido  
apelo do Não.

As coisas tangíveis  
tornam-se insensíveis  
à palma da mão.

Mas as coisas findas,  
muito mais que lindas,  
essas ficarão.

(ce)

## amar-amaro

Por que amou por que a!mou  
se sabia  
p r o i b i d o p a s s e a r s e n t i m e n t o s  
ternos ou sodarepsesed  
nesse museu do pardo indiferente  
me diga: mas por que  
amar sofrer talvez como se morre  
de varíola voluntária vírgula ev  
idente?

ah porqueamou  
e se queimou  
todo por dentro por fora nos cantos nos ecos  
lúgubres de você mesm(o,a)  
irm(ã,o) retrato espéculo por que amou?  
se era para  
ou era por  
como se entretanto todavia  
toda vida mas toda vida  
é indagação do achado e aguda espostejação  
da carne do conhecimento, ora veja

permita cavalheir(o,a)  
amig(o,a) me releve  
este malestar  
cantarino escarninho piedoso  
este querer consolar sem muita convicção  
o que é inconsolável de ofício  
a morte é esconsolável consolatrix consoadíssima

a vida também

tudo também

mas o amor car(o,a) colega este não consola nunca de  
nências.

(lc)

poesia contemplada

## o lutador

Lutar com palavras  
é a luta mais vã.  
Entanto lutamos  
mal rompe a manhã.  
São muitas, eu pouco.  
Algumas, tão fortes  
como um javali.  
Não me julgo louco.  
Se o fosse, teria  
poder de encantá-las.  
Mas lúcido e frio  
apareço e tento  
apanhar algumas  
para meu sustento  
num dia de vida.  
Deixam-se enlaçar,  
tontas à carícia  
e súbito fogem  
e não há ameaça  
e nem há sevícia  
que as traga de novo  
ao centro da praça.

Insisto, solerte.  
Busco persuadi-las.  
Ser-lhes-ei escravo  
de rara humildade.  
Guardarei sigilo  
de nosso comércio.



Na voz, nenhum travo  
de zanga ou desgosto.  
Sem me ouvir deslizam,  
perpassam levíssimas  
e viram-me o rosto.  
Lutar com palavras  
parece sem fruto.  
Não têm carne e sangue...  
Entretanto, luto.

Palavra, palavra  
(digo exasperado),  
se me desafia,  
aceito o combate.  
Quisera possuir-te  
neste descampado,  
sem roteiro de unha  
ou marca de dente  
nessa pele clara.  
Preferes o amor  
de uma posse impura  
e que venha o gozo  
da maior tortura.

Luto corpo a corpo,  
luto todo o tempo,  
sem maior proveito  
que o da caça ao vento.  
Não encontro vestes,  
não seguro formas,  
é fluido inimigo  
que me dobra os músculos  
e ri-se das normas  
da boa peleja.

Iludo-me às vezes,

pressinto que a entrega  
se consumará.  
Já vejo palavras  
em coro submisso,  
esta me ofertando  
seu velho calor,  
outra sua glória  
feita de mistério,  
outra seu desdém,  
outra seu ciúme,  
e um sapiente amor  
me ensina a fruir  
de cada palavra  
a essência captada,  
o sutil queixume.  
Mas ai! é o instante  
de entreabrir os olhos:  
entre beijo e boca,  
tudo se evapora.

O ciclo do dia  
ora se conclui  
e o inútil duelo  
jamais se resolve.  
O teu rosto belo,  
ó palavra, esplende  
na curva da noite  
que toda me envolve.  
Tamanha paixão  
e nenhum pecúlio.  
Cerradas as portas,  
a luta prossegue  
nas ruas do sono.

(jo)

## procura da poesia

Não faças versos sobre acontecimentos.  
Não há criação nem morte perante a poesia.  
Diante dela, a vida é um sol estático,  
não aquece nem ilumina.  
As afinidades, os aniversários, os incidentes pessoais não  
contam.  
Não faças poesia com o corpo,  
esse excelente, completo e confortável corpo, tão infenso  
[à efusão lírica.  
Tua gota de bile, tua careta de gozo ou de dor no escuro  
são indiferentes.  
Nem me reveles teus sentimentos,  
que se prevalecem do equívoco e tentam a longa  
viagem.  
O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia.

Não cantes tua cidade, deixa-a em paz.  
O canto não é o movimento das máquinas nem o segredo  
[das casas.  
Não é música ouvida de passagem; rumor do mar nas  
ruas  
[junto à linha de espuma.  
O canto não é a natureza  
nem os homens em sociedade.  
Para ele, chuva e noite, fadiga e esperança nada  
significam.  
A poesia (não tires poesia das coisas)  
elide sujeito e objeto.

Não dramatizes, não invoques,  
não indagues. Não percas tempo em mentir.  
Não te aborreças.  
Teu iate de marfim, teu sapato de diamante,  
vossas mazurcas e abusões, vossos esqueletos de família  
desaparecem na curva do tempo, é algo imprestável.

Não recomponhas  
tua sepultada e merencória infância.  
Não osciles entre o espelho e a  
memória em dissipação.  
Que se dissipou, não era poesia.  
Que se partiu, cristal não era.

Penetra surdamente no reino das palavras.  
Lá estão os poemas que esperam ser escritos.  
Estão paralisados, mas não há desespero,  
há calma e frescura na superfície intata.  
Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.  
Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.  
Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.  
Espera que cada um se realize e consume  
com seu poder de palavra  
e seu poder de silêncio.  
Não forces o poema a desprender-se do limbo.  
Não colhas no chão o poema que se perdeu.  
Não adules o poema. Aceita-o  
como ele aceitará sua forma definitiva e concentrada  
no espaço.

Chega mais perto e contempla as palavras.  
Cada uma  
tem mil faces secretas sob a face neutra  
e te pergunta, sem interesse pela resposta,  
pobre ou terrível, que lhe deres:  
Trouxeste a chave?

Repara:

ermas de melodia e conceito,  
elas se refugiaram na noite, as palavras.

Ainda úmidas e impregnadas de sono,  
rolam num rio difícil e se transformam em desprezo.

(rp)

## brinde no banquete das musas

Poesia, marulho e náusea,  
poesia, canção suicida,  
poesia, que recomeças  
de outro mundo, noutra vida.

Deixaste-nos mais famintos,  
poesia, comida estranha,  
se nenhum pão te equivale:  
a mosca deglute a aranha.

Poesia, sobre os princípios  
e os vagos dons do universo:  
em teu regaço incestuoso,  
o belo câncer do verso.

Azul, em chama, o telúrio  
reintegra a essência do poeta,  
e o que é perdido se salva...  
Poesia, morte secreta.

(fa)

## oficina irritada

Eu quero compor um soneto duro  
como poeta algum ousara escrever.  
Eu quero pintar um soneto escuro,  
seco, abafado, difícil de ler.

Quero que meu soneto, no futuro,  
não desperte em ninguém nenhum prazer.  
E que, no seu maligno ar imaturo,  
ao mesmo tempo saiba ser, não ser.

Esse meu verbo antipático e impuro  
há de pungir, há de fazer sofrer,  
tendão de Vênus sob o pedicuro.

Ninguém o lembrará: tiro no muro,  
cão mijando no caos, enquanto Arcturo,  
claro enigma, se deixa surpreender.

(ce)

## poema-orelha

Esta é a orelha do livro  
por onde o poeta escuta  
se dele falam mal  
                  ou se o amam.  
Uma orelha ou uma boca  
sequiosa de palavras?  
São oito livros velhos  
e mais um livro novo  
de um poeta inda mais velho  
que a vida que viveu  
e contudo o provoca  
a viver sempre e nunca.  
Oito livros que o tempo  
empurrou para longe  
                  de mim  
mais um livro sem tempo  
em que o poeta se contempla  
e se diz boa-tarde  
(ensaio de boa-noite,  
variante de bom-dia,  
que tudo é o vasto dia  
em seus compartimentos  
nem sempre respiráveis  
e todos habitados  
                  enfim.)  
Não me leias se buscas  
flamante novidade  
ou sopro de Camões.  
Aquilo que revelo



e o mais que segue oculto  
em vítreos alçapões  
são notícias humanas,  
simples estar-no-mundo,  
e brincos de palavra,  
um não-estar-estando,  
mas de tal jeito urdidos  
o jogo e a confissão  
que nem distingo eu mesmo  
o vivido e o inventado.  
Tudo vivido? Nada.  
Nada vivido? Tudo.  
A orelha pouco explica  
de cuidados terrenos;  
e a poesia mais rica  
é um sinal de menos.

(vpl)

## conclusão

Os impactos de amor não são poesia  
(tentaram ser: aspiração noturna).  
A memória infantil e o outono pobre  
vazam no verso de nossa urna diurna.

Que é poesia, o belo? Não é poesia,  
e o que não é poesia não tem fala.  
Nem o mistério em si nem velhos nomes  
poesia são: coxa, fúria, cabala.

Então, desanimamos. Adeus, tudo!  
A mala pronta, o corpo desprendido,  
resta a alegria de estar só, e mudo.

De que se formam nossos poemas? Onde?  
Que sonho envenenado lhes responde,  
se o poeta é um ressentido, e o mais são nuvens?

(fa)

uma, duas argolinhas

# sinal de apito

Um silvo breve: Atenção, siga.

Dois silvos breves: Pare.

Um silvo breve à noite: Acenda a lanterna.

Um silvo longo: Diminua a marcha.

Um silvo longo e breve: Motoristas a postos.

(A este sinal todos os motoristas  
tomam lugar nos seus veículos para  
movimentá-los imediatamente.)

(ap)

# política literária

*A Manuel Bandeira*

O poeta municipal  
discute com o poeta estadual  
qual deles é capaz de bater o poeta federal.

Enquanto isso o poeta federal  
tira ouro do nariz.

(ap)

## os materiais da vida

Drls? Faço meu amor em vidrotil  
nossos coitos são de modernfold  
até que a lança de interflex  
vipax nos separe  
          em clavilux  
camabel camabel o vale ecoa  
sobre o vazio de ondalit  
a noite asfáltica  
          plkx

(vpl)

# áporo

Um inseto cava  
cava sem alarme  
perfurando a terra  
sem achar escape.

Que fazer, exausto,  
em país bloqueado,  
enlace de noite  
raiz e minério?

Eis que o labirinto  
(oh razão, mistério)  
presto se desata:

em verde, sozinha,  
antieuclediana,  
uma orquídea forma-se.

(rp)

## caso pluvioso

A chuva me irritava. Até que um dia  
descobri que maria é que chovia.

A chuva era maria. E cada pingo  
de maria ensopava o meu domingo.

E meus ossos molhando, me deixava  
como terra que a chuva lava e lava.

Eu era todo barro, sem verdura...  
maria, chuvosíssima criatura!

Ela chovia em mim, em cada gesto,  
pensamento, desejo, sono, e o resto.

Era chuva fininha e chuva grossa,  
matinal e noturna, ativa... Nossa!

Não me chovas, maria, mais que o justo  
chuvisco de um momento, apenas susto.

Não me inundes de teu líquido plasma,  
não sejas tão aquático fantasma!

Eu lhe dizia em vão — pois que maria  
quanto mais eu rogava, mais chovia.

E chuveirando atroz em meu caminho,  
o deixava banhado em triste vinho,



que não aquece, pois água de chuva  
mosto é de cinza, não de boa uva.

Chuvadeira maria, chuvadonha,  
chuvinhenta, chivil, pluvimedonha!

Eu lhe gritava: Para! e ela chovendo,  
poças d'água gelada ia tecendo.

Choveu tanto maria em minha casa  
que a correnteza forte criou asa

e um rio se formou, ou mar, não sei,  
sei apenas que nele me afundei.

E quanto mais as ondas me levavam,  
as fontes de maria mais chuvavam,

de sorte que com pouco, e sem recurso,  
as coisas se lançaram no seu curso,

e eis o mundo molhado e sovertido  
sob aquele sinistro e atro chuvido.

Os seres mais estranhos se juntando  
na mesma aquosa pasta iam clamando

contra essa chuva, estúpida e mortal  
catarata (jamais houve outra igual).

*Anti-petendam* cânticos se ouviram.  
Que nada! As cordas d'água mais deliram,

e maria, torneira desatada,  
mais se dilata em sua chuvarada.

Os navios soçobram. Continentes  
já submergem com todos os viventes,

e maria chovendo. Eis que a essa altura,  
delida e fluida a humana enfibratura,

e a terra não sofrendo tal chuvência,  
comoveu-se a Divina Providência,

e Deus, piedoso e enérgico, bradou:  
Não chove mais, maria! — e ela parou.

(vb)

tentativa de exploração  
e de interpretação  
do estar-no-mundo

## no meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra.

(ap)

## os mortos de sobrecasaca

Havia a um canto da sala um álbum de fotografias intoleráveis,  
alto de muitos metros e velho de infinitos minutos,  
em que todos se debruçavam  
na alegria de zombar dos mortos de sobrecasaca.

Um verme principiou a roer as sobrecasacas indiferentes  
e roeu as páginas, as dedicatórias e mesmo a poeira dos retratos.

Só não roeu o imortal soluço de vida que rebentava  
que rebentava daquelas páginas.

(sm)

# os animais do presépio

Salve, reino animal:  
todo o peso celeste  
suportas no teu ermo.

Toda a carga terrestre  
carregas como se  
fosse feita de vento.

Teus cascos lacerados  
na lixa do caminho  
e tuas cartilagens

e teu rude focinho  
e tua cauda zonza,  
teu pelo matizado,

tua escama furtiva,  
as cores com que iludes  
teu negrume geral,

teu voo limitado,  
teu rastro melancólico,  
tua pobre verônica

em mim, que nem pastor  
soube ser, ou serei,  
se incorporam, num sopro.

Para tocar o extremo

de minha natureza,  
limito-me: sou burro.

Para trazer ao feno  
o senso da escultura,  
concentro-me: sou boi.

A vária condição  
por onde se atropela  
essa ânsia de explicar-me

agora se apascenta  
à sombra do galpão  
neste sinal: sou anjo.

(ce)

## cantiga de enganar

O mundo não vale o mundo,  
meu bem.

Eu plantei um pé-de-sono,  
brotaram vinte roseiras.

Se me cortei nelas todas  
e se todas se tingiram  
de um vago sangue jorrado  
ao capricho dos espinhos,  
não foi culpa de ninguém.

O mundo,

meu bem,

não vale

a pena, e a face serena  
vale a face torturada.

Há muito aprendi a rir,  
de quê? de mim? ou de nada?

O mundo, valer não vale.

Tal como sombra no vale,  
a vida baixa... e se sobe  
algum som deste declive,  
não é grito de pastor  
convocando seu rebanho.

Não é flauta, não é canto  
de amoroso desencanto.

Não é suspiro de grilo,  
voz noturna de nascentes,  
não é mãe chamando filho,  
não é silvo de serpentes  
esquecidas de morder



como abstratas ao luar.  
Não é choro de criança  
para um homem se formar.  
Tampouco a respiração  
de soldados e de enfermos,  
de meninos internados  
ou de freiras em clausura.  
Não são grupos submergidos  
nas geleiras do entressono  
e que deixem desprender-se,  
menos que simples palavra,  
menos que folha no outono,  
a partícula sonora  
que a vida contém, e a morte  
contém, o mero registro  
da energia concentrada.  
Não é nem isto, nem nada.  
É som que precede a música,  
sobrante dos desencontros  
e dos encontros fortuitos,  
dos malencontros e das  
miragens que se condensam  
ou que se dissolvem noutras  
absurdas figurações.  
O mundo não tem sentido.  
O mundo e suas canções  
de timbre mais comovido  
estão calados, e a fala  
que de uma para outra sala  
ouvimos em certo instante  
é silêncio que faz eco  
e que volta a ser silêncio  
no negrume circundante.  
Silêncio: que quer dizer?  
Que diz a boca do mundo?  
Meu bem, o mundo é fechado,

se não for antes vazio.  
O mundo é talvez: e é só.  
Talvez nem seja talvez.  
O mundo não vale a pena,  
mas a pena não existe.  
Meu bem, façamos de conta.  
De sofrer e de olvidar,  
de lembrar e de fruir,  
de escolher nossas lembranças  
e revertê-las, acaso  
se lembrem demais em nós.  
Façamos, meu bem, de conta  
— mas a conta não existe —  
que é tudo como se fosse,  
ou que, se fora, não era.  
Meu bem, usemos palavras.  
Façamos mundos: ideias.  
Deixemos o mundo aos outros,  
já que o querem gastar.  
Meu bem, sejamos fortíssimos  
— mas a força não existe —  
e na mais pura mentira  
do mundo que se desmente,  
recortemos nossa imagem,  
mais ilusória que tudo,  
pois haverá maior falso  
que imaginar-se alguém vivo,  
como se um sonho pudesse  
dar-nos o gosto do sonho?  
Mas o sonho não existe.  
Meu bem, assim acordados,  
assim lúcidos, severos,  
ou assim abandonados,  
deixando-nos à deriva  
levar na palma do tempo  
— mas o tempo não existe —,

sejamos como se fôramos  
num mundo que fosse: o Mundo.

(ce)

# tristeza no céu

No céu também há uma hora melancólica.  
Hora difícil, em que a dúvida penetra as almas.  
Por que fiz o mundo? Deus se pergunta  
e se responde: Não sei.

Os anjos olham-no com reprovação,  
e plumas caem.

Todas as hipóteses: a graça, a eternidade, o amor  
caem, são plumas.

Outra pluma, o céu se desfaz.  
Tão manso, nenhum fragor denuncia  
o momento entre tudo e nada,  
ou seja, a tristeza de Deus.

(jo)

## rola mundo

Vi moças gritando  
numa tempestade.  
O que elas diziam  
o vento largava,  
logo devolvia.  
Pávido escutava,  
não compreendia.  
Talvez avisassem:  
mocidade é morta.  
Mas a chuva, mas o choro,  
mas a cascata caindo,  
tudo me atormentava  
sob a escuridão do dia,  
e vendo,  
eu pobre de mim não via.

Vi moças dançando  
num baile de ar.  
Vi os corpos brandos  
tornarem-se violentos  
e o vento os tangia.  
Eu corria ao vento,  
era só umidade,  
era só passagem  
e gosto de sal.  
A brisa na boca  
me entristecia  
como poucos idílios  
jamais o lograram;

e passando,  
por dentro me desfazia.

Vi o sapo saltando  
uma altura de morro;  
consigo levava  
o que mais me valia.  
Era algo hediondo  
e meigo: veludo,  
na mole algidez  
parecia roubar  
para devolver-me  
já tarde e corrupta,  
de tão babujada,  
uma velha medalha  
em que dorme teu eco.

Vi outros enigmas  
à feição de flores  
abertas no vácuo.  
Vi saias errantes  
demandando corpos  
que em gás se perdiam,  
e assim desprovidas  
mais esvoaçavam,  
tornando-se roxo,  
azul de longa espera,  
negro de mar negro.  
Ainda se dispersam.  
Em calma, longo tempo,  
Giram sobre a província.  
Muito tempo, pouco tempo,  
nenhum tempo, não me lembra.

Vi o coração de moça  
esquecido numa jaula.

Excremento de leão,  
apenas. E o circo distante.  
Vi os tempos defendidos.  
Eram de ontem e de sempre,  
e em cada país havia  
um muro de pedra e espanto,  
e nesse muro pousada  
uma pomba cega.

Como pois interpretar  
o que os heróis não contam?  
Como vencer o oceano  
se é livre a navegação  
mas proibido fazer barcos?  
Fazer muros, fazer versos,  
cunhar moedas de chuva,  
inspecionar os faróis  
para evitar que se acendam,  
e devolver os cadáveres  
ao mar, se acaso protestam,  
eu vi; já não quero ver.

E vi minha vida toda  
contrair-se num inseto.  
Seu complicado instrumento  
de voo e de hibernação,  
sua cólera zumbidora,  
seu frágil bater de élitros,  
seu brilho de pôr de tarde  
e suas imundas patas...  
Joguei tudo no bueiro.  
Fragmentos de borracha  
e  
cheiro de rolha queimada:  
eis quanto me liga ao mundo.  
Outras riquezas ocultas,

adeus, se despedaçaram.

Depois de tantas visões  
já não vale concluir  
se o melhor é deitar fora  
a um tempo os olhos e os óculos.  
E se a vontade de ver  
também cabe ser extinta,  
se as visões, interceptadas,  
e tudo mais abolido.  
Pois deixa o mundo existir!  
Irredutível ao canto,  
superior à poesia,  
rola, mundo, rola, mundo,  
rola o drama, rola o corpo,  
rola o milhão de palavras  
na extrema velocidade,  
rola-me, rola meu peito,  
rola os deuses, os países,  
desintegra-te, explode, acaba!

(rp)



# a máquina do mundo

E como eu palmilhasse vagamente  
uma estrada de Minas, pedregosa,  
e no fecho da tarde um sino rouco

se misturasse ao som de meus sapatos  
que era pausado e seco; e aves pairassem  
no céu de chumbo, e suas formas pretas

lentamente se fossem diluindo  
na escuridão maior, vinda dos montes  
e de meu próprio ser desenganado,

a máquina do mundo se entreabriu  
para quem de a romper já se esquivava  
e só de o ter pensado se carpia.

Abriu-se majestosa e circunspecta,  
sem emitir um som que fosse impuro  
nem um clarão maior que o tolerável

pelas pupilas gastas na inspeção  
contínua e dolorosa do deserto,  
e pela mente exausta de mentar

toda uma realidade que transcende  
a própria imagem sua debuxada  
no rosto do mistério, nos abismos.

Abriu-se em calma pura, e convidando

quantos sentidos e intuições restavam  
a quem de os ter usado os já perdera

e nem desejaria recobrá-los,  
se em vão e para sempre repetimos  
os mesmos sem roteiro tristes périplos,

convidando-os a todos, em coorte,  
a se aplicarem sobre o pasto inédito  
da natureza mítica das coisas,

assim me disse, embora voz alguma  
ou sopro ou eco ou simples percussão  
atestasse que alguém, sobre a montanha,

a outro alguém, noturno e miserável,  
em colóquio se estava dirigindo:  
“O que procuraste em ti ou fora de

teu ser restrito e nunca se mostrou,  
mesmo afetando dar-se ou se rendendo,  
e a cada instante mais se retraindo,

olha, repara, ausculta: essa riqueza  
sobrante a toda pérola, essa ciência  
sublime e formidável, mas hermética,

essa total explicação da vida,  
esse nexo primeiro e singular,  
que nem concebes mais, pois tão esquivo

se revelou ante a pesquisa ardente  
em que te consumiste... vê, contempla,  
abre teu peito para agasalhá-lo.”

As mais soberbas pontes e edifícios,

o que nas oficinas se elabora,  
o que pensado foi e logo atinge

distância superior ao pensamento,  
os recursos da terra dominados,  
e as paixões e os impulsos e os tormentos

e tudo que define o ser terrestre  
ou se prolonga até nos animais  
e chega às plantas para se embeber

no sono rancoroso dos minérios,  
dá volta ao mundo e torna a se engolfar  
na estranha ordem geométrica de tudo,

e o absurdo original e seus enigmas,  
suas verdades altas mais que todos  
monumentos erguidos à verdade;

e a memória dos deuses, e o solene  
sentimento de morte, que floresce  
no caule da existência mais gloriosa,

tudo se apresentou nesse relance  
e me chamou para seu reino augusto,  
afinal submetido à vista humana.

Mas, como eu relutasse em responder  
a tal apelo assim maravilhoso,  
pois a fé se abrandara, e mesmo o anseio,

a esperança mais mínima — esse anelo  
de ver desvanecida a treva espessa  
que entre os raios do sol inda se filtra;

como defuntas crenças convocadas  
presto e fremente não se produzissem  
a de novo tingir a neutra face

que vou pelos caminhos demonstrando,  
e como se outro ser, não mais aquele  
habitante de mim há tantos anos,

passasse a comandar minha vontade  
que, já de si volúvel, se cerrava  
semelhante a essas flores reticentes

em si mesmas abertas e fechadas;  
como se um dom tardio já não fora  
apetecível, antes despiciendo,

baixei os olhos, incurioso, lasso,  
desdenhando colher a coisa oferta  
que se abria gratuita a meu engenho.

A treva mais estrita já pousara  
sobre a estrada de Minas, pedregosa,  
e a máquina do mundo, repelida,

se foi miudamente recompondo,  
enquanto eu, avaliando o que perdera,  
seguia vagaroso, de mãos pensas.

(ce)

# jardim

Negro jardim onde violas soam  
e o mal da vida em ecos se dispersa:  
à toa uma canção envolve os ramos,  
como a estátua indecisa se reflete

no lago há longos anos habitado  
por peixes, não, matéria putrescível,  
mas por pálidas contas de colares  
que alguém vai desatando, olhos vazados

e mãos oferecidas e mecânicas,  
de um vegetal segredo enfeitiçadas,  
enquanto outras visões se delineiam

e logo se enovelam: mascarada,  
que sei de sua essência (ou não a tem),  
jardim apenas, pétalas, presságio.

(np)

## composição

E é sempre a chuva  
nos desertos sem guarda-chuva,  
algo que escorre, peixe dúbio,  
e a cicatriz, percebe-se, no muro nu.

E são dissolvidos fragmentos de estuque  
e o pó das demolições de tudo  
que atravança o disforme país futuro.  
Débil, nas ramas, o socorro do imbu.  
Pinga, no desarvorado campo nu.

Onde vivemos é água. O sono, úmido,  
em urnas desoladas. Já se entornam,  
fungidas, na corrente, as coisas caras  
que eram pura delícia, hoje carvão.

O mais é barro, sem esperança de escultura.

(np)

# cerâmica

Os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara.

Sem uso,  
ela nos espia do aparador.

(lc)

# relógio do rosário

Era tão claro o dia, mas a treva,  
do som baixando, em seu baixar me leva

pelo âmago de tudo, e no mais fundo  
decifro o choro pânico do mundo,

que se entrelaça no meu próprio choro,  
e compomos os dois um vasto coro.

Oh dor individual, afrodisíaco  
selo gravado em plano dionisíaco,

a desdobrar-se, tal um fogo incerto,  
em qualquer um mostrando o ser deserto,

dor primeira e geral, esparramada,  
nutrindo-se do sal do próprio nada,

convertendo-se, turva e minuciosa,  
em mil pequena dor, qual mais raivosa,

prelibando o momento bom de doer,  
a invocá-lo, se custa a aparecer,

dor de tudo e de todos, dor sem nome,  
ativa mesmo se a memória some,

dor do rei e da roca, dor da cousa  
indistinta e universal, onde repousa



tão habitual e rica de pungência  
como um fruto maduro, uma vivência,

dor dos bichos, oclusa nos focinhos,  
nas caudas titilantes, nos arminhos,

dor do espaço e do caos e das esferas,  
do tempo que há de vir, das velhas eras!

Não é pois todo amor alvo divino,  
e mais aguda seta que o destino?

Não é motor de tudo e nossa única  
fonte de luz, na luz de sua túnica?

O amor elide a face... Ele murmura  
algo que foge, e é brisa e fala impura.

O amor não nos explica. E nada basta,  
nada é de natureza assim tão casta

que não macule ou perca sua essência  
ao contato furioso da existência.

Nem existir é mais que um exercício  
de pesquisar de vida um vago indício,

a provar a nós mesmos que, vivendo,  
estamos para doer, estamos doendo.

Mas, na dourada praça do Rosário,  
foi-se, no som, a sombra. O columbário

já cinza se concentra, pó de tumbas,  
já se permite azul, risco de pombas.

(ce)

# domicílio

... O apartamento abria  
janelas para o mundo. Crianças vinham  
colher na maresia essas notícias  
da vida por viver ou da inconsciente

saudade de nós mesmos. A pobreza  
da terra era maior entre os metais  
que a rua misturava a feios corpos,  
duvidosos, na pressa. E do terraço

em solitude os ecos refluíam  
e cada exílio em muitos se tornava  
e outra cidade fora da cidade

na garra de um anzol ia subindo,  
adunca pescaria, mal difuso,  
problema de existir, amor sem uso.

(fa)

## canto esponjoso

Bela  
esta manhã sem carência de mito,  
e mel sorvido sem blasfêmia.

Bela  
esta manhã ou outra possível,  
esta vida ou outra invenção,  
sem, na sombra, fantasmas.

Umidade de areia adere ao pé.  
Engulo o mar, que me engole.  
Valvas, curvos pensamentos, matizes da luz  
azul  
                    completa  
sobre formas constituídas.

Bela  
a passagem do corpo, sua fusão  
no corpo geral do mundo.

Vontade de cantar. Mas tão absoluta  
que me calo, repleto.

(np)

## o arco

Que quer o anjo? chamá-la.  
Que quer a alma? perder-se.  
Perder-se em rudes guianas  
para jamais encontrar-se.

Que quer a voz? encantá-lo.  
Que quer o ouvido? embeber-se  
de gritos blasfematórios  
até quedar aturdido.

Que quer a nuvem? raptá-lo.  
Que quer o corpo? solver-se,  
delir memória de vida  
e quanto seja memória.

Que quer a paixão? detê-lo.  
Que quer o peito? fechar-se  
contra os poderes do mundo  
para na treva fundir-se.

Que quer a canção? erguer-se  
em arco sobre os abismos.  
Que quer o homem? salvar-se,  
ao prêmio de uma canção.

(np)

# especulações em torno da palavra homem

Mas que coisa é homem,  
que há sob o nome:  
uma geografia?

um ser metafísico?  
uma fábula sem  
signo que a desmonte?

Como pode o homem  
sentir-se a si mesmo,  
quando o mundo some?

Como vai o homem  
junto de outro homem,  
sem perder o nome?

E não perde o nome  
e o sal que ele come  
nada lhe acrescenta

nem lhe subtrai  
da doação do pai?  
Como se faz um homem?

Apenas deitar,  
copular, à espera  
de que do abdômen

brote a flor do homem?  
Como se fazer  
a si mesmo, antes

de fazer o homem?  
Fabricar o pai  
e o pai e outro pai

e um pai mais remoto  
que o primeiro homem?  
Quanto vale o homem?

Menos, mais que o peso?  
Hoje mais que ontem?  
Vale menos, velho?

Vale menos, morto?  
Menos um que outro,  
se o valor do homem

é medida de homem?  
Como morre o homem,  
como começa a?

Sua morte é fome  
que a si mesma come?  
Morre a cada passo?

Quando dorme, morre?  
Quando morre, morre?  
A morte do homem

conselha a goma  
que ele masca, ponche  
que ele sorve, sono

que ele brinca, incerto  
de estar perto, longe?  
Morre, sonha o homem?

Por que morre o homem?  
Campeia outra forma  
de existir sem vida?

Fareja outra vida  
não já repetida,  
em doido horizonte?

Indaga outro homem?  
Por que morte e homem  
andam de mãos dadas

e são tão engraçadas  
as horas do homem?  
Mas que coisa é homem?

Tem medo de morte,  
mata-se, sem medo?  
Ou medo é que o mata

com punhal de prata,  
laço de gravata,  
pulo sobre a ponte?

Por que vive o homem?  
Quem o força a isso,  
prisioneiro insonte?

Como vive o homem,  
se é certo que vive?  
Que oculta na frente?



E por que não conta  
seu todo segredo  
mesmo em tom esconso?

Por que mente o homem?  
mente mente mente  
desesperadamente?

Por que não se cala,  
se a mentira fala,  
em tudo que sente?

Por que chora o homem?  
Que choro compensa  
o mal de ser homem?

Mas que dor é homem?  
Homem como pode  
descobrir que dói?

Há alma no homem?  
E quem pôs na alma  
algo que a destrói?

Como sabe o homem  
o que é sua alma  
e o que é alma anônima?

Para que serve o homem?  
para estrumar flores,  
para tecer contos?

Para servir o homem?  
Para criar Deus?

Sabe Deus do homem?

E sabe o demônio?  
Como quer o homem  
ser destino, fonte?

Que milagre é o homem?  
Que sonho, que sombra?  
Mas existe o homem?

(vpl)

descoberta

O dente morde a fruta envenenada  
a fruta morde o dente envenenado  
o veneno morde a fruta e morde o dente  
o dente, se mordendo, já descobre  
a polpa deliciosíssima do nada.

(lc)

eterno

E como ficou chato ser moderno.  
Agora serei eterno.

Eterno! Eterno!  
O Padre Eterno,  
a vida eterna,  
o fogo eterno.

*(Le silence éternel de ces espaces infinis m'effraie.)*

— *O que é eterno, Yayá Lindinha?*  
— *Ingrato! é o amor que te tenho.*

Eternalidade eternite eternaltivamente  
eternuávamos  
eternissíssimo

A cada instante se criam novas categorias do eterno.

Eterna é a flor que se fana  
se soube florir  
é o menino recém-nascido  
antes que lhe deem nome  
e lhe comuniquem o sentimento do efêmero  
é o gesto de enlaçar e beijar  
na visita do amor às almas  
eterno é tudo aquilo que vive uma fração de segundo  
mas com tamanha intensidade que se petrifica e  
nenhuma  
[força o resgata

é minha mãe em mim que a estou pensando  
de tanto que a perdi de não pensá-la  
é o que se pensa em nós se estamos loucos  
é tudo que passou, porque passou  
é tudo que não passa, pois não houve  
eternas as palavras, eternos os pensamentos; e  
passageiras

[as obras.

Eterno, mas até quando? é esse marulho em nós de um  
mar

[profundo.

Naufragamos sem praia; e na solidão dos botos  
afundamos.

É tentação e vertigem; e também a pirueta dos ébrios.

Eternos! Eternos, miseravelmente.

O relógio no pulso é nosso confidente.

Mas não quero ser senão eterno.

Que os séculos apodreçam e não reste mais do que uma  
essência

ou nem isso.

E que eu desapareça mas fique este chão varrido onde  
pousou

[uma sombra

e que não fique o chão nem fique a sombra

mas que a precisão urgente de ser eterno boie como  
uma

[esponja no caos

e entre oceanos de nada  
gere um ritmo.

(fa)

# maralto

Que coisa é maralto?  
O mar que de assalto  
cobre toda a vista?  
Galo cuja crista  
salta em sobressalto  
a quem lhe resista?  
O mar — que é maralto?

Acaso torre alta  
nuvem tronco espanto  
de fluido agapanto,  
de flores em malta  
doida, a cada canto  
do mar que se exalta?  
Marulho ou maralto?

Mar seco tão alto,  
de um íris cambiante  
que em azul-cobalto  
se volve num salto  
e no peito amante  
o duro basalto,  
a pena constante

de amar vai roendo,  
e a sedenta falta  
— voz baixa, mar alto  
em sal convertendo?  
Que outra onda mais alta,

maralto metuendo,  
que um amor sofrendo?

Maralto, maraltas!  
Quanto mais esmalta  
de espuma esse rosto  
branco descomposto,  
mais se espremem altas  
uvas de teu mosto,  
mais vivo é seu gosto.

Maralto fremente  
gêiser sob asfalto  
puro jato ardente  
pranto que se sente  
vagando em contralto  
veementemente,  
alto mar maralto!

Na lívida escama  
no agudo ressalto  
de teu cosmorama,  
quem sabe, maralto,  
o que de tão alto,  
tão alto, anda falto  
no amor de quem ama?

(vb)

## a um hotel em demolição

Vai, Hotel Avenida,  
vai convocar teus hóspedes  
no plano de outra vida.

Eras vasto vermelho,  
em cada quarto havias  
um ardiloso espelho.

Nele se refletia  
cada figura em trânsito  
e o mais que se não lia

nem mesmo pela frincha  
da porta: o que um esconde,  
polpa do eu, e guincha

sem se fazer ouvir.  
E advindo outras faces  
em contínuo devir,

o espelho eram mil máscaras  
mineiroflumenpau-  
listas, boas, más; caras.

50 anos-imagem  
e 50 de catre  
50 de engrenagem

noturna e confidente



que nos recolhe a úrica  
verdade humildemente.

(Pois eras bem longevo, Hotel, e no teu bojo  
o que era nojo se sorria, em pó, contigo.)

O tardo e rubro alexandrino decomposto.

Casais entrelaçados no sussurro  
do carvão carioca, bondes fagulhando, políticos  
politicando em mornos corredores  
estrelas italianas, porteiros em êxtase  
cabineiros

em pânico:

por que tanta suntuosidade se encarcera  
entre quatro tabiques de comércio?

A bandeja vai tremulargentina:

desejo café geleia matutinos que sei eu.

A mulher estava nua no centro e recebeu-me  
com a gravidade própria aos deuses em viagem:

*Stellen Sie es auf den Tisch!*

Sim, não fui teu quarto, nem ao menos  
*boy* em teu sistema de comunicações louça  
a serviço da prandial azáfama diurna.

Como é que vivo então os teus arquivos  
e te malsinto em mim que nunca estive  
em teu registro como estão os mortos  
em seus compartimentos numerados?

Represento os amores que não tive  
mas em ti se tiveram foice-coice.

Como escorre

escada serra abaixo a lesma  
das memórias

de duzentos mil corpos que abrigaste  
ficha ficha ficha ficha ficha

fichchchchch.

O 137 está chamando  
depressa que o homem vai morrer  
é aspirina? padre que ele quer?  
Não, se ele mesmo é padre e está rezando  
por conta dos pecados deste hotel  
e de quaisquer outros hotéis pelo caminho  
que passa de um a outro homem, que em nenhum  
ponto tem princípio ou desemboque;  
e é apenas caminho e sempre sempre  
se povoa de gestos e partidas  
e chegadas e fugas e quilômetros.  
Ele reza ele morre e solitária  
uma torneira  
pinga  
e o chuveiro  
chuvilha  
e a chama  
azul do gás silva no banho  
sobre o Largo da Carioca em flor ao sol.

(Entre tapumes não te vejo  
roto desventrado poluído  
imagino-te ileso emergindo dos sambas dos dobrados  
[da polícia militar, do coro ululante de torcedores  
do  
[campeonato mundial pelo rádio  
a todos oferecendo, Hotel Avenida,  
uma palma de cor nunca esbatida.)

Eras o Tempo e presidias  
ao febril reconhecimento de dedos  
amor sem pouso certo na cidade  
à trama dos vigaristas, à esperança  
dos empregos, à ferrugem dos governos,  
à vida nacional em termos de indivíduo

e a movimentos de massa que vinham espumar  
sob a arcada conventual de teus bondes.

Estavas no centro do Brasil,  
nostalgias januárias balouçavam  
em teu regaço, capangueiros vinham  
confiar-te suas pedras, boiadeiros  
pastoreavam rebanhos no terraço  
e um açúcar de lágrimas caipiras  
era ensacado a todo instante em envelopes  
(azuis?) nos escaninhos da gerência  
e eras tanto café e alguma promissória.

Que professor professa numa alcova  
irreal, Direito das Coisas, doutrinando  
a baratas que atarefadas não o escutam?  
Que flauta insiste na sonatina sem piano  
em hora de silêncio regulamentar?  
E as manias de moradores antigos  
que recebem à noite a visita do prefeito Passos para  
discutir

[novas técnicas urbanísticas?

E teus mortos  
incomparavelmente mortos de hotel fraudados  
na morte familiar a que aspiramos  
como a um não morrer morrido;  
mortos que é preciso despachar  
rápido, não se contagiem lençóis  
e guarda-pires  
dessa friúra diversa que os circunda  
nem haja nunca memória nesta cama  
do que não seja vida na Avenida.

Ouves a ladainha em bolhas intestinas?

*Balcão de mensageiros imóveis saveiros*

*banca de jornais para nunca e mais  
alvas lavanderias de que restam estrias  
bonbonnières onde o papel de prata  
faz serenata em boca de mulheres  
central telefônica soturnamente afônica  
discos lamentação de partidos meniscos  
papelarias  
conversarias  
chope da Brahma louco de quem ama  
e o Bar Nacional pura afetividade  
súbito ressuscita Mário de Andrade.*

Que fazer do relógio  
ou fazer de nós mesmos  
sem tempo sem mais ponto  
sem contraponto sem  
medida de extensão  
sem sequer necrológio  
enquanto em cinza foge o  
impaciente bisão  
a que ninguém os chifres  
sujigou, aflição?  
Ele marcava mar-cava  
cava cava cava  
e eis-nos sós marcados  
de todos os falhados  
amores recolhidos  
relógio que não ouço  
e nem me dá ouvidos  
robô de puro olfato  
a farejar o imenso  
país do imóvel tato  
as vias que corri  
a teu comando fecham-se  
nas travessas em I  
nos vagos pesadelos

nos sombrios dejetos  
em que nossos projetos  
se estratificaram.

A ti não te destroem  
como as térmitas papam  
livro terra existência.  
Eles sim teus ponteiros  
vorazes esfarelam  
a túnica de Vênus  
o de mais o de menos  
este verso tatuado  
e tudo que hei andado  
por te iludir e tudo  
que nas arkademias  
institutos autárquicos  
históricos astutos  
se ensina com malícia  
sobre o evolver das coisas  
ó relógio hoteleiro  
deus do cauto mineiro,  
    silêncio,  
    pudicícia.

Mas tudo que moeste  
hoje de ti se vinga  
    por artes  
de pensada mandinga.  
Deglutimos teu vidro  
abafando a linguagem  
que das próprias estilhas  
se afadiga em pulsar  
o minuto de espera  
quando cessa na tarde  
a brisa de esperar.

*Rangido de criança nascendo.*

*Por favor, senhor poeta Martins Fontes, recite mais baixo suas odes enquanto minha senhora acaba de parir no quarto de cima, e o poeta velou a voz, mas quando o bebê aflorou ao mundo é o pai que faz poesia saltarilha e pede ao poeta que eleve o diapasão para celebrarem todos, hóspedes, camareiros e pardais, o grato alumbramento.*

*Anoitecias. Na cruz dos quatro caminhos, lá embaixo, apanhadores, ponteiros, engole-listas de sete prêmios repousavam degustando garapa.*

*Mujer malvada, yo te mataré! artistas ensaiavam nos quartos? I will grind your bones to dust, and with your blood and it I'll make a paste. Bagaço de cana, lá embaixo.*

Todo hotel é fluir. Uma corrente  
atravessa paredes, carreando o homem,  
suas exalações de substância. Todo hotel  
é morte, nascer de novo; passagem; se pombos  
nele fazem estação, habitam o que não é de ser habitado  
mas apenas cortado. As outras casas prendem  
e se deixam possuir ou tentam fazê-lo, canhestras.  
O espaço procura fixar-se. A vida se espacializa,  
modela-se em cristais de sentimento.  
A porta se fecha toda santa noite.  
Tu não se encerras, não podes. A cada instante  
alguém se despede de teus armários infiéis  
e os que chegam já trazem a volta na maleta.  
220 *Fremdenzimmer* e te vês sempre vazio  
e o espelho reflete outro espelho  
o corredor cria outro corredor

homem quando nudez indefinidamente.

No centro do Rio de Janeiro  
ausência  
no curral da manada dos bondes  
ausência  
no desfile dos sábados  
no esfregar no repinicar dos blocos  
ausência  
nas cavatinas de Palermo  
no aboio dos vespertinos  
ausência  
verme roendo maçã  
verme roído por verme  
verme autorroído  
roer roendo o roer  
e a ânsia de acabar, que não espera  
o termo veludoso das ruínas  
nem a esvoaçante morte de hidrogênio.

Eras solidão tamoia  
vir a ser de casa  
em vir a ser de cidade onde lagartos.

Vem, ó velho Malta,  
saca-me uma foto  
pulvicinza efialta  
desse pouso ignoto.

Junta-lhe uns quiosques  
mil e novecentos,  
nem iaras nem bosques  
mas pobres piolhentos.

Põe como legenda  
Q u e i j o l t a t i a i a

e o mais que compreenda  
condição lacaia.

Que estas vias feias  
muito mais que sujas  
são tortas cadeias  
conchas caramujas

do burro sem rabo  
servo que se ignora  
e de pobre-diabo  
dentro, fome fora.

Velho Malta, *please*,  
bate-me outra chapa:  
hotel de *marquise*  
maior que o rio Apa.

Lá do assento etéreo,  
Malta, sub-reptício  
inda não te fere o  
superedifício

que deste chão surge?  
Dá-me seu retrato  
futuro, pois urge

documentar as sucessivas posses da terra até o juízo  
final e  
mesmo depois dele se há como três vezes três confiamos  
que  
haja um supremo ofício de registro imobiliário por cima  
da  
instantaneidade do homem e da pulverização das  
galáxias.



Já te lembrei bastante sem que amasse  
uma pedra sequer de tuas pedras  
mas teu nome — a v e n i d a — caminhava  
à frente de meu verso e era mais amplo

e mais formas continha que teus cômodos  
(o tempo os degradou e a morte os salva),  
e onde abate o alicerce ou foge o instante  
estou comprometido para sempre.

Estou comprometido para sempre,  
eu que moro e desmoro há tantos anos  
o Grande Hotel do Mundo sem gerência

em que nada existindo de concreto  
— avenida, avenida — tenazmente  
de mim mesmo sou hóspede secreto.

(vpl)

## a ingaia ciência

A madureza, essa terrível prenda  
que alguém nos dá, raptando-nos, com ela,  
todo sabor gratuito de oferenda  
sob a glacialidade de uma estela,

a madureza vê, posto que a venda  
interrompa a surpresa da janela,  
o círculo vazio, onde se estenda,  
e que o mundo converte numa cela.

A madureza sabe o preço exato  
dos amores, dos ócios, dos quebrantos,  
e nada pode contra sua ciência

e nem contra si mesma. O agudo olfato,  
o agudo olhar, a mão, livre de encantos,  
se destroem no sonho da existência.

(ce)

# segredo

A poesia é incomunicável.  
Fique torto no seu canto.  
Não ame.

Ouçó dizer que há tiroteio  
ao alcance do nosso corpo.  
É a revolução? o amor?  
Não diga nada.

Tudo é possível, só eu impossível.  
O mar transborda de peixes.  
Há homens que andam no mar  
como se andassem na rua.  
Não conte.

Suponha que um anjo de fogo  
varresse a face da terra  
e os homens sacrificados  
pedissem perdão.  
Não peça.

(ba)

## vida menor

A fuga do real,  
ainda mais longe a fuga do feérico,  
mais longe de tudo, a fuga de si mesmo,  
a fuga da fuga, o exílio  
sem água e palavra, a perda  
voluntária de amor e memória,  
o eco  
já não correspondendo ao apelo, e este fundindo-se,  
a mão tornando-se enorme e desaparecendo  
desfigurada, todos os gestos afinal impossíveis,  
senão inúteis,  
a desnecessidade do canto, a limpeza  
da cor, nem braço a mover-se nem unha crescendo.  
Não a morte, contudo.

Mas a vida: captada em sua forma irreduzível,  
já sem ornato ou comentário melódico,  
vida a que aspiramos como paz no cansaço  
(não a morte),  
vida mínima, essencial; um início; um sono;  
menos que terra, sem calor; sem ciência nem ironia;  
o que se possa desejar de menos cruel: vida  
em que o ar, não respirado, mas me envolva;  
nenhum gasto de tecidos; ausência deles;  
confusão entre manhã e tarde, já sem dor,  
porque o tempo não mais se divide em seções; o tempo  
exausto,  
elidido, domado.  
Não o morto nem o eterno ou o divino,

apenas o vivo, o pequenino, calado, indiferente  
e solitário vivo.  
Isso eu procuro.

(rp)

# resíduo

De tudo ficou um pouco.  
Do meu medo. Do teu asco.  
Dos gritos gagos. Da rosa  
ficou um pouco.

Ficou um pouco de luz  
captada no chapéu.  
Nos olhos do rufião  
de ternura ficou um pouco  
(muito pouco).

Pouco ficou deste pó  
de que teu branco sapato  
se cobriu. Ficaram poucas  
roupas, poucos véus rotos,  
pouco, pouco, muito pouco.

Mas de tudo fica um pouco.  
Da ponte bombardeada,  
de duas folhas de grama,  
do maço  
— vazio — de cigarros, ficou um pouco.

Pois de tudo fica um pouco.  
Fica um pouco de teu queixo  
no queixo de tua filha.  
De teu áspero silêncio  
um pouco ficou, um pouco  
nos muros zangados,

nas folhas, mudas, que sobem.

Ficou um pouco de tudo  
no pires de porcelana,  
dragão partido, flor branca,  
ficou um pouco  
de ruga na vossa testa,  
retrato.

Se de tudo fica um pouco,  
mas por que não ficaria  
um pouco de mim? no trem  
que leva ao norte, no barco,  
nos anúncios de jornal,  
um pouco de mim em Londres,  
um pouco de mim algures?  
na consoante?  
no poço?

Um pouco fica oscilando  
na embocadura dos rios  
e os peixes não o evitam,  
um pouco: não está nos livros.

De tudo fica um pouco.  
Não muito: de uma torneira  
pinga esta gota absurda,  
meio sal e meio álcool,  
salta esta perna de rã,  
este vidro de relógio  
partido em mil esperanças,  
este pescoço de cisne,  
este segredo infantil...  
De tudo ficou um pouco:  
de mim; de ti; de Abelardo.

Cabelo na minha manga,  
de tudo ficou um pouco;  
vento nas orelhas minhas,  
simplório arroteado, gemido  
de víscera inconformada,  
e minúsculos artefatos:  
campânula, alvéolo, cápsula  
de revólver... de aspirina.  
De tudo ficou um pouco.

E de tudo fica um pouco.  
Oh abre os vidros de loção  
e abafa  
o insuportável mau cheiro da memória.

Mas de tudo, terrível, fica um pouco,  
e sob as ondas ritmadas  
e sob as nuvens e os ventos  
e sob as pontes e sob os túneis  
e sob as labaredas e sob o sarcasmo  
e sob a gosma e sob o vômito  
e sob o soluço, o cárcere, o esquecido  
e sob os espetáculos e sob a morte de escarlate  
e sob as bibliotecas, os asilos, as igrejas triunfantes  
e sob tu mesmo e sob teus pés já duros  
e sob os gonços da família e da classe,  
fica sempre um pouco de tudo.  
Às vezes um botão. Às vezes um rato.

(rp)



## movimento da espada

Estamos quites, irmão vingador.  
Desceu a espada  
e cortou o braço.  
Cá está ele, molhado em rubro.  
Dói o ombro, mas sobre o ombro  
tua justiça resplandece.

Já podes sorrir, tua boca  
moldar-se em beijo de amor.  
Beijo-te, irmão, minha dívida  
está paga.  
Fizemos as contas, estamos alegres.  
Tua lâmina corta, mas é doce,  
a carne sente, mas limpa-se.  
O sol eterno brilha de novo  
e seca a ferida.

Mutilado, mas quanto movimento  
em mim procura ordem.  
O que perdi se multiplica  
e uma pobreza feita de pérolas  
salva o tempo, resgata a noite.  
Irmão, saber que és irmão,  
na carne como nos domingos.

Rolaremos juntos pelo mar...  
Agasalhado em tua vingança,  
puro e imparcial como um cadáver que o ar  
embalsamasse,

serei carga jogada às ondas,  
mas as ondas, também elas, secam,  
e o sol brilha sempre.

Sobre minha mesa, sobre minha cova, como brilha o sol!  
Obrigado, irmão, pelo sol que me deste,  
na aparência roubando-o.  
Já não posso classificar os bens preciosos.  
Tudo é precioso...  
                    e tranquilo  
como olhos guardados nas pálpebras.

(rp)

# intimação

Abre em nome da lei.  
Em nome de que lei?  
Acaso lei tem nome?  
Em nome de que nome  
cujo agora me some  
se em sonho o soletrei?  
Abre em nome do rei.

Em nome de que rei  
é a porta arrombada  
para entrar o aguazil  
que na destra um papel  
sinistramente branco  
traz, e ao ombro o fuzil?

Abre em nome de til.  
Abre em nome de abrir,  
em nome de poderes  
cujo vago pseudônimo  
não é de conferir:  
cifra oblíqua na bula  
ou dobra na cogula  
de inexistente frei.

Abre em nome da lei.  
Abre sem nome e lei.  
Abre mesmo sem rei.  
Abre, sozinho ou grei.  
Não, não abras; à força

de intimar-te, repara:  
eu já te desventrei.

(lc)

## canto negro

À beira do negro poço  
debruço-me, nada alcanço.  
Decerto perdi os olhos  
que tinha quando criança.

Decerto os perdi. Com eles  
é que te encarava, preto,  
gravura de cama e padre,  
talhada em pele, no medo.

Ai, preto, que ris em mim,  
nesta roupinha de luto  
e nesta noite sem causa,  
com saudade das ambacas  
que nunca vi, e aonde fui  
num cabelo de sovaco.

Preto que vivi, chupando  
já não sei que seios moles  
mais claros no busto preto  
no longo corredor preto  
entre volutas de preto  
cachimbo em preta cozinha.

Já não sei onde te escondes,  
que não me encontro nas tuas  
dobras de manto mortal.  
Já não sei, negro, em que vaso,  
que vão ou que labirinto

de mim, te esquivas a mim,  
e zombas desta gelada  
calma vã de suíça e de alma  
em que me pranteio, branco,  
brinco, bronco, triste blau  
de neutro brasão escócio...  
Meu preto, o bom era o nosso.

O mau era o nosso. E amávamos  
a comum essência triste  
que transmutava os carinhos  
numa visguenta doçura  
de vulva negro-amaranto,  
barata! que vosso preço,  
ó corpos de antigamente,  
somente estava no dom  
de vós mesmos ao desejo,  
num entregar-se sem pejo  
de terra pisada.

Amada,  
talvez não, mas que cobiça  
tu me despertavas, linha  
que subindo pelo artelho,  
enovelando-se no joelho,  
dava ao mistério das coxas  
uma ardente pulcritude,  
uma graça, uma virtude  
que nem sei como acabava  
entre as moitas e coágulos  
da letárgica bacia  
onde a gente se pasmava,  
se perdia, se afogava  
e depois se ressarcia.

Bacia negra, o clarão  
que súbito entremostravas

ilumina toda a vida  
e por sobre a vida entreabre  
um coalho fixo lunar,  
neste amarelo descor  
das posses de todo dia,  
sol preto sobre água fria.

Vejo os garotos na escola,  
preto-branco-branco-preto,  
vejo pés pretos e uns brancos  
dentes de marfim mordente,  
o alvor do riso escondendo  
outra negridão maior,  
o negro central, o negro  
que enegrece teu negrume  
e que nada mais resume  
além dessa solitude  
que do branco vai ao preto  
e do preto volta pleno  
de soluços e resmungos,  
como um rancor de si mesmo...

Como um rancor de si mesmo,  
vem do preto essa ternura,  
essa onda amarga, esse bafo  
a rodar pelas calçadas,  
famélica voz perdida  
numa garrafa de breu,  
de pranto ou coisa nenhuma:  
esse estar e não estar,  
esse não estar já sendo,  
esse ir como esse refluir,  
dançar de umbigo, litúrgico,  
sofrer, brunir bem a roupa  
que só um anjo vestira,  
se é que os anjos se mirassem,

essa nostalgia rara  
de um país antes dos outros,  
antes do mito e do sol,  
onde as coisas nem de brancas  
fossem chamadas, lançando-se  
definitivas eternas  
coisas bem antes dos homens.

À beira do negro poço  
debruço-me; e nele vejo,  
agora que não sou moço,  
um passarinho e um desejo.

(ce)



## os dois vigários

Há cinquenta anos passados,  
Padre Olímpio bendizia,  
Padre Júlio fornicava.  
E Padre Olímpio advertia  
e Padre Júlio triscava.  
Padre Júlio excomungava  
quem se erguesse a censurá-lo  
e Padre Olímpio em seu canto  
antes de cantar o galo  
pedia a Deus pelo homem.  
Padre Júlio em seu jardim  
colhia flor e mulher  
num contentamento imundo.  
Padre Olímpio suspirava,  
Padre Júlio blasfemava.  
Padre Olímpio, sem leitura  
latina, sem ironia,  
e Padre Júlio, criatura  
de Ovídio, ria, atacava  
a chã fortaleza do outro.  
Padre Olímpio silenciava.  
Padre Júlio perorava,  
rascante e politiqueiro.  
Padre Olímpio se omitia  
e Padre Júlio raptava  
mulher e filhos do próximo,  
outros filhos aditava.  
Padre Júlio responsava  
os mortos pedindo contas

do mal que apenas pensaram  
e desmontava filáucias  
de altos brasões esboroados  
entre moscas defuntórias.  
Padre Olímpio respeitava  
as classes depois de extintos  
os sopros dos mais distintos  
festeiros e imperadores.  
Se Padre Olímpio perdoava,  
Padre Júlio não cedia.  
Padre Júlio foi ganhando  
com o tempo cara diabólica  
e em sua púrpura calva,  
em seu mento proeminente,  
ardiam brasas. E Padre  
Olímpio se desolava  
de ver um padre demente  
e o Senhor atraído.  
E Padre Júlio oficiava  
como oficia um demônio  
sem que o escândalo esgarçasse  
a santidade do ofício.  
Padre Olímpio se doía,  
muito se mortificava  
que nenhum anjo surgisse  
a consolá-lo em segredo:  
“Olímpio, se é tudo um jogo  
do céu com a terra, o desfecho  
dorme entre véus de justiça.”  
Padre Olímpio encanecia  
e em sua estrita piedade,  
em seu manso pastoreio,  
não via, não discernia  
a celeste preferência.  
Seria por Padre Júlio?  
Valorizava-se o inferno?

E sentindo-se culpado  
de conceber turvamente  
o augustíssimo pecado  
atribuído ao Padre Eterno,  
sofre-rezando sem tino  
todo se penitenciava.  
Em suas costas botava  
os crimes de Padre Júlio,  
refugando-lhe os prazeres.  
Emagrecia, minguava,  
sem ganhar forma de santo.  
Seu corpo se recolhia  
à própria sombra, no solo.  
Padre Júlio coruscava,  
ria, inflava, apostrofava.  
Um pecava, outro pagava.  
O povo ia desertando  
a lição de Padre Olímpio.  
Muito melhor escutava  
de Padre Júlio as bocagens.  
Dois raios, na mesma noite,  
os dois padres fulminaram.  
Padre Olímpio, Padre Júlio  
iguaizinhos se tornaram:  
onde o vício, onde a virtude,  
ninguém mais o demarcava.  
Enterrados lado a lado  
irmanados confundidos,  
dos dois padres consumidos  
juliolímpio em terra neutra  
uma flor nasce monótona  
que não se sabe até hoje  
(cinquenta anos se passaram)  
se é de compaixão divina  
ou divina indiferença.

(lc)

# elegia

Ganhei (perdi) meu dia.  
E baixa a coisa fria  
também chamada noite, e o frio ao frio  
em bruma se entrelaça, num suspiro.

E me pergunto e me respiro  
na fuga deste dia que era mil  
para mim que esperava  
os grandes sóis violentos, me sentia  
tão rico deste dia  
e lá se foi secreto, ao serro frio.

Perdi minha alma à flor do dia ou já perdera  
bem antes sua vaga pedraria?  
Mas quando me perdi, se estou perdido  
antes de haver nascido  
e me nasci votado à perda  
de frutos que não tenho nem colhia?

Gastei meu dia. Nele me perdi.  
De tantas perdas uma clara via  
por certo se abria  
de mim a mim, estela fria.  
As árvores lá fora se meditam.  
O inverno é quente em mim, que o estou berçando,  
e em mim vai derretendo  
este torrão de sal que está chorando.

Ah, chega de lamento e versos ditos

ao ouvido de alguém sem rosto e sem justiça,  
ao ouvido do muro,  
ao liso ouvido gotejante  
de uma piscina que não sabe o tempo, e fia  
seu tapete de água, distraída.

E vou me recolher  
ao cofre de fantasmas, que a notícia  
de perdidos lá não chegue nem a çule  
os olhos policiais do amor-vigia.  
Não me procurem que me perdi eu mesmo  
como os homens se matam, e as enguias  
à loca se recolhem, na água fria.

Dia,  
espelho de projeto não vivido,  
e contudo viver era tão flamas  
na promessa dos deuses; e é tão ríspido  
em meio aos oratórios já vazios  
em que a alma barroca tenta confortar-se,  
mas só vislumbra o frio noutro frio.

Meu Deus, essência estranha  
ao vaso que me sinto, ou forma vã,  
pois que, eu essência, não habito  
vossa arquitetura imerecida;  
meu Deus e meu conflito,  
nem vos dou conta de mim nem desafio  
as garras inefáveis: eis que assisto  
a meu desmonte palmo a palmo e não me aflijo  
de me tornar planície em que já pisam  
servos e bois e militares em serviço  
da sombra, e uma criança  
que o tempo novo me anuncia e nega.

Terra a que me inclino sob o frio

de minha testa que se alonga,  
e sinto mais presente quanto aspiro  
em ti o fumo antigo dos parentes,  
minha terra, me tens; e teu cativo  
passeias brandamente  
como ao que vai morrer se estende a vista  
de espaços luminosos, intocáveis:  
em mim o que resiste são teus poros.  
Corto o frio da folha. Sou teu frio.

E sou meu próprio frio que me fecho  
longe do amor desabitado e líquido,  
amor em que me amaram, me feriram  
sete vezes por dia em sete dias  
de sete vidas de ouro,  
amor, fonte de eterno frio,  
minha pena deserta, ao fim de março,  
amor, quem contaria?  
E já não sei se é jogo, ou se poesia.

(fa)

Posfácio

o aprendizado da poesia

Antonio Cicero



Meu pai possuía um exemplar da *Antologia poética*. Foi através dela que eu, como tantas outras pessoas, descobri a poesia de Carlos Drummond de Andrade. Encontrando-se entre os primeiros poemas que me deslumbraram de verdade, eles fazem parte daqueles que me ensinaram a cultivar a leitura da poesia, isto é, que me ensinaram a amar a poesia.

Mas a excelência desta antologia não reside apenas na indiscutível qualidade de diversos poemas. Ela se distingue por pelo menos duas outras razões: em primeiro lugar, por ter sido organizada pelo próprio autor e, em segundo, por ter o autor, ao organizá-la, seguido critérios inteiramente pessoais, tendo em vista torná-la, segundo ele mesmo, tanto “vertebrada” quanto “um espelho fiel” de sua produção poética. O resultado é um livro que pode ser lido não apenas como uma excelente amostra de poemas de Drummond, mas como uma obra *per se*.

Tudo somado, talvez a característica mais impressionante da *Antologia poética* seja, à parte a excelência de um número tão grande de poemas, a diversidade de temas, formas, vozes, dicções, que ela possui. Pense-se, em primeiro lugar, na diversidade de temas. É verdade que as nove seções enumeradas pelo próprio Drummond na “Nota da primeira edição” — (1) o indivíduo, (2) a terra natal, (3) a família, (4) amigos, (5) o choque social, (6) o conhecimento amoroso, (7) a própria poesia, (8) exercícios lúdicos e (9) uma visão da existência — talvez abarquem, quando desdobradas, os temas mais comuns de toda poesia. Contudo, enquanto

cada poeta tende a se concentrar em dois ou três deles, Drummond passa por todos, enfocando-os por diversos ângulos.

Assim, por exemplo, os poemas dedicados ao indivíduo e intitulados “Um eu todo retorcido” falam da *gaucherie*, isto é, da falta de jeito, esquisitice ou estranheza perante si próprio do indivíduo moderno e desenraizado (leia-se “Poema de sete faces”), com, entre outras coisas, seus momentos de desencanto (“Soneto da perda da esperança”), angústia (“Poema patético”), solidão (“A bruxa”), niilismo (“Nudez”), consciência da mortalidade (“Os últimos dias”), desespero (“José”) etc. E nesses mesmos poemas encontram-se esperanças, dentaduras duplas, mariposas, utopias, bondes, chaves, flores, náuseas, crimes, praias...

Ao mesmo tempo, alguns poemas caberiam, como diz o autor, “em outra seção que não a escolhida, ou em mais de uma”. De fato, tomemos como exemplo “A flor e a náusea”. Tanto pela sua beleza e pela sua enorme fama quanto pelo fato de que ele muito revela sobre a poesia de Drummond, quero falar sobre esse poema de modo um pouco mais detido, embora nem de longe exaustivo.

Por um lado, não se pode dizer propriamente que ele esteja deslocado na primeira seção, dedicada ao indivíduo, pois descreve as inquietações, as angústias e as esperanças políticas de um indivíduo. Entretanto, como se trata de inquietações, angústias e esperanças *políticas*, e como, direta e indiretamente, refere-se a classes, revoltas, injustiça, falta de liberdade etc., poder-se-ia pensar que “A flor e a náusea” estivesse mais em casa na quinta seção, dedicada ao choque social. Pois bem, além das considerações que mais evidentemente podem ter levado Drummond a preferir colocá-lo na primeira seção, entre as quais se encontra o fato de que, afinal de contas, o eu lírico do poema é um indivíduo,

parece-me haver outra, menos evidente, porém mais profunda, para tanto. Vejamos.

O livro a que “A flor e a náusea” originalmente pertence, *A rosa do povo*, é de 1945, ano em que Drummond se aproximou muito do Partido Comunista. Já a primeira estrofe do poema diz:

*Preso à minha classe e a algumas roupas,*

*vou de branco pela rua cinzenta.*

*Melancolias, mercadorias espreitam-me.*

*Devo seguir até o enjoo?*

*Posso, sem armas, revoltar-me?*

Há aqui uma evidente referência à tese, exposta na quarta seção do primeiro capítulo de *O capital*, de Marx, sobre o fetichismo da mercadoria. A palavra francesa “fétiche” deriva da portuguesa “feitiço”. O feitiço em questão consiste em transformar as pessoas em coisas e as coisas, em pessoas. O sujeito do enunciado diz estar preso à sua classe e a algumas roupas. Vestido de branco, ele mal se destaca da rua cinzenta, enquanto é espreitado, isto é, observado e tocado por melancolias e mercadorias. Ou seja, o ser humano funciona, nessa situação, como coisa, objeto ou vítima, enquanto as melancolias e mercadorias funcionam como as pessoas ou os sujeitos que o vitimam. O fato de que o ser humano esteja preso igualmente à sua classe (que é uma abstração) e às suas roupas (coisas concretas) reforça essa inversão ou confusão. O feitiço aqui está também em transformar o abstrato em concreto, e o concreto em abstrato. Mais ainda o faz a justaposição das palavras “melancolias” e “mercadorias”. A primeira, sendo um estado de espírito, coisifica-se ao ser posta no plural, principalmente estando ao lado de “mercadorias”. A segunda, ao contrário, significando realidades materiais e sociais, personifica-se, ao lado de “melancolias”. A relação paronomástica dessas palavras acentua ainda mais a inversão/confusão fetichista.

A segunda estrofe apresenta o tempo presente como o tempo em que não se realizou a promessa da justiça:

*Olhos sujos no relógio da torre:*

*Não, o tempo não chegou de completa justiça.*

*O tempo é ainda de fezes, maus poemas, alucinações e espera.*

*O tempo pobre, o poeta pobre*

*fundem-se no mesmo impasse.*

Aqui o sujeito do enunciado é o relógio, o poeta e o tempo, se confundem. Observe-se que, entre as fezes, alucinações e espera que caracterizam esse tempo, encontram-se também *maus poemas*.

A terceira estrofe fala da impossibilidade da comunicação. Os seres humanos — que se tornaram coisas — são surdos como muros.

*Em vão me tento explicar, os muros são surdos.*

*Sob a pele das palavras há cifras e códigos.*

*O sol consola os doentes e não os renova.*

*As coisas. Que tristes são as coisas, consideradas sem ênfase.*

Sob a pele das palavras há cifras e códigos porque tudo o que se diz, em tal mundo, é considerado do ponto de vista de sua utilidade, de sua instrumentalidade, de seu rendimento, de seu valor de *troca*. Nenhuma coisa ou palavra vale por si. Por isso não há ênfase nelas, mas apenas um triste tédio.

A quarta estrofe diz:

*Vomitam esse tédio sobre a cidade.*

*Quarenta anos e nenhum problema  
resolvido, sequer colocado.*

*Nenhuma carta escrita nem recebida.*

*Todos os homens voltam para casa.*

*Estão menos livres, mas levam jornais*

*e soletram o mundo, sabendo que o perdem.*

O tédio e a cidade se confundem. Observe-se também o *enjambement* entre o segundo e o terceiro verso dessa estrofe, isto é, o fato de que o sentido do segundo verso somente se completa no terceiro. Assim, enquanto o

segundo verso (“Quarenta anos e nenhum problema”) diz algo que parece motivo de contentamento, o terceiro (“resolvido, sequer colocado.”) nos faz cair na realidade, transfigurando o sentido do primeiro verso para uma espécie de sonho ou desejo não realizado.

A quinta estrofe é:

*Crimes da terra, como perdoá-los?*

*Tomei parte em muitos, outros escondi.*

*Alguns achei belos, foram publicados.*

*Crimes suaves, que ajudam a viver.*

*Ração diária de erro, distribuída em casa.*

*Os ferozes padeiros do mal.*

*Os ferozes leiteiros do mal.*

Aqui, o poeta parece chamar de *crimes* alguns poemas seus: “Alguns achei belos, foram publicados”. Como não lembrar dos versos do famosíssimo poema “An die Nachgeborenen” (“Aos que vão nascer”), em que Bertold Brecht, na década de 1930, logo, antes de Auschwitz,<sup>1</sup> dissera:

*Que tempos são esses, em que*

*Falar de árvores é quase um crime*

*Pois implica silenciar sobre tantas barbaridades?*<sup>2</sup>

Se amenidades como conversas sobre árvores são quase crimes, que dizer de poemas?

Na sexta estrofe, lê-se:

*Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.*

*Ao menino de 1918 chamavam anarquista.*

*Porém meu ódio é o melhor de mim.*

*Com ele me salvo*

*e dou a poucos uma esperança mínima.*

Entende-se: no mundo em que as coisas são consideradas sem ênfase e, por isso, tristes, ao menos o ódio é enfático.

Mas a verdadeira ênfase vem depois, na sétima estrofe, e não é provocada nem pelas barbaridades, nem

pelo ódio a elas, mas por menos (“menos”?) que uma árvore: por uma flor:

*Uma flor nasceu na rua!*

*Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.*

*Uma flor ainda desbotada*

*ilude a polícia, rompe o asfalto.*

*Façam completo silêncio, paralitem os negócios,*

*garanto que uma flor nasceu.*

A flor aqui não pode ser metáfora para a revolução que traria a completa justiça, pois essa não aconteceu. E não pode ser nenhum acontecimento social uma flor cuja existência não é evidente senão para o poeta. De que se trata?

A oitava estrofe diz:

*Sua cor não se percebe.*

*Suas pétalas não se abrem.*

*Seu nome não está nos livros.*

*É feia. Mas é realmente uma flor.*

“Seu nome não está nos livros.” Não há então, sob o seu nome, cifras ou códigos. Trata-se de algo ainda não codificado. O poeta não a acha bela, como achava belos os poemas que publicava.

A nona e última estrofe conclui:

*Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde*

*e lentamente passo a mão nessa forma insegura.*

*Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.*

*Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.*

*É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.*

A impressão que se tem é que ocorreu algo de extraordinário em consequência do nascimento dessa flor. O poeta se senta “no chão da capital do país às cinco horas da tarde”, isto é, em plena hora de expediente. Ele observa que “Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se”. Ora, ocorre que a capital do país, nessa época, era o Rio de Janeiro. O avolumar-se de nuvens maciças do lado do Corcovado, da Pedra da Gávea ou de

outras montanhas é algo extremamente comum. Além disso, nada há de mais comum do que se verem pontos brancos no mar, especialmente quando venta. Quanto a “galinhas em pânico”, é possível que, como tantos supõem, o poeta esteja pensando nas “galinhas verdes”, isto é, nos integralistas. Contudo, supõe-se que “A flor e a náusea” tenha sido escrito entre 1943 e 1945, quando a Ação Integralista Brasileira já havia sido dissolvida. E digamos a verdade: o fato é que as galinhas, de maneira geral, são animais que parecem entrar em pânico por praticamente qualquer coisa.

Em suma, essa última estrofe não descreve absolutamente nada de extraordinário. O que mudou foi que as coisas mais ordinárias já não estão sendo consideradas sem ênfase, como antes. Ao contrário, estão sendo percebidas propriamente em sua emergência, dotadas da estranheza das coisas que nunca antes tinham sido vistas. Por esse ângulo, mesmo o pânico das galinhas parece um acontecimento extraordinário. Assim também, o poeta não diz sentar-se na rua cinzenta em que caminhava, mas “no chão da capital do país”.

Ora, uma das ambições da poesia é exatamente desautomatizar a linguagem, a percepção do mundo e o pensamento, de modo a nos permitir apreender linguagem, mundo e pensamento como se fosse pela primeira vez.<sup>3</sup> É a poesia que nos transporta para outra dimensão da existência, inteiramente distinta daquela que é regida pelo princípio do desempenho, da utilidade, da instrumentalidade, do valor de troca, do relógio da torre, das cifras, dos códigos, do tédio.

Sendo assim, a flor que nasceu na rua é metáfora, não para um acontecimento social, mas para a poesia. Foi um poema que nasceu na rua. Certamente não se trata de mais um dos “maus poemas”, isto é, não se trata de

mais um dos “crimes suaves” que o poeta julgou belos e cometeu no passado. Trata-se agora da emergência e estranheza de um poema de verdade. Por isso, não correspondendo ao gosto estabelecido, ele é, logo que surge, considerado feio. E ele fura o asfalto do próprio pensamento; e fura o tédio, o nojo — a náusea — e mesmo o ódio, que, antes do acontecimento do poema, era o que o poeta tinha de melhor.

Creio que, a partir dessas considerações, podemos entender melhor por que o poema “A flor e a náusea” não foi incluído por seu autor na seção dedicada ao tema do choque social, intitulada “Na praça de convites”, mas sim na seção dedicada ao tema do indivíduo, intitulada “Um eu todo retorcido”. É que seu verdadeiro assunto não é o choque ou conflito social, mas a experiência da maravilha do surgimento da poesia num mundo inóspito. Pensando bem, ele poderia até ter sido incluído na seção dedicada à própria poesia, intitulada “Poesia contemplada”.

Aliás, “A flor e a náusea” é o terceiro poema do livro *A rosa do povo*. Antes dele encontram-se dois poemas sobre a poesia que, aparentemente se contradizem. São “Consideração do poema” e, em seguida, “Procura da poesia”. Já muito se falou sobre essa aparente (ou, segundo alguns, real) contradição. Seja como for, a verdade é que nem mesmo a contradição real é vedada aos poetas. Como dizia Walt Whitman,

*Eu me contradigo?*

*Pois bem, então me contradigo*

*(Sou vasto, contenho multidões).<sup>4</sup>*

De todo modo, lê-se, ao final de “Consideração do poema” (que Drummond optou por não incluir na presente antologia):

*Já agora te sigo a toda parte,*

*e te desejo e te perco, estou completo,*



*me destino, me faço tão sublime,  
tão natural e cheio de segredos,  
tão firme, tão fiel... Tal uma lâmina,  
o povo, meu poema, te atravessa.*

Já “Procura da poesia” (que Drummond optou por incluir na presente antologia) parece uma, digamos, *poética negativa*. Lembro que, na Idade Média, alguns teólogos desenvolveram uma *teologia* negativa. Segundo eles, não é possível definir Deus, pois isso seria limitá-Lo. O que é possível é dizer o que Ele *não* é. Pois bem, “Procura da poesia” começa por dizer o que a poesia não é e o que não deve fazer aquele que pretende escrever um poema. Já seus dois primeiros versos dizem:

*Não faças versos sobre acontecimentos.*

*Não há criação nem morte perante a poesia.*

Em determinado ponto, lê-se que

*O canto não é a natureza*

*nem os homens em sociedade.*

*Para ele, chuva e noite, fadiga e esperança nada significam.*

É somente a partir da quinta das sete estrofes de que se compõe que o poema começa a ser, tanto prescritiva quanto descritivamente, mais positivo, ao dizer

*Penetra surdamente no reino das palavras.*

*Lá estão os poemas que esperam ser escritos.*

*Estão paralisados, mas não há desespero,*

*há calma e frescura na superfície intata.*

*Ei-los sós e mudos, em estado de dicionário.*

Poder-se-ia pensar que isso significa que os poemas já estejam prontos, como ideias platônicas, que o poeta deve conhecer para realizar no mundo. Não creio que se trate disso. As próprias palavras não são ideias platônicas, mas invenções humanas.

Empregando a mais famosa das dicotomias saussurianas, podemos dizer que o reino das palavras é o domínio da língua, em oposição ao da fala. A língua é o tesouro onde se encontram armazenadas, como objetos,

as palavras e as regras que são utilizadas para a fala. Todo ato de fala — inclusive o escrito, como um artigo de jornal ou uma comunicação científica — representa a concretização de uma língua.

Do ponto de vista do sujeito do ato de fala, os componentes da língua, como as palavras que utiliza, não passam de instrumentos para fazer diferentes coisas: informar, ordenar, pedir, decretar, interrogar, congratular, condenar etc. E, uma vez que tenha cumprido sua função, o ato de fala deve ser esquecido, de modo a não obstar a outros atos que também façam parte da vida, que continua.

Os poemas nem podem ser instrumentalizados, como as palavras, nem consistem em atos de fala, que devam ser esquecidos, uma vez que tenham cumprido sua função. Por outro lado, eles estão mais próximos dos objetos da língua, como as palavras, do que dos atos de fala, uma vez que não se esgotam, como estes, ao cumprir uma função. A antropóloga Ruth Finnegan observou que, nas mais diversas culturas, a poesia é, através de diferentes artifícios (artifícios gráficos como o verso, no caso da poesia escrita, e artifícios ritualísticos, no caso da poesia oral), como que emoldurada, posta à parte, separada da vida e da fala cotidiana.<sup>5</sup> É nesse sentido que um poema está mais próximo de um objeto da língua, como uma palavra, do que de um ato de fala. E o poema escrito pode ser entesourado, como uma palavra. A diferença é que ele não é entesourado pela sua utilidade, mas pelo seu valor imanente.

Se, na primeira parte, que chamei de “poética negativa”, Drummond praticamente nega que a poesia possa ser instrumentalizada, isto é, que possa *servir* para alguma coisa, agora, na segunda parte, ele vai mais longe. Ao dizer que os poemas se encontram “no reino

das palavras” à espera de ser escritos pelo poeta, ele insinua que o poeta é que deve *servir* à poesia.

Se o que acabo de dizer está certo, então não há contradição real no fato de que o poeta que tanto celebrou sua Itabira tenha escrito, em “Procura da poesia”, o verso “Não cantes tua cidade, deixa-a em paz”. Este verso não significa proibir ao poeta falar da sua cidade. Nenhum tema lhe é realmente proibido. A poesia pode instrumentalizar qualquer tema, inclusive as memórias do poeta. O que não é aceitável — para o poeta enquanto poeta — é instrumentalizar a poesia para falar da cidade natal ou de qualquer outro tema.

Com efeito, um dos livros de Drummond, de 1954, intitula-se *A vida passada a limpo*. Ora, que quer dizer “passar a vida a limpo”?

Penso que, para um poeta, passar a limpo um texto significa retirar-lhe tudo o que não lhe pertence por direito, modificar o que deve ser modificado, adicionar o que falta, reduzi-lo ao que deve ser e apenas ao que deve ser. No caso de um poema, faz-se isso até o impossível, isto é, até que ele resplandeça. O que resplandece é o que vale por si: o que merece existir.

Dizer que a poesia é a vida passada a limpo é dizer que a vida é o rascunho da poesia. Isso significa que o fim da vida é virar poesia. Por essa razão, longe de ser um meio (por exemplo, um meio de “expressão” ou de “comunicação”) para o poeta, a poesia é o seu fim, o seu *telos*. Dado que o fim subordina os meios, e não vice-versa, o poeta é um servo — um servo voluntário e apaixonado, é verdade, mas um servo — da poesia. Nessa relação, não é ela que se inclina às conveniências dele, mas é ele que deve dobrar-se às exigências e aos caprichos — inclusive aos silêncios — dela. É o que diz Drummond em “Procura da poesia”:

*Convive com teus poemas, antes de escrevê-los.*

*Tem paciência, se obscuros. Calma, se te provocam.*

*Espera que cada um se realize e consume  
com seu poder de palavra  
e seu poder de silêncio.*

De todo modo, foi a diversidade dos temas da obra de Drummond representados nesta antologia que me levou a falar desse assunto. É igualmente grande a diversidade formal dos poemas que aqui se encontram. Há desde versos livres até sonetos decassilábicos e alexandrinos impecáveis, passando por poemas compostos em metros regulares, desde os já mencionados alexandrinos (leia-se “Legado”) até tetrassílabos (leia-se “Lira romântiquinha”). E, não raro, nos poemas em versos livres, ocorrem estrofes com metros regulares (leia-se a segunda estrofe de “Poema de sete faces”). Quanto à dicção, ela tanto pode ser a coloquial de “No meio do caminho” quanto o *sermo nobilis* de “Máquina do mundo”. E, é claro, não há figura de retórica que Drummond não empregue nos seus poemas.

Por isso parece-me destituída de sentido a queixa que ocasionalmente se lê, pelo menos desde 1957, numa crônica de Mário Faustino,<sup>6</sup> quanto à excessiva influência de Drummond sobre os novos poetas. De que Drummond se trata? Do Drummond de “Poema de sete faces” ou do Drummond de “Fraga e sombra”? Do Drummond de “Relógio do Rosário” ou do Drummond de “A bomba”? Do Drummond de “Oficina irritada” ou do Drummond de “José”? Do Drummond de “Áporo” ou do Drummond de “Em favor da paz”? Que os novos poetas tenham lido e aprendido com o autor desta antologia parece-me não apenas natural, mas inevitável e louvável, pois deve-se ler e aprender com os grandes poetas. Quanto à tal “influência excessiva”, é difícil entender exatamente em que consiste e como defini-la.

A propósito da mencionada diversidade formal dos poemas aqui contidos, não há como fugir de um tema

que já provocou muita polêmica. Em *Alguma poesia*, de 1930, Drummond empregou, como se sabe, versos livres e, frequentemente, linguagem coloquial. Continua sendo assim na maior parte de *A rosa do povo*, de 1945, e de *Novos poemas*, de 1948. Em *Claro enigma*, porém, de 1951, encontram-se muitos poemas metrificados, entre os quais diversos sonetos. O resultado é que, mesmo décadas depois de sua publicação, vários poetas vanguardistas atacaram esse livro, considerando-o um lamentável retrocesso. *Claro enigma* representaria uma escandalosa traição dos princípios modernistas que haviam antes orientado o poeta.

Não devemos esquecer, porém, que a postura bélica dos poetas vanguardistas, em particular dos concretistas, deve-se também ao fato de que eles, tendo sempre sofrido duros ataques por parte de poetas e críticos conservadores ou restauradores, como, por exemplo, os pertencentes à Geração de 45, temiam que *Claro enigma* representasse a adesão de Drummond a estes.

Acima mencionei o fetichismo da mercadoria, ao falar de “A flor e a náusea”. Pois bem, a verdade é que certas formas poéticas foram fetichizadas pela tradição. Como a maior parte da poesia produzida no Ocidente moderno era metrificada, rimada, e empregava determinadas formas fixas — em particular o soneto — supunha-se que essas características fossem intrinsecamente poéticas. Quando associadas a um vocabulário literário estabelecido e a determinados temas convencionais, pensava-se que elas fossem não apenas necessárias, mas suficientes para produzir um poema. Tais formas, temas e dicções viraram, portanto, fetiches. Ou seja, um texto que não possuísse essas características não era normalmente tomado como um poema; e um texto que as possuísse era automaticamente tomado como tal.

Inúmeros poetas modernos, a partir, principalmente, do final do século xix e do início do xx, se insubordinaram

contra esse fetichismo. Produziram, por isso, poemas que não possuíam as características convencionais e, não obstante, acabavam por impor o reconhecimento de que constituíam poemas autênticos. A partir disso, ficou demonstrado que o verso livre e branco, o tema livre, o vocabulário irrestrito etc. podiam perfeitamente ser empregados para a produção de bons e mesmo excelentes poemas. Evidenciou-se, em outras palavras, o caráter accidental dos meios, formas e noções tradicionais de poesia. Ao desfetichizar as formas fetichizadas, as vanguardas mostraram que a poesia não existe *prêt-à-porter*, à disposição do poeta, nestas ou naquelas formas, temas ou dicções. Inversamente, mostraram também que ela não é necessariamente incompatível com nenhuma forma determinada. Isso implica o reconhecimento de que a poesia existe apenas em obras singulares, nas quais é o produto de uma combinação inteiramente imprevisível e irreproduzível de fatores que não podem ser definidos *a priori*.

Essa desfetichização total foi um feito extraordinário de esclarecimento conceitual acerca da natureza da poesia. Trata-se, contudo, do resultado final da atividade das vanguardas, após o qual elas já não precisavam sequer continuar a existir. Antes de chegar a esse ponto, porém, a própria vanguarda manteve as convenções tradicionais fetichizadas, tendo apenas invertido o valor desse fetiche. Se tradicionalmente determinadas convenções haviam sido consideradas as únicas admissíveis na poesia, a vanguarda passou a tomá-las como as únicas formas inadmissíveis na poesia.

Hoje, ao cabo do trabalho positivo e negativo das vanguardas e da sua dissolução, podemos reconhecer que o que confere ou anula a qualidade de um poema não é a obediência a esta ou àquela regra particular, a adoção desta ou daquela forma, a pertinência a este ou àquele gênero. Que diríamos de um poeta ou crítico que

decretasse ser poema só aquilo que fosse composto em versos metrificados e rimados? Ou, ao contrário, só aquilo que fosse escrito em versos livres? Ou nada além de sequências de sentenças? Sabemos hoje que, por princípio, não se pode decretar o que é admissível e o que é inadmissível num poema, nem estabelecer critérios *a priori* pelos quais todos os poemas devam ser julgados. O poeta moderno — e “moderno” aqui quer dizer: “que vive depois que a experiência da vanguarda se cumpriu” — é capaz de empregar as formas que bem entender para fazer seus poemas, mas não pode ignorar que elas constituem apenas uma parcela das formas possíveis, e o crítico deve reconhecer esse fato.

Se é assim, então devemos afirmar que Drummond foi um poeta inteiramente moderno, no sentido que acabo de definir. Não só quando rompeu com as convenções tradicionais, mas quando escreveu nas formas fixas tradicionais, ele foi mais moderno do que aqueles que o criticaram. Tanto isso é verdade que, assim como se permitiu escrever os sonetos de *Claro enigma*, ele foi capaz, dez anos depois, de praticar, no livro *Lição de coisas*, como ele mesmo observa, “a violação e a desintegração da palavra, sem entretanto aderir a qualquer receita poética vigente. A desordem implantada em suas composições é, em consciência, aspiração a uma ordem individual”.<sup>7</sup> Evidentemente, então, tampouco o uso das formas tradicionais em *Claro enigma* significou a adesão a qualquer receita poética vigente na época. A verdade é que os próprios sonetos desse livro, como, entre outros, “A ingaia ciência”, “Oficina irritada” ou “Fraga e sombra”, encontram-se entre os poemas dotados de maior frescor e originalidade da língua portuguesa.

Na sua última entrevista, Drummond afirma que nenhum poema seu entrou para a história do Brasil. “O

que aconteceu”, diz ele, “foi o seguinte: ficaram como modismos e como frases feitas: ‘Tinha uma pedra no meio do caminho’ e ‘E agora José’.” Não precisamos concordar com a primeira parte desse enunciado, mas a segunda é inegável. A verdade, porém, é que não apenas essas frases são de uso comum. Vêm-me à cabeça várias outras, como, por exemplo, “Perdi o bonde e a esperança”, “Não ser feliz tudo explica”, “O filho que não fiz/ hoje seria homem”, “Os ombros suportam o mundo”, “De tudo ficou um pouco”, “O mundo não vale o mundo,/ meu bem”. Essas e outras passaram a fazer parte da nossa língua. Ainda que Drummond não houvesse feito mais do que isso, não teria sido pouca coisa, para um único poeta.

---

1 Lembro que, em 1949, o filósofo Theodor Adorno disse que escrever um poema depois de Auschwitz seria uma barbaridade (em Theodor Adorno, “Kulturkritik und Gesellschaft”, em *Prismen*. Frankfurt: Suhrkamp, 1955, p. 31. [Ed. br.: *Prismas*. Trad. de Jorge de Almeida. São Paulo: Ática, 1998.]

2 Bertold Brecht, “Aos que vão nascer”, em *Poemas: 1913-1956*. Sel. e trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Editora 34, 2001, p. 212.

3 Ver, sobre isso, Victor Schklovskii, “L’arte come procedimento”, em Tzvetan Todorov (org.), *I formalisti russi*. Torino: Einaudi, 1968.

4 “Do I contradict myself?/ Very well, then I contradict myself/ (I am large, I contain multitudes).”. Walt Whitman, “Leaves of grass”, em *The complete poems*. Oxford: Basil Blackwell, 1967, p. 123.

5 Ruth H. Finnegan, *Oral poetry: Its nature, significance and social context*. Bloomington/ Indianapolis: Indiana U. Press, 1992, p. 25-6.

6 Mário Faustino, “A poesia ‘concreta’ e o momento poético brasileiro”, em *De Anchieta aos concretos*. Org. de Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 479.



7 Carlos Drummond de Andrade, “Lição de coisas”, em *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 2002, p. 454.

# Leituras recomendadas

andrade, Carlos Drummond de.

*Confissões de Minas.*

São Paulo: Cosac Naify, 2011.

cicero, Antonio.

*Finalidades sem fim.*

São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

faustino, Mário.

*De Anchieta aos concretos.*

São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

gledson, John.

*Influências e impasses: Drummond e alguns contemporâneos.*

São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

# Cronologia

- 1902 Nasce Carlos Drummond de Andrade, em 31 de outubro, na cidade de Itabira do Mato Dentro (mg), nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade.
- 1910 Inicia o curso primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito.
- 1916 É matriculado como aluno interno no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Conhece Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Melo Franco. Interrompe os estudos por motivo de saúde.
- 1917 De volta a Itabira, toma aulas particulares com o professor Emílio Magalhães.
- 1918 Aluno interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, colabora na *Aurora Colegial*. No único exemplar do jornalzinho *Maio...*, de Itabira, o irmão Altivo publica o seu poema em prosa “Onda”.
- 1919 É expulso do colégio em consequência de incidente com o professor de português. Motivo: “insubordinação mental”.
- 1920 Acompanha sua família em mudança para Belo Horizonte.
- 1921 Publica seus primeiros trabalhos no *Diário de Minas*. Frequenta a vida literária de Belo Horizonte. Amizade com Milton Campos, Abgar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, Mário Casassanta, João Alphonsus, Batista Santiago, Aníbal Machado, Pedro Nava, Gabriel Passos, Heitor de Sousa e João Pinheiro Filho, *habitués* da Livraria Alves e do Café Estrela.
- 1922 Seu conto “Joaquim do Telhado” vence o concurso da *Novela Mineira*.
- Trava contato com Álvaro Moreyra, diretor de *Para Todos...* e *Ilustração Brasileira*, no Rio de Janeiro, que publica seus trabalhos.
- 1923 Ingressa na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte.
- 1924 Conhece, no Grande Hotel de Belo Horizonte, Blaise Cendrars, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, que regressam de excursão às cidades históricas de Minas Gerais.

- 1925 Casa-se com Dolores Dutra de Moraes. Participa — juntamente com Martins de Almeida, Emílio Moura e Gregoriano Canedo — do lançamento de *A Revista*.
- 1926 Sem interesse pela profissão de farmacêutico, cujo curso concluíra no ano anterior, e não se adaptando à vida rural, passa a lecionar geografia e português em Itabira. Volta a Belo Horizonte e, por iniciativa de Alberto Campos, ocupa o posto de redator e depois redator-chefe do *Diário de Minas*. Villa-Lobos compõe uma seresta sobre o poema “Cantiga de viúvo” (que iria integrar *Alguma poesia*, seu livro de estreia).
- 1927 Nasce em 22 de março seu filho, Carlos Flávio, que morre meia hora depois de vir ao mundo.
- 1928 Nascimento de sua filha, Maria Julieta. Publica “No meio do caminho” na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, dando início à carreira escandalosa do poema. Torna-se auxiliar na redação da *Revista do Ensino*, da Secretaria de Educação.
- 1929 Deixa o *Diário de Minas* e passa a trabalhar no *Minas Gerais*, órgão oficial do estado, como auxiliar de redação e, pouco depois, redator.
- 1930 *Alguma poesia*, seu livro de estreia, sai com quinhentos exemplares sob o selo imaginário de Edições Pindorama, de Eduardo Frieiro. Assume o cargo de auxiliar de gabinete de Cristiano Machado, secretário do Interior. Passa a oficial de gabinete quando seu amigo Gustavo Capanema assume o cargo.
- 1931 Morre seu pai.
- 1933 Redator de *A Tribuna*. Acompanha Gustavo Capanema durante os três meses em que este foi interventor federal em Minas.
- 1934 Volta às redações: *Minas Gerais*, *Estado de Minas*, *Diário da Tarde*, simultaneamente. Publica *Brejo das almas* (duzentos exemplares) pela cooperativa Os Amigos do Livro. Transfere-se para o Rio de Janeiro como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, novo ministro da Educação e Saúde Pública.
- 1935 Responde pelo expediente da Diretoria-Geral de Educação e é membro da Comissão de Eficiência do Ministério da Educação.

- 1937 Colabora na *Revista Acadêmica*, de Murilo Miranda.
- 1940 Publica *Sentimento do mundo*, distribuindo entre amigos e escritores os 150 exemplares da tiragem.
- 1941 Mantém na revista *Euclides*, de Simões dos Reis, a seção “Conversa de Livraria”, assinada por “O Observador Literário”. Colabora no suplemento literário de *A Manhã*.
- 1942 Publica *Poesias*, na prestigiosa Editora José Olympio.
- 1943 Sua tradução de *Thérèse Desqueyroux*, de François Mauriac, vem a lume sob o título *Uma gota de veneno*.
- 1944 Publica *Confissões de Minas*.
- 1945 Publica *A rosa do povo* e *O gerente*. Colabora no suplemento literário do *Correio da Manhã* e na *Folha Carioca*. Deixa a chefia do gabinete de Capanema e, a convite de Luís Carlos Prestes, figura como codiretor do diário comunista *Tribuna Popular*. Afasta-se meses depois por discordar da orientação do jornal. Trabalha na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (dphan), onde mais tarde se tornará chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento.
- 1946 Recebe o Prêmio de Conjunto de Obra, da Sociedade Felipe d’Oliveira.
- 1947 É publicada a sua tradução de *Les liaisons dangereuses*, de Laclos.
- 1948 Publica *Poesia até agora*. Colabora em *Política e Letras*. Acompanha o enterro de sua mãe, em Itabira. Na mesma hora, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, é executado o “Poema de Itabira”, de Villa-Lobos, a partir do seu poema “Viagem na família”.
- 1949 Volta a escrever no *Minas Gerais*. Sua filha, Maria Julieta, casa-se com o escritor e advogado argentino Manuel Graña Etcheverry e vai morar em Buenos Aires. Participa do movimento pela escolha de uma diretoria apolítica na Associação Brasileira de Escritores. Contudo, juntamente com outros companheiros, desliga-se da sociedade por causa de atritos com o grupo esquerdista.
- 1950 Viaja a Buenos Aires para acompanhar o nascimento do primeiro neto, Carlos Manuel.

- 1951 Publica *Claro enigma, Contos de aprendiz e A mesa*. O volume *Poemas* é publicado em Madri.
- 1952 Publica *Passeios na ilha e Viola de bolso*.
- 1953 Exonera-se do cargo de redator do *Minas Gerais* ao ser estabilizada sua situação de funcionário da dphan. Vai a Buenos Aires para o nascimento do seu neto Luis Mauricio. Na capital argentina aparece o volume *Dos poemas*.
- 1954 Publica *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*. É publicada sua tradução de *Les paysans*, de Balzac. A série de palestras “Quase memórias”, em diálogo com Lia Cavalcanti, é veiculada pela Rádio Ministério da Educação. Dá início à série de crônicas “Imagens”, no *Correio da Manhã*, mantida até 1969.
- 1955 Publica *Viola de bolso novamente encordoad*. O livreiro Carlos Ribeiro publica edição fora de comércio do *Soneto da buquinagem*.
- 1956 Publica *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor*. Sai sua tradução de *Albertine disparue*, ou *La fugitive*, de Marcel Proust.
- 1957 Publica *Fala, amendoeira e Ciclo*.
- 1958 Uma pequena seleção de seus poemas é publicada na Argentina.
- 1959 Publica *Poemas*. Ganha os palcos a sua tradução de *Doña Rosita la Soltera*, de García Lorca, pela qual recebe o Prêmio Padre Ventura.
- 1960 É publicada a sua tradução de *Oiseaux-Mouches Ornithorynques du Brésil*, de Descourtilz. Colabora em *Mundo Ilustrado*. Nasce em Buenos Aires seu neto Pedro Augusto.
- 1961 Colabora no programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação. Morre seu irmão Altivo.
- 1962 Publica *Lição de coisas, Antologia poética e A bolsa & a vida*. Aparecem as traduções de *L’oiseau bleu*, de Maeterlinck, e *Les fourberies de Scapin*, de Molière, recebendo por esta novamente o Prêmio Padre Ventura. Aposenta-se como chefe de seção da dphan, após 35 anos de serviço público.
- 1963 Aparece a sua tradução de *Sult (Fome)*, de Knut Hamsun. Recebe, pelo livro *Lição de coisas*, os prêmios Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, e Luísa Cláudio de Sousa,

- do pen Clube do Brasil. Inicia o programa *Cadeira de Balanço*, na Rádio Ministério da Educação.
- 1964 Publicação da *Obra completa*, pela Aguilar. Início das visitas, aos sábados, à biblioteca de Plínio Doyle, evento mais tarde batizado de “Sabadoyle”.
- 1965 Publicação de *Antologia poética* (Portugal); *In the middle of the road* (Estados Unidos); *Poesie* (Alemanha). Com Manuel Bandeira, edita *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Colabora em *Pulso*.
- 1966 Publicação de *Cadeira de balanço* e de *Natten och Rosen* (Suécia).
- 1967 Publica *Versiprosa, José & outros, Uma pedra no meio do caminho, Minas Gerais (Brasil, terra e alma), Mundo, vasto mundo* (Buenos Aires) e *Fyzika Strachu* (Praga).
- 1968 Publica *Boitempo & A falta que ama*.
- 1969 Passa a colaborar no *Jornal do Brasil*. Publica *Reunião* (dez livros de poesia).
- 1970 Publica *Caminhos de João Brandão*.
- 1971 Publica *Seleção em prosa e verso*. Sai em Cuba a edição de *Poemas*.
- 1972 Publica *O poder ultrajovem*. Suas sete décadas de vida são celebradas em suplementos pelos maiores jornais brasileiros.
- 1973 Publica *As impurezas do branco, Menino antigo, La bolsa y la vida* (Buenos Aires) e *Réunion* (Paris).
- 1974 Recebe o Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários.
- 1975 Publica *Amor, amores*. Recebe o Prêmio Nacional Walmap de Literatura. Recusa por motivo de consciência o Prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do Distrito Federal.
- 1977 Publica *A visita, Discurso de primavera* e *Os dias lindos*. É publicada na Bulgária uma antologia intitulada *Sentimento do mundo*.
- 1978 A Editora José Olympio publica a segunda edição (corrigida e aumentada) de *Discurso de primavera e algumas sombras*. Publica *O marginal Clorindo Gato e 70 historinhas*, reunião de pequenas histórias selecionadas em seus livros de crônicas. *Amar-Amargo* e *El poder ultrajoven* saem na Argentina. A PolyGram lança dois lps com 38 poemas lidos pelo autor.

- 1979 Publica *Poesia e prosa*, revista e atualizada, pela Editora Nova Aguilar. Sai também seu livro *Esquecer para lembrar*.
- 1980 Recebe os prêmios Estácio de Sá, de jornalismo, e Morgado Mateus (Portugal), de poesia. Publicação de *A paixão medida*, *En Rost at Folket* (Suécia), *The minus sign* (Estados Unidos), *Poemas* (Holanda) e *Fleur, téléphone et jeune fille...* (França).
- 1981 Publica, em edição fora de comércio, *Contos plausíveis*. Com Ziraldo, lança *O pipoqueiro da esquina*. Sai a edição inglesa de *The minus sign*.
- 1982 Aniversário de oitenta anos. A Biblioteca Nacional e a Casa de Rui Barbosa promovem exposições comemorativas. Recebe o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publica *A lição do amigo*. Sai no México a edição de *Poemas*.
- 1983 Declina do Troféu Juca Pato. Publica *Nova reunião* e o infantil *O elefante*.
- 1984 Publica *Boca de luar* e *Corpo*. Encerra sua carreira de cronista regular após 64 anos dedicados ao jornalismo.
- 1985 Publica *Amar se aprende amando*, *O observador no escritório*, *História de dois amores* (infantil) e *Amor, sinal estranho* (edição de arte). Lançamento comercial de *Contos plausíveis*. Publicação de *Fran Oxen Tid* (Suécia).
- 1986 Publica *Tempo, vida, poesia*. Sofrendo de insuficiência cardíaca, passa catorze dias hospitalizado. Edição inglesa de *Travelling in the family*.
- 1987 É homenageado com o samba-enredo "O reino das palavras", pela Estação Primeira de Mangueira, que se sagra campeã do Carnaval. No dia 5 de agosto morre sua filha, Maria Julieta, vítima de câncer. Muito abalado, morre em 17 de agosto.



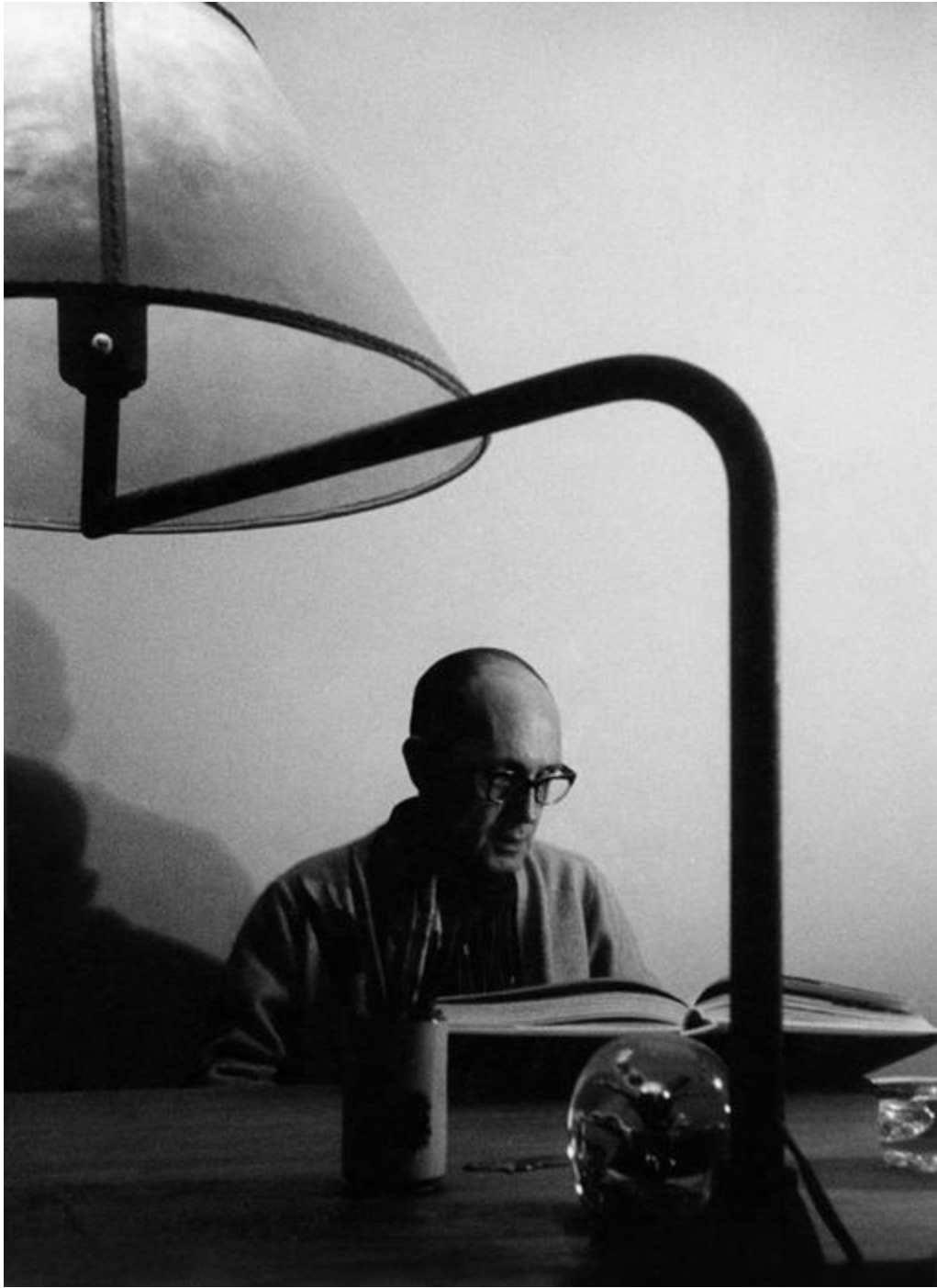
# Índice de primeiros versos

À beira do negro poço  
A chuva me irritava. Até que um dia  
A fuga do real  
A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes  
A madureza, essa terrível prenda  
A poesia é incomunicável  
A sombra azul da tarde nos confrange  
Abre em nome da lei  
Acorda, Luis Mauricio. Vou te mostrar o mundo  
Alguns anos vivi em Itabira  
Amar o perdido  
Amor? Amar? Vozes que ouvi, já não me lembra  
Amor: em teu regaço as formas sonham  
Às duas horas da tarde deste nove de agosto de 1847  
As lições da infância  
Batem as asas? Rosa aberta, a saia  
Bela  
Bem quisera escrevê-la  
Bom dia: eu dizia à moça  
Cada dia que passa incorporo mais esta verdade, de que  
eles não vivem  
[senão em nós  
Cantiga do amor sem eira  
Carlos, sossegue, o amor  
Casas entre bananeiras  
Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus  
Clara passeava no jardim com as crianças  
Como esses primitivos que carregam por toda parte o  
maxilar inferior

[de seus mortos  
Daqui a vinte anos farei teu poema  
De tudo ficou um pouco  
Dentaduras duplas!  
Deus me deu um amor no tempo de madureza  
Drls? Faço meu amor em vidrotil  
E agora, José?  
E como eu palmilhasse vagamente  
E como ficou chato ser moderno  
E é sempre a chuva  
E não gostavas de festa...  
E sempre no passado aquele orgasmo  
Entre o cafezal e o sonho  
Era a negra Fulô que nos chamava  
Era preciso que um poeta brasileiro  
Era tão claro o dia, mas a treva  
Espírito de Minas, me visita  
Esse incessante morrer  
Esta é a orelha do livro  
Estamos quites, irmão vingador  
Este é tempo de partido  
Este retrato de família  
Eu quero compor um soneto duro<sup>4</sup>  
Eu preparo uma canção  
Eu sou a Moça-Fantasma  
Fabrico um elefante  
Foi no Rio  
Ganhei (perdi) meu dia  
Há cinquenta anos passados  
Há pouco leite no país  
Havia a um canto da sala um álbum de fotografias  
intoleráveis  
Imenso trabalho nos custa a flor  
Já não queria a maternal adoração  
João amava Teresa que amava Raimundo  
Lutar com palavras

Mas que coisa é homem  
Meu pai montava a cavalo, ia para o campo  
Minha mão está suja  
Na curva desta escada nos amamos  
Na curva perigosa dos cinquenta  
Não calques o jardim  
Não cantarei amores que não tenho  
Não faças versos sobre acontecimentos  
Não serei o poeta de um mundo caduco  
Negro jardim onde violas soam  
Nesta cidade do Rio  
No céu também há uma hora melancólica  
No deserto de Itabira  
No meio do caminho tinha uma pedra  
Nossa mãe, o que é aquele  
Numa incerta hora fria  
... O apartamento abria  
O coração pulverizado range  
O dente morde a fruta envenenada  
O filho que não fiz  
O meu amor faísca na medula  
O mundo não vale o mundo  
O poeta municipal  
Onda e amor, onde amor, ando indagando  
Os cacos da vida, colados, formam uma estranha xícara  
Os desiludidos do amor  
Os impactos de amor não são poesia  
Os romeiros sobem a ladeira  
Paloma, Violetera, Feuilles Mortes  
Pede-se a quem souber  
Perdi o bonde e a esperança  
Poesia, marulho e náusea  
Por que amou por que a!mou  
Preso à minha classe e a algumas roupas  
Provisoriamente não cantaremos o amor  
Quando mataram

Quando nasci, um anjo torto  
Que a terra há de comer  
Que barulho é esse na escada?  
Que coisa é maralto?  
Que pode uma criatura senão  
Que quer o anjo? chamá-la  
Salve, reino animal:  
Se uma águia fende os ares e arreбата  
Sequer conheço Fulana  
Sinto que o tempo sobre mim abate  
Sobre teu corpo, que há dez anos  
Sombra mantuana, o poeta se encaminha  
Sorrimos para as mulheres bojudas que passam como  
cargueiros adernando  
Talvez uma sensibilidade maior ao frio  
Tenho apenas duas mãos  
Tenho saudade de mim mesmo  
Trabalhas sem alegria para um mundo caduco  
Um inseto cava  
Um silvo breve: Atenção, siga  
Uma semente engravidava a tarde  
Vai, Hotel Avenida  
Vamos, não chores...  
Vi moças gritando



meus ombros suportam o mundo  
e ele não pesa mais que a pena  
As guerras, as fomes, as discórdias  
provam apenas que a vida é dura  
e nem todos se libertaram dela  
Alguns, achando bárbaro o mundo  
prefeririam (os delicados) morrer  
Chegou um tempo em que

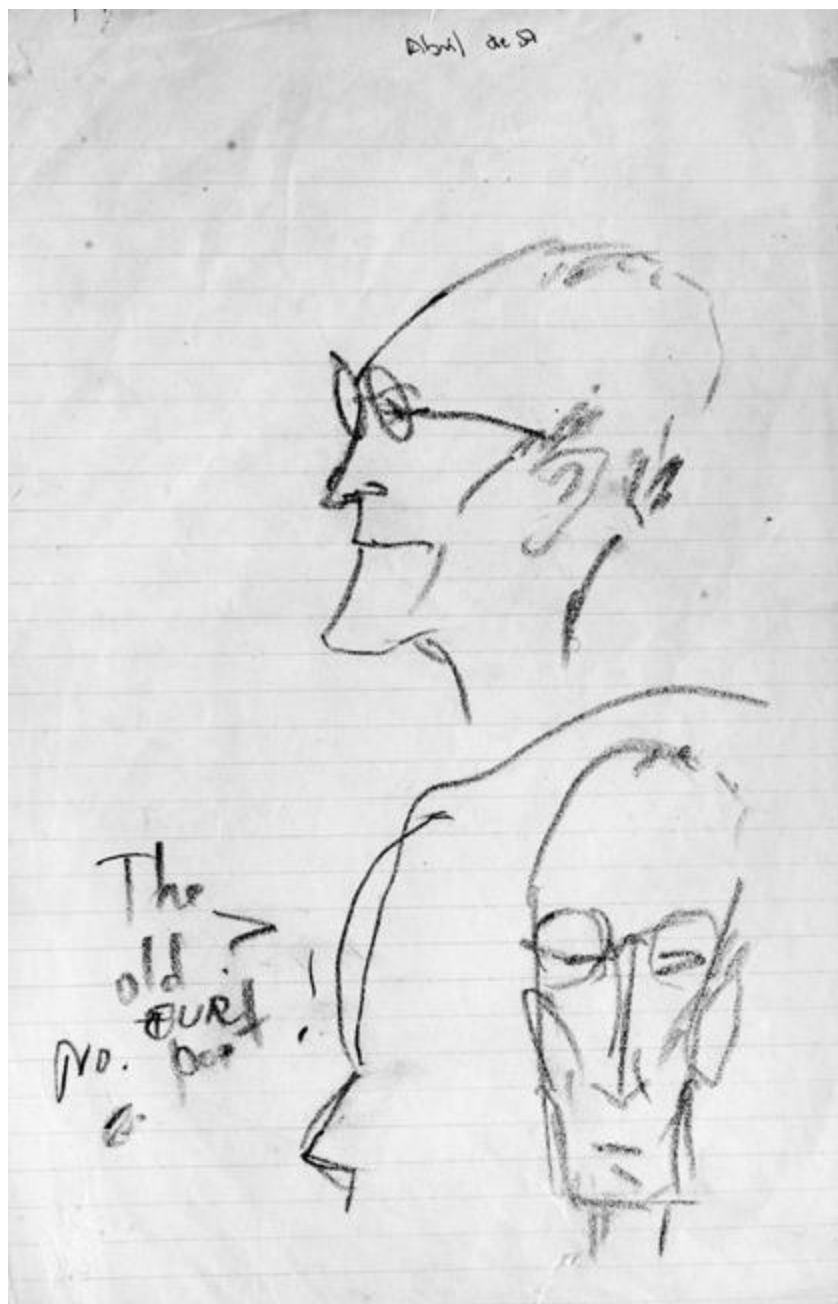
Segunda Edição Editora do Autor

**ANTOLOGIA  
POETICA  
CARLOS  
DRUMMOND  
DE ANDRADE**

1. A moderna capa produzida para a Editora do Autor.

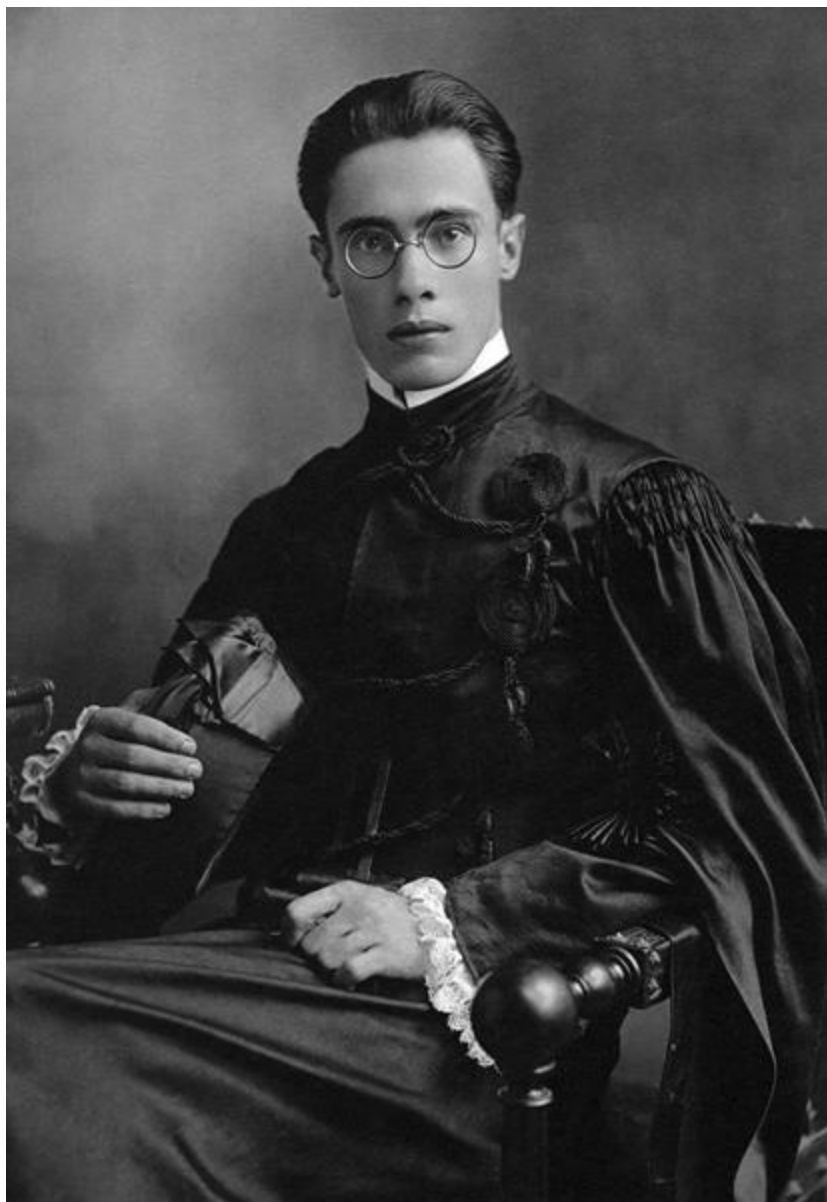


2. Com os críticos Alceu Amoroso Lima e Francisco de Assis Barbosa.



3. Caricaturas esboçadas pelo poeta (1957).





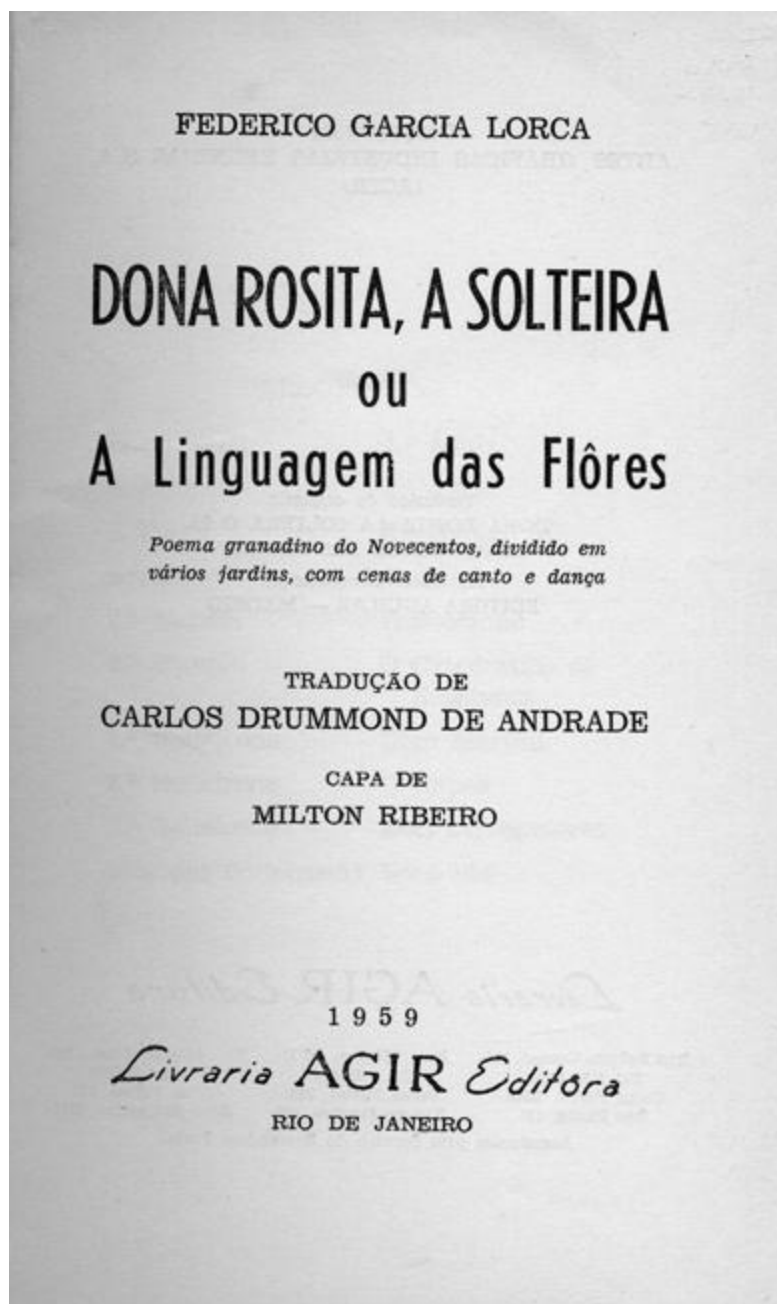
4. Altivo, irmão de Drummond, no dia de sua formatura no curso de direito (1919). Ele morreria em 1961.



5. O pintor Candido Portinari, amigo do poeta, em 1956. O artista morreria em 1962.



6. Com Manuel Bandeira, Peregrino Júnior, Curt Meyer-Clason, Guimarães Rosa, Athos Pereira (atrás, de óculos escuros), Geraldo França Lima e Fábio Penna Veiga na sede da editora José Olympio, 1965.



7. Folha de rosto da tradução feita por cda de Doña Rosita la Soltera, de Garcia Lorca, publicada em 1959.



8. Com o neto Pedro Augusto, nascido em 1960, e Dolores (1981).

# Crédito das imagens

Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

© Alécio de Andrade/ Cortesia do Instituto Moreira Salles, 1963.

1.

Cortesia de Mariana Newlands.

2, 3, 6 e 8.

Acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa/ Arquivo Museu de Literatura Brasileira. Fundo Carlos Drummond de Andrade. Reprodução de Ailton Alexandre da Silva.

4.

Cortesia de Myriam Goulart de Oliveira.

5.

Fotografia do Acervo Projeto Portinari. Reprodução autorizada por João Candido Portinari.

7.

Acervo Decio de Almeida Prado/ Acervo Instituto Moreira Salles.

Carlos Drummond de Andrade  
© Graña Drummond  
[www.carlosdrummond.com.br](http://www.carlosdrummond.com.br)

Grafia atualizada segundo o Acordo  
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

capa e projeto gráfico  
warrakloureiro  
sobre (), de Alberto da Veiga Guignard,  
1961, óleo sobre tela, 49,5 x 39,5 cm.  
Coleção particular. Reprodução: Felipe Hellmeister  
pesquisa iconográfica  
Regina Souza Vieira  
estabelecimento de texto  
Antonio Carlos Secchin  
preparação  
Léo Rubens  
revisão  
Huendel Viana  
Ana Luiza Couto  
ISBN 978-85-8086-322-2

Todos os direitos desta edição reservados à  
editora schwarcz s.a.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 – São Paulo – sp  
Telefone (11) 3707-3500  
Fax (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

# Table of Contents

[Rosto](#)

[Sumário](#)

[ANTOLOGIA POÉTICA](#)

[Informação](#)

[UM EU TODO RETORCIDO](#)

[Poema de sete faces](#)

[Soneto da perda da esperança](#)

[Poema patético](#)

[Dentaduras duplas](#)

[a bruxa](#)

[José](#)

[A mão suja](#)

[A flor e a náusea](#)

[Consolo na praia](#)

[Idade madura](#)

[Versos à boca da noite](#)

[Indicações](#)

[Os últimos dias](#)

[Aspiração](#)

[A música barata](#)

[Estrambote melancólico](#)

[Nudez](#)

[O enterrado vivo](#)

[UMA PROVÍNCIA: ESTA](#)

[Cidadezinha qualquer](#)

[Romaria](#)

[Confidência do itabirano](#)

[Evocação mariana](#)

[Canção da moça-fantasma de](#)

[Belo Horizonte](#)

[Morte de Neco Andrade](#)

[Estampas de Vila Rica](#)



prece de mineiro no rio  
A FAMÍLIA QUE ME DEU

Retrato de família  
Os bens e o sangue  
Infância  
Viagem na família  
Convívio  
Perguntas  
Carta  
A mesa  
Ser  
A Luis Mauricio, infante

CANTAR DE AMIGOS

Ode no cinquentenário do poeta brasileiro  
Mário de Andrade desce aos infernos  
Viagem de Américo Facó  
Conhecimento de Jorge de Lima  
A mão  
A Federico García Lorca  
Canto ao homem do povo Charlie Chaplin

NA PRAÇA DE CONVITES

Coração numeroso  
Sentimento do mundo  
Lembrança do mundo antigo  
Elegia 1938  
Mãos dadas  
Congresso Internacional do Medo  
Nosso tempo  
O elefante  
Desaparecimento de Luísa Porto  
Morte do leiteiro  
Os ombros suportam o mundo  
Anúncio da rosa

## AMAR-AMARO

Contemplação no banco  
Canção amiga

O amor bate na aorta  
Quadrilha  
Necrológio dos desiludidos do amor  
Não se mate  
O mito  
Caso do vestido  
Campo de flores  
Escada  
Estâncias  
Ciclo  
Véspera  
Instante  
Os poderes infernais  
Soneto do pássaro  
O quarto em desordem  
Amar  
Entre o ser e as coisas  
Tarde de maio  
Fraga e sombra  
Canção para álbum de moça  
Rapto  
Memória  
Amar-amaro  
Poesia contemplada  
O lutador  
Procura da poesia  
Brinde no banquete das musas  
Oficina irritada  
Poema-orelha  
Conclusão  
Uma, duas argolinhas  
Sinal de apito

Política literária  
Os materiais da vida  
Áporo  
Caso pluvioso  
Tentativa de exploração e de  
interpretação do estar-no-mundo  
No meio do caminho  
Os mortos de sobrecasaca  
Os animais do presépio  
Cantiga de enganar  
Tristeza no céu  
Rola mundo  
A máquina do mundo  
Jardim  
Composição  
Cerâmica  
Relógio do Rosário  
Domicílio  
Canto esponjoso  
O arco  
Especulações em torno da  
palavra homem  
Descoberta  
Eterno  
Maralto  
A um hotel em demolição  
A ingaia ciência  
Segredo  
Vida menor  
Resíduo  
Movimento da espada  
Intimação  
Canto negro  
Os dois vigários  
Elegia

Posfácio

[Leituras recomendadas](#)

[Cronologia](#)

[Índice de primeiros versos](#)

[Caderno de fotos](#)

[Crédito das imagens](#)

[Créditos](#)